SENTIMENTOS
HARMONICOS

PELO

Dr HAMVULTANDO

DOUTÔR EM MEDICINA PELA FACULDADE DO RIO DE JANEIRO,
PROFESSÔR HONORARIO DA SOCIEDADE PROPAGADÔRA DAS BÉLLAS-ARTES,
CAVALLEIRO DA IMPERIAL O'RDEM DA ROZA,
OFFICIAL DO CONSÊLHO NAVAL, ETC.

RIO DE JANEIRO
FREDERICO WALDEMAR, EDITOR
ANTIGA CASA DE F. DIDOT E MORIZOT
112, RUA DO OUVIDOR

PARIZ
MORIZOT, LIVREIRO-EDITOR
3, RUA PAVÉE SAINT-ANDRÉ

SENTIMENTOS
HARMONICOS

SENTIMENTOS

HARMONICOS

PELO

D[R] HAMVULTANDO

DOUTÔR EM MEDICINA PELA FACULDADE DO RIO DE JANEIRO,
PROFESSÔR HONORARIO DA SOCIEDADE PROPAGADÔRA DAS BÉLLAS-ARTES,
CAVALLEIRO DA IMPERIAL O'RDEM DA ROZA,
OFFICIAL DO CONSÊLHO NAVAL, ETC.

RIO DE JANEIRO
FREDERICO WALDEMAR, EDITOR
ANTIGA CASA DE F. DIDOT E MORIZOT
112, RUA DO OUVIDOR

PARIZ
MORIZOT, LIVREIRO-EDITOR
3, RUA PAVÉE SAINT-ANDRÉ

PROLOGO DO EDITOR.

Em um circulo escolhido de amigos, todos entendedores em assumptos de litteratura, foi que assistimos ao Sñr D^{r} Hamvultando lêr os *Sentimentos harmônicos*. Da primeira á ultima pagina vimosnos sob a influencia das circumstancias caracterisadas por La Bruyère, e ficamos pela justa decisão d'este : « Quando uma leitura vos eleva o espirito, « e vos inspira sentimentos nobres e vigorosos, « não procureis outra regra para julgar da obra : « ella he bôa e feita de mão de mestre. » Foi então que solicitamos do authôr nos quizesse proporcionar a faculdade de dar á luz da imprensa as suas producções. Urgião-nos dois motivos : um

provinha de um impulso espontaneo, sympathico, e instinctivo pelos *Sentimentos harmônicos*, o outro proveio da convicção que nutrimos de que prestamos um serviço ao paiz; porquanto a obra que publicamos he d'aquellas á que se refere Cuvier : « He máis necessario do que se presume, para « aprender a raciocinar bem, applicarmo-nos ás « obras que de ordinario passão por serem apenas « bem escriptas. Com effeito, os primeiros elemen- « tos das sciencias não exercem bastante a logica, « talvez, precisamente porque estes são muitissimo « evidentes; e he nos occupando com as materias « delicadas da moral e do gosto que adquirimos « essa fineza de tacto que conduz só ás altas desco- « bertas. »

O Brazil já se orgulha de uma litteratura, e não lhe cabe o dito célébre de La Bruyère : « *Um povo « sem litteratura he como mudo entre os outros po- « vos* » : nem deixará de propiciar com a sua complacencia a grinalda que o Sñr D^r Hamvultando vem de cingir á fronte do joven Gigante.

Esperamos que cada vez mais se reconhecerá que a nossa casa (mercê de Deos!), tão vantajosa-

mente conhecida no Imperio, não se poupa á dispendios, e até á sacrificios, quando se trata de corresponder á confiança que os talentos nacionaes depositão em nossos bons desejos e continuos esforços de servir um publico illustrado.

FREDERICO WALDEMAR.

PRELIMINAR.

Eu sou do parecer d'aquelles que rejeitarîam vaguear de órbe em órbe, percorrer o universo inteiro, si lhes fòra impósta a condição de îrem sós, sem jamáis podêrem communicar á outros o que vìssem, soffrêssem, gozássem, n'uma palavra, sentîssem. He assim que escrever o que sinto he para mim um dos prazêres extrêmos; he assim que os meus — *Sentimentos harmônicos* — fôram escriptos sem móvel algum máis do que este de expandir meu ànimo em ânimos generosos de meus similhantes.

N'um paîz novo qual o nosso ainda ha quási tudo á fazer. Elle tem vencido apênas trêz séculos e meio de existência, e os seus tempos de liberdade dátam ainda de ha bem poucos lustros. Depois da maioridade do Imperadòr, e só n'este ùltimo decênnio, he que as nossas coisas se vam encarreirando nas sendas do verdadeiro progrésso. As artes, a indùstria, as sciências, se desinvólvem, e prométtem assegurar ao Estado um porvir tranquillo e feliz : mas com que difficuldades não se ha mistér luctar no alcanse de tam humanitário propósito! Confessêmol-o; os Govêrnos passados negligenciá-

ram desde lógo preparar, como convinha e lhes era devêr, o nosso pôvo : deixáram-n-o ahî criar-se ao leite e aos braços de escravos, habituar-se aos luxos e á mollêzas asiáticas, educar-se entre civìs rebelliões injustas, inìquas, sangrentas, inûteis e egoîsticas; desvairar entre as dissenções de parcialidades sem fé ou sacrificadas á influências maléficas de poucos; atropellar-se, por todo o Império, de cidade em cidade êrmas todas de indûstrias, de artes, de estabelecimentos, finalmente, onde a infância, a juventude, a velhice, os hômens, as mulhéres, encontrássem um seguro recurso para exercitárem seus braços, entretêrem seus espìritos, procurárem sua vida, ampárárem seus dias.....

Como quér que sêja, nós ìamos sendo um pôvo singular, — tam cêdo avelhentado, e abhorrido como que já pela saciedade de tudo! Em nada máis se depositava confiança; nem gôsto máis, nem vagar se tinha de proseguir no cultivo das béllas-lêttras, só próprias da paz e estabilidade da órdem, quando as posições se vêem bem definidas, e quando o patriotismo fructifica. — Destrêza nas eleições, declamações inanes e pomposas nas Câmaras, hypocrisìa ou desfaçamento ante os Verres e os Sejanos, éram provisões de que se enreque-

cîam ou que ambicionávam entâm, porque só isto era o positivo da épocha.....

Não obstante, porêm, graças á Deus e ao Imperadôr! uma regeneração se vái operando entre a sociedade brazileira hodierna. As nossas instituições tam liberáes se identificam intimamente com a nossa existência; a confiança renasce, o pôvo repousa, e já póde e já sabe consagrar momentos ás doçuras e ás recreações do pensamento, d'antes preteridas pelos rancôres ferozes dos partidos, pelos phrenesîs da ambição, ou pela estupidêz desinquiéta de tribunos ou da relé popular.

Não deixa de sêr um grande argumento da fôrça que a nação possûe actualmente este facto de abater ou abandonar ella o pavoroso suggésto dos insuffladôres de distûrbios civìs, — para se volver mansamente aos attractivos da intelligência pacîfica : *Rien n'est si fort que ce qui est doux*[1].

Animado agóra pela face esperançosa que vái tomando a nossa sociedade, eu ouso apresentar em pûblico os meus — *Sentimentos harmônicos.* — N'elles se revélam alliadas as sciências naturáes, moráes, e polîticas, tanto em objecto de descripção, quanto em têrmos de comparações, elementos de imágens, e idéias.

[1] LAMARTINE, *Voyage en Orient.*

Bem percebî que estas poesîas se collócam fóra da *eschola* que temos no paîz, mas como o pertencer-lhe não he obrigatório nem me impórta um ostracismo, não me afflijo : cada um *sinta* como *sentir*. Sempre, eu sempre me prezei de sêr eu próprio quando na consciência, desassombrada e livre, deparo inspirações; si a consciência me toma a responsabilidade de meus actos, — entâm minha corágem no obrar he inflexîvel e inabalável :

Le singe est né pour être imitateur,
Et l'homme doit agir d'après son cœur [1].

As crîticas dos hòmens competentes, de juìzes insuspeitos (si porventura me lisonjêio de lh'as merecer), serão para mim honra e glória ineffável. As crîticas de insensatos, de aventureiros, e eunuchos da litteratura [2] absolutamente nada adiantarão.

Rio de Janeiro, 1859.

Dr Hamvultando.

[1] Voltaire, *Nan.*, act. I, sc. I.

[2] Filinto Elysio disse : Ha cértos crîticos que á tudo põem pécha, e que não escrevendo, nem sendo capazes de escrever, quérem impédir que os outros escrêvam. Eu não acho comparação que lhes quadre melhór que a dos eunuchos do serralho :

Il n'y fait rien, et nuit à qui veut faire.

SENTIMENTOS HARMÔNICOS.

A' VOLTAIRE.

> Hélas! je ne viens point célébrer sa mémoire:
> La voix du monde entier parle encor de sa gloire.
> (VOLTAIRE, *la Mort de César,* trag., act. III.)

D'entre as ruìnas, d'entre o estrago, e olvído
Que o tempo sôbre a afflicta humanidade
Sópra, esparge, amontôa inexorável, —
O distincto podêr do hômem de gênio
Não trepìda ante a mórte, e no desérto
Sem limites dos séculos, — só elle
Domina etérno, e se érgue sobranceiro!
O résto dos humanos, quando a mórte
Os-expulsa dos valles d'esta vida, —
Ao sepulchro rebáixam, com seus córpos
Os seus nomes e acções que perfizéram;
E nada, ah! máis indíca sôbre a térra
Sua passágem; — muda a eternidade
Sua inane existência inteira abafa.

. . . .
. . . .

Perdôa, sombra augusta! si o repouso
Em teu moïmento fûlgido de glória
Vem braziliense bardo á quebrantar-t'o!
Voltaire! extrema audácia me levanta
A' render-te hôje o feudo de meus cantos.
Voltaire!... Sôbre a fronte d'elle brîlham
Todos os dons que a intelligência encérra:
Oh! d'elle ao nome as gentes do universo
Estranhadas fremîram respeitosas; —
Que os póbres, que os humildes, e infelizes
Reconhecêram n'elle o máis strênuo,
E o máis férvido defensôr; — e a pátria,
A amizade, a justiça, e a humanidade
Adorávam-n-o pái que máis velava-os;
Os riccos, potentados, rêis, e prîncipes,
A subêrba ou o sceptro embrandecendo,
Voávam á procural-o, e sam ditosos
Si um olhar, si uma lêttra, ou si a presença
Lhes concede de si próprio o grande hômem
Que os-offusca ao splendôr de sua glória:
Oh! ante este prostérnam-se, e não raros
Alcânçam por elle ûnico essa fama
Que imparciáes os pósteros delîssem
Ou que inda nem siquér aventarîam

Sem as etérnas páginas que a-ampáram.

Céos! a calûmnia, a invéja, o fanatismo,
Irritadas nos peitos de mil monstros,
O-invéstem com a ráiva e o desespêro
Que em luttas a impotência empréga sempre...
Mas, ái! nós, que de longe venerâmos
De Voltaire o destino grandioso, —
Deslembremos as máguas de su' alma,
Cruéis tormentos, transes dolorosos
Que elle passou durante que assentava
Os fundamentos immortáes da glória
Que á um só tempo o-exalta e a humanidade!
— De ingratos, inimigos circumdado,
Que ao abysmo conjûram-se á arrojal-o,
Lá vái firme, magnânimo, e inconcusso
Proseguindo na senda que á memória
Dos séculos conduz e á eternidade...
Erguida a larga fronte, onde s'inflâmmam
Sublimes pensamentos, — entre as turbas,
Os ólhos fulgurosos que scintîllam
Igneo amôr da sciência, êil-o que scruta
Os devêres do pôvo, e os dos monarchas,
Do Supremo a existência irrefragável,
E as immutáveis lêis da naturêza: —
Em seus preceitos o hômem só depare

Na virtude o prazêr que o-faz ditoso;
Que os póvos só por ella se modélem;
Os monarchas de amal-a não prescìndam;
E sempre que a-remóvem de seus actos, —
Ao hômem sobrevêm pena infallìvel,
Aos póvos a abjecção e a decadência,
Aos monarchas os ódios de seus sûbditos;
E proclama que o sêr humano, e o bruto,
E o vegetal, e os córpos inórgânicos,
Sem reluctância, attêndem o alto aceno
De Motôr-Necessário, que os-dirige
Para um fim que, si ignoto de nós mesmos,
Não he menos constante ou effectivo,
Quanto o-he a existência da harmonìa
Ou da órdem consequente do universo;
Deus he, em sua bôcca, da natura
Alta orìgem increada e creadôra,
E que infinito, e sábio, e omnipotente
Penas ao crime, — prêmios á virtude,
Póde, si o-queira, justo instituir-lhes:
Nossos annáes authênticos, e a história
Do pretérito, e a consciência, e exemplos
Do presente, — na vida successivos, —
Os dictames irrevocáveis firmam
Que o maiór dos philósophos consagra.
Mas os bárbaros phariseus, que adóram,

Que ensinam á adorar a Divindade
Co' as fogueiras, co' a fôrça, co' os eqûuleos,
Já violentos brádam indignados :
« Sacrîlego descrê do Sêr-Supremo!!!
« Aos monarchas infenso e ás leis despréza-os,
« E em seus escriptos immoráes intenta
« Solapar o edifìcio em que consîstem
« As venturas, socêgo e a liberdade
« Dos póvos, que de execrações o-cólmem,
« Se ármem com o punhal para immolal-o
« O detestando athêo, — ou devovel-o
« A' perpétuo extermînio opprobrioso. »

Verdades de que o mundo precizava,
Verdades sem que o mundo he cháos horrendo,
Elle próvido aos hômens as-revéla;
D'est' arte a árida sêde lhes extîngue
Dos méstos corações, e seus espìritos,
Débeis e sem calôr, vigora e alenta-os :
Ah! si succumbe, — aquelles succumbìram...
Vós, ingratos! sustái cruentas fûrias;
He um Gênio divino! Oh! he Voltaire!
Estultos parricìdas! — contemplái-o,
E alliái-vos nos vótos que o órbe inteiro
Vem depôr aos seus pés, surprehendido
Da insigne magestosa profundêza

De sua intelligência immensurável : —
O alcáçar da immortalidade lhe abre
De par em par as diamantinas pórtas...
Não descontinuáis de... laceral-o?!
Que? laceral-o! — Nunca; illéso ostenta-se:
Pois bem; mas provocado se resente, —
E a vingança de um gênio he terrorosa!
Quando o leão nos páramos estéreis
Da Ly'bia ás puras fontes dos oásis
Vai inexpértos filhos conduzindo
Nada teme por si, — porêm recêia
Vêl-os prêzas do tigre ou rhinocéro:
Ai! dos que com as garras se lhe atrévem!
Vencido nunca o-prostarão; que em térra
Ao régio podêr subjugados cáhem;
E elle os-atira á próle, que do oásis
Entre os verdôres flóridos subsulta; —
Assim Voltaire, ás gentes do universo
Atira os sycophantas que o-perséguem;
Os quáes preferirìam, si pensássem
Na irrisão, nos ludìbrios dos vindouros,
O silêncio do nada em que jazêssem...

O progrésso das luzes que esclarécem
As nações hodiérnas, — se deriva
Dos disvéllos, de influxos salutares,

E do zêlo indefésso de Voltaire : —
Foi elle o antemural onde se québram
As máis pérfidas séttas da ignorância :
Rêis, fidalgos, magnatas, vulgo rude,
Honestos cidadãos, — se revolvìam
Em demente tumulto de phantasmas,
De despotismo, de indigência, e crimes;
Caliginosas trévas máis se addênsam
Emtôrno ás sociedades miserandas :
Aquì, só os aspectos se divìsam
De escravos, de perversos, de tyrannos;
Risos do cortezão traidôr e hypócrita
Satânico ruidar de infames órgias;
Da secúre homicìda ao tôrvo brilho
As mãos de corrompidos magistrados;
Alêm, o prantear triste dos órphãos;
Suspiros da innocência, á crûs supplìcios,
Ao cárcere arrastrada, ou á deshonra;
— Violência e servidão por toda a parte! —
N'este quadro de horrôres, que o-enternece,
Que generosa indignação lhe inspira,
Eis Voltaire se demóra angustiado...
E érgue-se, e as suas vózes eloquentes,
No theatro, no fôro, e nos escriptos,
Sempre a causa da humanidade advógam :
Ellas vam echoar desde os tugûrios

Aos faustosos palácios, desde os campos
A's capitáes e ás côrtes opulentas;
A razão, e a justiça, por seus lábios,
Nos ânimos deslîzam convincentes;
As idéias fermêntam, se amplifìcam,
E exìmem-se do jugo da ignomìnia
E da apáthica ignávia em que perécem:
Os déspotas, tyrannos subaltérnos,
E ìmpios auctorisados sceleratos,
Horripîlam-se entâm espavoridos;
A' vêz primeira os tîtulos que arrógam-se
Córrem analysados, máis sujeitos
A' discussão, e á dûvida d'aquelles
Que ha dilatados évos os-suppórtam!
Os costumes máis brandos se refórmam;
Civîs códigos, crimináes, polìticos, —
Mais consentâneos á natura instáuram-se;
E a liberdade, já desaffrontada, —
Si inda tîmida e incérta se entremóstra.

Quando tênues arrôios o seu curso
Sôbre um sólo areiento e nû prolôngam
Seccarîam allì, — mas já depárem
Com um rïo caudal que as ondas róla
Ao oceâno, — ao oceâno as ondas
D'esses tênues arrôios tambêm vólvem

Dentro acolhidas no álveo copioso :
De um módo similhante se apresêntam
Voltaire e aquelles que opprimidos gêmem;
Sim; as virtudes perseguidas d'estes,
Sepultadas na obscuridade ignóbil,
Vêr-se-hìam extenuar mudas, inultas,
Sem jamáis lhes ouvìrem seus clamôres,
Mas nas páginas d'elle recolhidas
Eis vôam com ardôr denunciar-se
Ante o grave conspecto do universo.

Elle deixa a cidade, — assoberbada
Pelo cégo rancôr de insanos réprobos,
Longe dos phariseus, Voltaire asyla-se
Na soïdão dos montes e dos campos :
Lá, em su' harpa divinal exhala
Dôces modulações dignas do bardo
Que exhalára inda jóven entre assombros
Dos riváes, — si riváes elle tivesse! —
Nóbres modulações que a poesìa
Nunca soube dos bardos máis sublimes;
Lá, fallar a linguágem que aprendêra,
E que sempre fallou, — a da virtude,—
Nem um momento negligente olvìda.
Porêm, depois, no extremo de seus dias,
Deixa os agrestes lares, e consente

Já entrar em Parîz, d'onde os vis monstros,
Que elle devêra de esmagar ao pêso
De sua glória etérna, — enraivecidos
Tantas vêzes outr' óra o-expatriáram!
Tudo lhe foi triumphos!... Em seu carro
Oh! não se dôuram c'rôas de monarchas,
E no entretanto o pôvo se aggloméra
Ante a passágem d'elle, — pelas praças,
Pelas ruas, e ás pórtas, nos eirados,
Nas janéllas, nas amplas galerîas:
Todos só quérem, todos só anhélam
Lhe vêr a face augùsta; vélhos, jóvens,
Castas vîrgens, matrônas, póbres, riccos,
Associam seus vivas, seus applausos;
Suas bênçãos se elévam reunidas
Sôbre esse hômem que os séculos por vîrem
Em gyro perennal acclamarîam! —
Os espôsos, e espôsas, páes, e filhos,
Cada qual se appressura em offertar-lhe
Seus óbolos de amôr, de enthusiasmo,
Orvalhados em lágrymas de jûbilo:
Ao cóllo a mãi transpórta seus infantes
A' lhes mostrar Voltaire, e lhes ensina
Pronunciar o nome gloriosìssimo
Do bemfeitôr da humanidade, e póssam
Ufanar-se de havel-o contemplado...

Os que bébem as águas do Danûbio,
Do Eyder, do Dahl, e Dramme, do Niémen,
Do Tibre, e Sena, e Téjo, e Escalda, e Tàmisa,
Do Amazonas, do Prata, e Mississìpi, —
Conhécem-lhe o seu nome tam suave,
Nome que symbolisa a fôrça máxima
Que desinvolve o espìrito na vida: —
Por elle méde-se a grandêza immensa
Do Infinito Creadôr da Naturêza!

REMINISCÊNCIAS E SAUDADES.

Equidem meminisse juvat, quum abessem, quotiescumque patria in mentem veniret, hæc omnia obcurrebant, colles, campique, et adsueta oculis regio, et hoc cœlum sub quo natus educatusque essem. (Titus Livius.)

E o crepùsculo êis já se desvanece,
Extincto, — assoberbado pelas trévas,
Como a innocência oppressa dos horrôres
Que inìquos poderosos lhe amontôem...

Tu, oh bardo, discantas tam saudoso!
— Desespéras da vida, e te ir aspiras
Após o astro que fenecer etérno, —
E nunca máis fruìl-o te affiguras...
Bardo! só sabes tu quáes pensamentos
Se te acórdam entâm no grêmio d'alma!

Sentado á cópa das mangueiras, amo
Os hymnos murmurar emquanto echôa

O canto rude, e despedido em gritas,
Dos náutas que s'embálam no oceâno :
Minhas vistas alongo ás nêgras vagas
Que involve a noite em vaporosas sombras,
E no extremo horizonte mal distingo
Débil clarão, qual luz de frouxa lâmpada
Em alvérgue de enfermo que a-repelle;
Manso e manso clarão avulta e médra,
— He a lua que assoma, e a face mostra
De graciosa oval, accêsa em pùrpuras, —
Como a nôiva gentìl ao vêr que a-espéram
Em seu sahir do templo amantes jóvens!

Exilado, ái de mim! das lindas plagas
Onde o hálito dos céos gozei primeiro,
M'enlévo em repassar-me nas memórias,
Nos affectos que lá me salteávam :

Oh! sim; a lua igual d'esta brilhava
Quando ùltimo spirei o éther da pátria;
Os meus ólhos, em lágrymas immersos,
Apenas máis saudosa a-contempláram!...

Esváem-se para mim as scenas todas
Que junto á Guanabára magestosa
Os sentidos perplexos me apresêntam :

Sôbre os pátrios limites
Eu, nas azas da phantasìa, páiro :

Extático me prêndem outras scenas
Que a férvida ância dissedêntam d'alma;
D'ellas pendo innocente, qual ao cóllo
De mãi enternecida
Pende o mimoso infante acalentado.

. . . .

. . . .

Allî diviso os môrros de alva arêia,
E os gravatás e os cactos que os-recìngem,
— Quási emblemas da rigidez austéra
Do bravo pôvo que esse clima habita :

Como as raìzes d'estas plantas rûsticas
No sólo entrelaçando-se o-resguárdam
Contra o estrago dos euros, — vós, oh pôvo,
Guardái de nossa pátria a liberdade!

Quantas vêzes, — deixando o lar patérno,
Vinha eu sentar-me ahì todo embebido
Em sério meditar! — e n'estas hóras
Quam affável o mundo me surrìa!

Folgava de assistir ao mar erguer-se,
De gráu em gráu medrar em tôrvas fûrias,

Quebrar nos arrecifes, e excedêl-os,
Vindo ufano rolar na práia ao longe;

Entâm disséra ouvir-lhe : « Quem ousára
Vedar-me o livre império, agrilhoar me?! »
E brame e ruge horrîsono; — mas bréve
A's lêis fixas de Deus plácido humilha-se;

E os arrecifes lá sûrgem de nôvo, —
Assim próbos varões si os extermînam
Inimigos que os-pîzem, mal recóbre
Seus fóros a razão, — eil-os rebrîlham :

E quáes nûvens diáphanas vagando
N'um céo puro e azulado ao sôpro eólio,
Em noite estiva de um luar sereno
Sôbre as ondas deparo á branqueárem
De innûmeras jangadas as latinas
Triangulares vélas. Lédo olvida-se
De quanto he póbre o pescadôr si acaso
Vêr imagina em o tugûrio a espôsa,
Sua espôsa fiél, e os charos filhos,
A seguîrem lhe a sombra, que se perde
N'aquella extrema linha do horizonte :
A'nimo, oh pescadôr! eu testemunho
As ternuras da bélla; he cérto : vês-l-a?

Ante o casto limiar em ti só pensa,
Por ti, — pharól de amôr, na práia accende
Longo feixe de arbustos que derrâmam
Fulgurosos olôres... Mas, chegaste...
Surrindo ella te abraça, e vêem teus filhos;
Não temas seu surriso, e os seus amplexos.

De um lado o *Mocoripe* o fulvo côrpo
Junto ás ondas cerùleas do oceàno
Recósta grandioso, — assimilhando
Leão que se abbrevára e que adormece:

Como ataláias, lá distantes sérras,
Revestidas de azul, o cimo elévam;
E incantadôra aquì fulge a cidade
Ao splendôr triumphal do rei dos astros:

Em frente se alça antiga fortalèza
Onde o brazìleo pavilhão tremùla;
Co' os quebrados repáiros symbolisa
Guerreiro que de inércia se enfraquece!

Entre os seus baluartes derrocados
Eu de evocar a história me aprazìa
Do indìgena infeliz que á mórte, aos férros,
Ao *emboaba* invasòr, cedêo co' a pátria:

E mil e mil coqueiros se enfilêiram
Emtôrno ao Ceará, quáes Tobayáras
Com os vêrdes pennachos se agglomeram
Em róda de seu chefe que repousa :

Não; nem faustosos pórticos lhe estêndem
Riccas, marmóreas, infinitas ruas,
E nem prodìgios d'arte lhe reálçam
O seu ûnico adôrno, — a naturêza ;

Ah! si obscura em grandêza, isso que impórta?
Achei em ti meus páis, e amigos cértos,
— Os entes por quem eu darìa a vida,
E dêvo, oh pátria! amar-te, dêvo, e te amo!

Não odêio por isso as irmãas suas[1],
Assim plûmeo cantôr os murchos galhos
Que o ninho lhe suspêndem ama e ségue
Sem viços desamar que véstem outros :

Suas vìrgens se ostêntam formosìssimas,
De cândido pudôr se vélam sempre,
E ao thálamo do espôso quando vôam
A grinalda alvi-flôr cìngem sem mancha;

He esta a hóra de as-vêr em seus alvérgues,
Nas lûcidas janéllas confiárem-se

[1] As demáis provìncias do Brazil.

Entre si innocentes, dôces prácticas,
Nos meigos lábios deslisando os risos;

He esta a hóra de as-vêr tam pensativas
Contemplando o luar, emquanto as áuras
Amorosas da noite as nêgras tranças
No ternìssimo cóllo espárgem sôltas!...

A chlâmyde que traja allì a noite,
De estrêllas recamada, não negrêja, —
He qual véste de viùva jóven si o ouro
Os luctos lhe modéra e os-volve em galas:

Minha singéla infância ahì gastei-a
A conversar-lhe os prados e arvorêdos;
A frequencia dos hômens me abhorrìa
O ânimo, — á liberdade só attento!

Da naturêza os quadros sam o sólo
Onde o meu coração se desabrócha,
Sam fecundos jardins onde renasce
Viçoso ou animado,
D'antes cahido na aridêz da vida:

Não ouvìs? êis levanta o gallo alérta
Canto despertadôr na madrugada, —

Entre alvos mudos tectos da cidade
Espalha as crébras vózes
Qual o único vivente entre sepulchros :

Inda não surge o sol das argentadas
Purpûreas nûvens, e eu despéço o leito,
Respirar quero os hálitos das flôres,
Ou escutar nas plagas
O lûgubre alcyon qual eu tam triste!

Oh! tam grato me fôra espairecer-me
Por entre os arvorêdos solitários!
E ouvir trinos dulcìsonos dos pássaros
Cujos tenros herdeiros eu tirava-lhes!

Inda me lembro assaz : estremecido
Em seus patérnos bêrços
Os-trago ao meu alvérgue;
Nas livres hóras das manhãas, das tardes,
Objectos muito innóxios
Elles sam d'esses brincos de meus annos;

Que? nem éram nascidos, e applaudìa-me
Podesse assim portar-me;
A's ramágens subido, —
O ôvo de que provêm eu revistava-lhes :

Ah! via antes de sêrem
Os mesmos que eu depois mórtos chorava!

Debaixo d'azas de seus páis zelosos,
Que aquecìam seu gérmen
Pairava a minha idéia
Como que accrescentando ás plumas d'elles
Calôr vivificante,
Que eu não cria efficaz si obrássem ûnicos!...

. . . .

Que he feito d'essa quadra de meus annos
Tam ingênua? tam bréve quanto a auróra?
Que he feito, oh! d'essa quadra incuriosa
De um remóto porvir infáusto ou lédo?

Que he feito d'essa quadra de meus annos
Quando eu era a selvágem flôr do cédro
Em altivas floréstas, — vicejando-se
Só das brizas dos céos, d'ethéreo orvalho?

. . . .

Hôje um sepulchro humilde lá branquêia
N'esse recinto fûnebre dos mórtos, —
Meu pái descança ahì : meu pái! Vós, hômens,
Que tivéstes, — ou tendes venturosos,
Um virtuoso pái, — tanto qual elle
Tanto quanto meu pái serìa o vosso,

Fôra-o impossível máis! filho o que digo,
Vós, oh meus compatrícios! — attestai-m'o:
Vós, que bebêstes-lhe as lições de méstre[1],
Vós que lhe ouvistes de juìz sentenças[2],
Vós que o-vistes em mercantís negócios[3],
Todos que o-conhecêstes no infortúnio, —
Dizei ao mundo a têmpera divina
Que ao philósopho ancião a alma esforçava!
— Prestante cidadão, — sem par amigo, —
Espôso dedicado, — pái... protótypo
Sempre de um pái que comprehenda o nome;
Nunca a injustiça arcou máis fórte imigo;
Nunca rojou aos pés do aviltamento
Dos grandes, nem do pôvo, e amava-os ambos
Quando na esphéra da razão mantînham-se...
Nós, meus térnos irmãos! sua existência
Guardemos na memória, qual se guarda
Um livro que ensinasse-nos á um tempo

[1] Antonio Joaquim de Oliveira (sênior) exercêo algum tempo o magistério na província do Ceará: sua intelligência era vasta.

[2] Na capital do Ceará (onde exercêra máis outros lugares importantes) exercêo por várias vêzes e longos tempos o cargo de Juîz de O'rphãos.

[3] Occupou-se a máis affortunada parte dos seus dias no commércio; negociante, foi ao depois infeliz, porêm se retirou conservando sua reputação e honra sempre intactas e respeitadas mesmo da bôca da calûmnia.

As máximas, e a prắctica da vida!...
Deslembrados n'um canto d'essa arêia,
Tambêm jázem os réstos venerandos
Da mãi, ái! e da irmãa, sempre saudosas,
De minha chara mãi!... Si na virtude
Eu não acreditasse, nem nos prêmios
Pelas bôas acções que se exercìtam
No destêrro do mundo, — em sacrifìcios
E em pessoáes abnegações cumprido, —
Ellas me houvéram feito ardente crente
Da virtude, e dos prêmios que se espéram!

. . . .

Não máis, não máis, oh bardo! os sons affóga...

INFLUXOS DA HARMONIA.

Nem alcânçam mover-me ìntimo gôzo
Em meu sombrïo peito infindas causas;
Si numéram-se raras, — entre as mesmas
Uma em excélso gráu, oh harmonìa!
És tu, és tu que eu fervoroso adóro...

No remanso do lar, quando propìcia
He a mudêz da noite ao pensamento,
Quam celestes dulçôres que inebrìam
Não vérte á soluçar a meiga fláuta!
— As delicadas vózes de saudade
Ondulando subtìs de sêio em sêio,
E esparsas em minh' alma, n'ella adêjam,
Quáes adêjam nos valles os arômas
De flóridas mangueiras das montanhas:
Ergástulos corpóreos manso e manso
Eu sinto adormecer, e o esp'rito fólga

Em liberdade plena; um mar em face
De delîcias lhe vólve : êil-o se inunda,
Eil-o desliza na amplidão das vagas...
Vîvida borbolêta assim exulta,
Si, rendido o casûlo que a-represa,
Anda sôlta e velóz flôres e prados!
Onde quér que os ouvidos a harmonîa
Me affágue divinal, — iguáes enlêvos,
Portentos aos que inflûe-me a dôce fláuta
Iguáes eu próvo : — já nos lábios sôa
De uma pudîca vîrgem? Me affiguro
Vêr suspensas dos céos á ouvir-lh'os cantos
As fûlgidas esphéras, e o universo
Magos effeitos resentir commigo! —
Embóra a formosura não lhe adórne
Da idade os viços, si harmonîas falla,
N'estes momentos se realça ás béllas.

Modûla o tropial, e a patativa,
Já outro dos voláteis amadôres,
Mellîsonos gorgêios? Eu, absôrto,
As nótas suas uma á uma aspiro;
D'entre as folhágens só á Deus exóro
Que á ouvil-as allî me dê perenne,
Té que os meus êrmos enfadosos dias
No oceâno eternal se desvanêçam...

Onde impéra a harmonìa sûrdem graças,
Sobresáhe a bellêza, e tudo he risos!
Ao seu mágico influxo a tarde, a lua,
A manhãa, a soïdão, se nos antólham
Máis térnas, máis amáveis, máis saudosas;
Assim as flôres, e árvores, e os prádos,
Os lagos, sêrros, brizas, — se affigùram
Máis graciosos, béllos, máis amenos,
Si um céo de minha pátria os-abrilhanta!

A catadupa que de alpéstre rócha
Com sonóro fragôr se precipìta,
E em espûmeo lençol fugaz se alastra,
De estranhas emoções meu sêr exalta:
Oh! não ouvìs commigo no sussurro, —
No retumbo das férvidas torrentes,
A ingente vóz de Deus, meiga harmonîa?
Harmonîa que máis nos he donosa —
Quanto entâm nossos peitos arrebata
Mixto d'imo prazêr, de pasmo, assombro!...
E assim me arrôubam auras que despértam
E na sélva cadentes remurmûram
Como um' harpa que tange a naturêza,
Harpa cujos concentos sam magìas,
Sam mystérios sublimes que repássam,
Que alto surpr'hêndem ânimos sensîveis;

N'harmônica espessura eu bem crerîa
Que ethéreas, lindas, illusórias fadas
Com mellîfluas canções allì me attráhem!...

Ao vivo resoar das clarinêtas, —
A's bellìgeras vózes de instrumentos
Consonantes co' os sons de márcia tuba,
Em guerreiro fervôr me pula o sangue,
E eu impávido, alégre, já resfólgo
O ar sulphûreo de victoriosos prélios.
Qual léve ygára obdiente ségue
Sôbre as vagas do mar déstros impulsos
De esp'rimentado náuta, assim minh' alma
Transportada te ségue, sem arbìtrio,
Por onde he que te apraz, dôce harmonîa!

O lìquido crystal que a flôr clausura
No cálice, onde a noite entórna orvalhos,
Si do abrazado sol um ráyo o-aquéce,
Já se expande, s'exhala, aos céos remonta, —
Tal o meu coração si os puros cármens,
Si o cadenciar do métro acaso escuta
De exîmio vate que natura inflamma!

Sôbre a alcatifa d'alvejantes conchas
Ondas saudosas, mesuradas, graves, —

Quando lânguido o mar as-desenróla,
Ineffável prazêr o mar me infunde :
Harmoniosos frêmitos lhe tórnam
As circumfusas, solitárias gruttas; —
E d'écho em écho meus sentidos vôam
A' não perdêr um som, e os sons no peito
Eu todos os-recôlho, — qual fizéra
O pássaro amoroso aos tenros filhos
Que implumes érram; tìmido os-procura
Dispersos mal os-vê de ramo e n'outro, —
Ao ninho os-agasalha, e lédo os-guarda...

Altos gôzos me entranha máis que humanos
O'rgão gemente, mavioso, e my'stico!
Qual branda nova esponja a lympha sórve
Em que se mergulhára, — vái minh' alma
Primeiro lento e lento os sons bebendo,
Inebrìa-se após, — se nutre d'elles, —
E identifica-os á final comsigo! —
E minhas pulsações, suspiro, anhélitos,
Sam para mim accórdes, que eu escuto
N'um silêncio suave e indefinìvel....
Revéste-se a harmonìa em meus enlèios
Já de vulto real! — êil-a resplende,
As azas pandas de ouro, e de anjo a face,
Madeixas á brincar no alvòr dos hombros,

E os ólhos onde amôr engendra amôres!
E minhas fibras, como tantas chórdas
De divino instrumento ignoto aos hômens,
— Eu creria sentir vibrar-m'as todas
Esse archanjo do empy'reo, que mil graças,
Mil fragrâncias das plumas me desparze!

Nos concentos da fláuta,
E do órgão e da lyra;
Nos módulos sonóros
Que uma vìrgem desfira;
Eu te busco, harmonìa!

Nos gorgêios das aves;
Nos queixumes da briza
Ou da trépida lympha
Que nas fragas desliza;
Eu te busco, harmonìa!

Nas cadências do bardo;
No soluço dos mares;
Onde quér que os teus mimos
T'os-ouça á espalhares;
Eu te busco, harmonìa!

Como não te hei de amar, celeste encanto,
Sendo, ái! o ûnico bem que me acompanha

Um ânimo sensîvel onde as máguas,
Vindas do cogitar do nada humano,
Ou da estrêlla do malfadado bardo, —
Máis constantes se asy'lam? Harmonîa!
Quem se não sentirá máis brando, e affável,
Quem não máis térno, quando meiga exhalas-te?!
Ah! os affagos teus me sam máis gratos
Do que o-serîam nunca ao tenro infante
Os affagos da mãi que o-toma ao cóllo
A verter-lhe amorosa uṁ leite puro!

Quanto eu, oh! quanto amára ouvir no móto
Dos glóbos que nos véos da noite aurêjam
Divináes harmonîas que desférem-se!
Embalde! arcanos sam que á humanidade
Sentidos tênues, débeis, não nos ábrem...

De que, de que, meu Deus! sirvo eu na térra?
Desprende-me : que ancêio nos espaços
Das supérnas regiões haurir de pérto
As harmonîas dos infinitos órbes
Cujas lêis, cujos fins, só tu conheces!...

AS MONTANHAS.

Constante primavéra o throno exalça
No fecundo Brazil; embóra a-cante
Illusa a vélha Europa; — allì repugna
Pousar a primavéra; — a imágem sua
Mal-distincta nos climas se reflecte
Que os trópicos não fêcham; lá, as várzeas
Pelo estïo se créstam, e as floréstas
O outono lh'as-desfólha, brusco hinvérno
Escacha-as de granizo, e os rïos géla,
Montanhas sotopõe ás duras néves.
As montanhas, floréstas, rïos, várzeas
De minha chara pátria, em toda a quadra,
Sempre quáes hôje sam táes permanécem,
— Só a bellêza gradual lhes médra!
Monotonìa pôupam-lhes primôres,
Que á primôres succédem, renascentes
A' cada oscillação da primavéra, —
Nóvos preséntam-se, admirandos sempre:

Assim a pulchra vîrgem, soberana
D'humanos corações, si os ólhos báixa,
Si já os-érgue altivos, mêia a face
Já lh'a-descubra o véo, ou já inteira,
Si óra lhe cinge rara cassa o sêio,
O'ra si lh'o-expozér de amôr arfando,
Mimoso cóllo indique ou nîveos braços,
De qualquér ponto que se vêja — he anjo!
Linda, máis linda após, após máis linda,
— Si ella differe só no simples módo
De revelar seus divináes incantos, —
Nunca a-enojáreis, séculos que a-vîsseis!

D'alêm béllas montanhas sobreelévam
Seus fastîgios de azul, quási chamando,
Vaidosas de attractivos que as-revéstem,
As attônitas vistas
De quem passêia na planîcie ao longe!

Assetinadas nûvens lhes reálçam
Os suaves contôrnos, onde trêmem
Da auróra os ráyos lânguidos, e aonde
No occaso o sol proclama
Seu ûltimo triumpho ante o crepûsculo:

Brazîlicas montanhas, salve, oh! salve!
Fertilidade etérna êis lhes fluctûa

Pelas curvas espaldas grandiosas, —
Qual imperial manto
Nos dias de alta pompa e insigne fáusto:

D'ellas ha que enthezôuram no seu âmago
Manancial perenne, — matriz nóbre
Dos rïos máis caudáes dos do órbe inteiro,
E ainda de affluentes
De cujas páreas se opulêntam esses:

Nunca o basalto, o pórphyro, o calcáreo,
Os schistos, e o granito, emfim o sólo
Em sua variadìssima estructura,
Nunca assim se ostentáram
Entre uma naturêza tam sublime!

Ah! zonas sôbre zonas de verduras,
De flôres, de frescôr, de graça, e vida,
Desde as bazes circùlam se elevando
A's livres summidades
Que em fórmas singulares se lapìdam;

Em fórmas singulares... sim, não vêdes?
Aquî sam obeliscos; — lá, os tubos
D'órgão immensural; ou glóbos; urnas;
Ou fléchas que dissêreis
D'esses Tupìs, e autócthones guerreiros;

Nem olvidêis notar como, nos mares
Da gentìl Guanabára, -- se modéla
Deitado nas montanhas um gigante, —
Do Brazil he o Gênio,
Que, em seus filhos confiado, se adormece!...

He béllo vêr seus valles, — óra estreitos,
O'ra ampliados quási amenos plainos,
D'onde válidos vegetáes se arrójam,
Como que desdenhando-se
De que róchas n'altura os-superássem!

Nem só nos valles, vegetáes se arráigam
Nos reversos fecundos das montanhas;
Allì ênchem de vida os precipìcios,
E os boqueirões máis hórridos,
E alcantìs que alluviões subexcavâram:

He béllo contemplar n'aquelles valles,
Guarnecidos de arbustos, rélvas, e árvores,
Ou cursados de rïos, ou de arrôios, —
Brancos véos ondeantes
Das neblinas resplêndidas, diáphanas!

As palmeiras no cimo das montanhas,
Pelos declìvios, já por suas faldas, —

Como um docél de amôr e de esperança
Sôbre elegantes stipes
Desdóbram os cocares de esmeralda;

D'aquellas nos hastìs máis delicados
Suspêndem os japins aéreos ninhos —
Quáes alongadas bôlsas; d'entre as palmas
Lindo gallo-da-sérra,
Ararunas, cayruás, cântam, ou brîlham;

A's vêzes os seus stipes se acobértam
Das próprias fôlhas mórtas, negrecidas,
Entâm, quando, á luz dûbia, o vento agita-as,
Assimîlham phantasmas
Que de rôjo enluctadas roupas tìram...

Quando o trovão rebomba, e o céo se abre
A's eléctricas luzes dos relâmpagos,
Em noite sêcca de calmoso estïo, —
Quem podéra impassível
Contemplar as brazîlicas montanhas?!

Os échos nas quebradas, valles, gruttas,
No ìntimo da espessura d'essas brenhas,
Dos trovões crébro trom repercutindo,
Denuncìam que exércitos
Em prélios horrorosos se travâram;

E quási assim crerîeis... vendo, em filas
Gigânteos resurgîrem, — destacados
No horizonte incendiado, altivos troncos,
Atirando as ramágens
Aos ventos que zunindo lh'as-arrâncam!...

Embaûbas copadas se entremóstram
Esparsas pelas sélvas montesinas,
Co' a láuda sup'riôr de suas fôlhas
A'branquejar, ao longe
Similhando alvas chóças de serranos:

Carahybas de flôres amaréllas,
Mangabeiras de fôlhas reluzentes
E flôres quáes jasmins, araçazeiros
Com seus dourados fructos,
E co' os rouxos o camboly, — vicêjam:

As côres se varîam de mil árvores
Nos fructos, nas folhágens, ou nas flôres,
Quér próprias sêjam, sêjam emprestadas
De enrediças volûveis
Que as-cûbram em amplexos estreitîssimos:

Nas fendas e resquîcios dos rochêdos,
Nas taliscas máis tênues de agras pédras,
Nas frágas máis abruptas, sûrdem, brótam,

Vegétam, reflorécem,
Orchîdeas, e mil plantas parasitas:

Um só anno, um só mêz, semanas, dias,
Válem assaz trazêr-lhe face nova
A' mesma perspectiva que hôje admira-se;
No máis fértil dos sólos
A natura á surrir crêa amorosa!

Modularei tambêm da agricultura
Os profîcuos domînios n'estes sîtios....
Modûla, bardo! ái! si indignado olvìdas
Que inda raro se lávram
De braços de cultôr *humano*, e *livre*.

Caffezeiros fructîferos usûrpam
Vastîssimo terreno que prospéra
Vegetações immunes de cultura,
E as montanhas ensômbram
Com a cópa de ramas vêrde-nêgras:

A bananeira, sempre graciosa,
Sôbre os dourados cachos se debruça,
Balançando-se alégre, e se mirando
Em crystáes, sempre lìmpidos,
Que adiante vam spargir lindas cascatas:

Cresce o milho entre os troncos requeimados,

E entre as pédras que o fôgo calcinára,
E os cinzentos pendões sacóde aos euros,
Co' as pállidas espigas
De rubros filamentos sôbre-ornadas :

O algodoeiro lá se enfeita em parte
Co' as amaréllas flôres, e á par d'estas
Já desabrócha as cápsulas verdosas
De uma sêda macìa
Que em flóccos alvejantes resplandece :

Do fumo o herbáceo cáule pubescente
Eis alarga as viscosas longas fôlhas,
E, c'roado de rûbidas panìculas
De flôres funilfórmes
A virosa fragrância desinvolve :

O ananaz sôbre um' hástea desnudada,
De ouro e verdôr cingido e ásperas fôlhas,
Perfumes á exhalar, e terminando
N'um régio diadema,
Figura um sceptro e sua glória e penas!

Aipins em grandes leiras revolvidas
As raìzes sottérram nutritivas, —
O seu verdôr escuro êis se contrasta

Co' a pallidêz da canna
Que em taboleiros hûmidos cicìa :

Emtôrno do limoeiro a atmosphéra
De bálsamos s'impregna, e a térra junca-se
De uma esteira de pétalas alvìssimas,
A' par a laranjeira
Os mimos de áureos fructos méscla ás flôres :

Vegetações preciosas das campinas,
Do centro das floréstas, ou das márgens
Dos espraiados rïos, — co' as da gléba
Das montanhas, ah! n'estas
A cultura as-conquista e as-associa!

Os vegetáes selvágens ou domésticos,
E essa fertilidade inexhaurìvel,
E essas róchas assim vivificadas
De plantas, e de flôres, de verduras,
Essas brandas encóstas, esses valles,
E amenos deliciosos taboleiros,
E esses vários contôrnos graciosos,
Essas cascatas crystallinas, frêscas,
E o revoar dos pássaros, seus cantos,
Manso mùrmur das fontes, e o sussurro
D'essas tépidas brizas, e as neblinas

De amorosa manhãa, essas balsâmicas
Dôces emanações que se respîram, —
E si inda imaginardes que as-circûmdam
Várzeas tam aprazîveis, largos rïos,
Grandiosas floréstas, — sobretudo
Que as-anîmam um céo azul e puro,
Um éther onde nádam fulgurosos
Do sol férvidos ráyos como um flûido
Visîvel e palpável, — e alvas nûvens
Transparentes, elásticas, franjadas
De ouro e de ardente pûrpura, esparzidas
De rózas e de anîl, — ainda á noite
O esplendôr saudosîssimo da lua,
Ou as luzes tam meigas das estrêllas,
E o vivo refulgir dos pyrilampos —
Myrìadas e em myrîadas pairando
Aquî, e allì, na térra, e ar... não descrévem-se,
Não s'entôam nas chórdas d'algum' harpa,
Ah! sêntem-se, e se gózam mudamente!

Fôra mistér fruîr grato espectáculo
Que offerécem brazîlicas montanhas
Para exclamar-se entâm : « Hei contemplado
Perspectiva a máis bélla
Que a phantasìa queira procrear-se! »

VOZES D'ALMA.

I.

Apenas nosso peito contemplâmos
Innundado em prazêr — êis violenta
Assôma a desventura, e nol-o exháure!
Máis fórte que a alegrìa, a dôr devóra-a
Mal aquella desponta; —
He a mórte impiedosa suffocando
Ah! no álveo maternal d'amôr o fructo,
Já disvéllo o máis grato aos genitôres!

II.

Nas remansadas hóras de árdua vida,
Quando vôa éstro meigo á florecer-me
Um e outro pensamento e pensamento,
Infeliz me surïo,
Que preságo eu espéro o ódio dos hômens.

Tôrpe, inepta avarêza, indifferente
A's producções do ingênio, se ladêia
De sórdidos ardìs, que esse postérga,
E á casta poesìa,
Invejando-a comtudo, abate as azas!

Tyrânnica injustiça, embalde affanas!...
Como si o egrégio dom das almas nóbres
Fôra usurpado aos déspotas da térra,
E não nol-o-implantasse
O Factôr-Infinito do universo!

Sim: nem ainda o bardo mesmo vale
Imperar ìgneos sôpros que o-sublìmam...
Despojal-o pertêntam? môrto o jûlgam?
Mas elle em bréve se érgue,
E eil-o ahì tal qual era ou máis ardente!

Oh! quem ousa impedir que alta palmeira
Flôres, fructos ostente, e que as floréstas,
Em sólo fecundìssimo, — prospérem
Com os viçosos gomos
Sob nosso etérno céo de primavéra?

Si Etérna-Providência o-inflûe, o bardo
Sem regrésso se eléva alêm do humano,
Quási divino soltará os cânticos

De dulcìsonas nótas —
Consoladôra vóz de intérnos échos.

Eu amo soluçar afflictos cármens, —
Si prazêr não me trázem, — grato allìvio
Com expandir-se assim próva minh' alma,
Qual infeliz viùva
Que redissolve a dôr em tristes lágrymas...

III.

Onde quér que o universo me apresente
Face máis grave, face máis estranha,
Onde quér que eu vislumbre os elementos
Fóra dos ordinários termos, — cércam-me
Ineffáveis delìcias :
Si contrastado de estridentes austros
Me estreméce o baixél, que undantes vagas
Rebátem ruïdosas, — êis que fólgo!
Si n'um compléto horrôr os céos negrêjam,
Que gládios mil e mil d'ethéreo fôgo
Mortìferos recìngem, e ribombos
Raucìsonos atroâm, — êis que fólgo!
Si muge a cachoeira, e se esfaréla
Nas róchas, que rendidas e quebradas
Redóbram os rumòres da torrente,

Recrescentes nos échos, — êis que fólgo!
Si primitiva sélva espêssa e obscura,
Ou serranîa alpéstre se me off'rece,
Onde horrîsonos ventos rumorêjam,
Onde brama o jaguar, e a sussurana,
He mesmo ahî que fólgo!
E porque não? — Do Todo-Poderoso
He ahî que infinita e magestosa
Contempla-se a grandèza : mortal fraco
Se despéga das illusões do lôdo
Ante os quadros terrîficos, sublimes
Que o espîrito lhe abálam...
Oh! da mórte o temôr n'uns só domine,
Não em mim! Ha de sêr do Etérno ás plantas,
Ha de sêr-me arrojada d'esta vida
Nos marulhosos escarcéos minh' alma;
Mas sobranceira e cândida,
— Cândida e sobranceira qual a espuma
Que vái nos éstos arrojada ás plágas
A quem beija amorosa.

IV.

Eu prevêjo, ái de mim! eu próprio sinto
Quanta angûstia me aguarda n'esta vida!
Um' alma qual sortio-me raro encontra

Outra que a bem compr'henda,
E no meio de tantas, tam diversas, —
Quási improfìcua, desprezada passa,
Quál nóta harmoniosa n'uma orchéstra
Toda de ásperos sons, d'ingratas vózes!...
Quem ventura almejar, não sollicite-a
No voraz turbilhão do mundo, — frïo
A' tudo o que não he do ouro o interêsse :
Quem ancêia nutrir-se de mellìfluos
Pômos suaves, — não os quér nem busca-os
Em arv'res d'esmeralda que lhe expônham
Mercenários artìfices.

V.

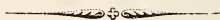
Plácida solidão! quam dôce affagas
Os ânimos que os crimes horrorìsam!
Em ti benigno somno se lhes prende
Nos membros repousados; — lédos sonhos
Serenos e innocentes, como as azas
Vaporosas dos anjos, lhes surrìem;
E no teu sêio affável se recólhem
Não p'ra males urdir á humanidade;
— Para melhór servìl-a : — allì guarécem
Com bálsamos prestantes de doctrina
Que intensa reflexão meditativa

Suave lhes infiltra : — allì expândem
Em admirandas páginas su' alma
Recendendo virtude, e sãos exemplos :
— Si illiberal lhes foi a naturêza
D'esses dons com que o espîrito transvôa
A's remontadas sphéras, inda esplêndem
— Mananciáes perennes quando as sêccas
Um sólo esterilîsam !

VI.

Em muitos dos mortáes inquiro as próvas
Ao gôzo que os-anima :
Dizei-me : « Tem pái, mãi, irmãos virtuosos,
Mas rende-lhes o affecto que reclâmam? »
« Oh não ! » respôndem : — « Maldição, eu brado,
Ao ente abominando! »
« Aquelle outro, requeiro, o bem exérce? »
« Elle?! o algôz da innocência ! »
« Ao menos puro e estreme aquelle brilha ? »
« Vîcios e infâmias os seus dias técem. »
Meu coração pungido e afflicto indigna-se...
Ai? risos alardêiam
Só na apparência, — aquelles que se estórcem
No eqûuleo dos remórsos!

Aos hômens esses, oh! jamáis se esquîvam,
A' hômens ditosos os-encálçam firmes,
E firmes séguem mesmo o póbre, o humilde
Em proveitandos lances!
— Pernicioso insecto assim procura
Suas *queridas* flôres cujos cálices
Lhes pódem ministrar suave néctar...
A' esses a solidão? grata e aprazîvel
Tanto lhes fôra quanto he grato aos tigres
Sem affiadas prêzas, — férreas garras,
Sêrem arremessados contra imigos, —
Que, attentando-os inérmes, os-lacérem!
A' esses a solidão? Ah! não; que prézam
Os sociáes incantos...
Vós disséreis melhór que atros agouros
De ultríces, tôrvos, rábidos remórsos
A' abafar só lh'os-válem, pouco, embóra,
As sociáes procéllas:
Dos cópos o tinnir em dôidas órgias,
Crébro, feróz clamôr dos que proclâmam
A inversão das virtudes que adorâmos,
Falso philosophar de máus, de néscios
Adormêntam-lhes máis da consciência
Desesperado uivar que os-terrorisa!
Aquelle que pernoita em nêgras brênhas
Assombrado dos silvos das serpentes,

E dos uivos das féras, — como anhéla
Strepitoso fragôr que os-oblitére,
E lh'os-póssa delir em seus ouvidos!
O dissabôr em mim nativo o-julgo,
E o prazêr anormal estado d'alma!...
Ao jûbilo das turbas e ao dos grandes
Desattento me affasto; — passo e rïo-me
Das scenas aviltantes que o órbe inteiro
Tem visto se instaurar, sumir-se, erguer-se
A' face altiva dos séc'los que vólvem!...

GUANABÁRA.

Quam formosa e sublime se apresenta
Do Janeiro esta amplìssima bahìa!
Em lìmpida manhãa graças lh'accréscem,
E o aspecto incantadôr — êil-o prodìgios!
Nos seus crystáes undìfluos amorosos
Ilhas assômam, que a verdura enfeita;
E mil combros, em mûltiplas fileiras,
Variados e amenos, — lhe circûmdam
Os suaves contôrnos, — qual cortêjo
De ostentosos riváes ouvindo attentos
Da linda Guanabára almos suspiros,
Que aos pés de todos a inconstante exhala!
Verdôr avelludado, ou meigas flôres,
Uns revéstem, de azul outros se trájam,
Matizes que a distância lhes gradûa
Segundo os-ordenára a naturêza, —
Segundo o espectadôr os-considéra;

Sôbre elles áureas franjas se debrûçam
De voluptuosas nûvens que revôam
Antes que á térra o sol faìsque os lumes,
E em seu gyro ufanoso se adiante: —
A esmeralda, a saphy'ra, e esmaltes d'ouro
Assim nos élos d'um collar fulgûram!
Oh! vêde, alêm, surrindo entre arvorêdos,
Enlêvos d'alma — Nitheróhy bellìssima!
Simêlha simples môça alva e mimosa,
Que brincadôra attende, mal-occulta
No cheiroso vergél, — o dôce amado...
Ao sul, ìndice e guarda d'estes mares,
Altivo em pé se exalça o Pão-d'Assûcar!
Qual gigante se ostenta; as brancas névoas
Que lhe rólam emtôrno adelgaçadas
Sam a tóga real, que anjo invisìvel
Aos hombros lhe suspende magestosos!
Foi unida ao granìtico gigante
Que a gigântea cidade fluminense
Assentára os primeiros alicerces; —
Ainda humilde e fraca, á sombra d'elle
A princêza do Império se educava,
Mas crescêo máis subêrba, e já se aprouve
Derramar-se por valles máis extensos:
E êil-o! allì ficou, — qual monumento
Que ao Brazil a grandêza symbolisa.

Aquì foi que os Tamoyos valorosos,
Tam desgraçados como a pátria toda,
Em favôr dos Francêzes rebatêram
As lusitanas armas, e em pról d'estas
Pugnáram contra aquelles : Guanabára
Arroxeava-se em sangue dos guerreiros,
Que das frágeis ygáras, n'essas lides,
Cahîam-lhe nas vagas trucidados...
E'ram póvos lutando, de imprevistos!
Pelos conquistadôres de seus bósques
E assassinos cruéis de suas raças, —
Eram póvos suicidas que cravávam,
Sem querel-o, punháes no próprio sêio!
As páginas da história d'essas épochas
Só pódem transudar em cada phrase —
Infâmia, escravidão, sangue, e marty'rios...
Vistosa sérra allì no fundo avulta
Co' os anilados pìncaros, quáes tubos
D'órgão immensural! — Imagináreis
Ouvir-lh'os sons d'harmônico instrumento,
Si extáctico viésseis contemplal-a
N'essa hóra em que revolve a naturêza,
Expulso o somno, ao movimento e vida :
O ciciante gemer de auras macìas;
Na curva práia o mar que chóra e freme
Contra do oppòsto cáes polidas lágens;

Das gentes longes gritas que se elévam,
E no éther nádam, no éther se harmonîsam;
Rudes endêchas que recanta o náuta,
De mistura co' os módulos das aves; —
Préstam-lhe as vózes qu'embevécem a alma!
No cimo das collinas se ennovélla
Raro, alvìssimo fumo, qual do incenso
No thurìbulo o arôma se evapóra,
Porêm, em vêz de porventura falsas
E criminosas mãos o-alevantárem,
Puro o-extráhem do sol férvidos ráyos
A' inundárem de luz lymphas e plantas,
Plantas odóras hûmidas de orvalhos,
De que a noite, ao colhêr o véo d'estrêllas,
Saudosa as-lagrymára. Argêntea lua
No firmamento emfim se esváe, desmáia,
Nem máis se vê nas águas, que dam visos
De exultar ao surgir do rei dos astros;
De longe em longe várias scenas ábrem,
O'ra a cerûlea côr só se diffunde, —
Tapête de setim tal qual desdóbra-se!
Lógo, sombras, aquì, e alêm, permêiam,
E, após, de diamante ardentes sérpes
Por toda a superfìcie se devólvem...
De flammìvomo bronze apparelhados,
Préstes á despedìrem mórte e o estrago, —

Reductos fórtes[1] êil-os que amedrôntam
Inimigos que ousárem salteiar-nos :
— E a undìsona bahìa do Janeiro
No largo sêio affectuosa os-cinge, —
Qual mãi em defensão da chara pátria
Abraça os filhos ponto em branco armados,
De espumas os-asperge como lágrymas,
E como que de emtôrno murmurando
Phrases d'intrepidêz que a próle inflâmmem!
Um meûdo tropél de esquifes, barcos,
De chalupas, se crûzam, pássam, vógam
No vasto equóreo plaino, que referve
Ao rijo embate dos luzidos remos:
E os pequenos vapôres se desprêndem
Da cidade á ponto, ás fronteiras márgens
Firmes, constantes, prestimosos cûrsam
(Táes quáes sylvestres carinhosas féras
A' este e á outro dos filhos accorrendo),
Já regréssam d'allì por sôbre a esteira
Que alisáram ha pouco, tremolando
A flâmmula de fumo que negrêja!
Larga cinta em as práias se recurva
De multìmodas casas; máis distantes
N'aba dos môrros se agglomêram umas,

[1] O da Lage, Sancta-Cruz, S. João, etc.

No tópe outras se pôusam; táes se móstram
Qual se assenta animada alégre turba
N'um béllo amphitheatro! Sobrealt'adas,
As esveltas, pulchérrimas palmeiras
Agîtam seus cocares verdejantes, —
Como estandartes de esperança etérna
Que a naturêza arvóra n'estes climas!
  Velîvolos navîos vêem singrando
Opprimidos de estranhas mercancîas
Em terra á permutar com lucro enórme
Por insignes riquêzas que ella engendra,
Riquêzas que desdenha a incûria nossa
Tam justo apreciar qual lhes compete!
N'âncora prêsos, já plácidos árfam
Innûmeros baixéis, onde florêiam
As bandeiras de póvos que em limites
Do glôbo assîstem. Attentái no frïo
Scandinavo cultôr — como se espanta
Aquî das brizas tépidas que spîram!
Móvem-lhe assombro os anilados sêrros
Que etérno-vêrdes fêlpas formosêiam...
De Nápoles amena os mólles încolas,
Respirando o frescôr, serenos viços,
E os perfumes das áuras, se imagînam
Em seu ninho patérno, que um prodîgio
Lhes edenisa aquî — qual nunca fôra

Juncto ao bramir horrìvel do Visûvio!
Resplêndem ao Germano os céos trajados
De vivìssimo azul, tal qual somente
Sohìa-o contemplar nos lindos ólhos
Das patrìcias donzéllas! Sequestrado
Inteiramente do órbe, o ilhéo subêrbo
(E senhôr hôje do órbe!) á vêz primeira
Vê o esplendôr dos astros que os negrumes
Lh'os-encarvôam densos na Britânnia!
Surprêso olhar o bebedôr do Volga
Alonga ao róseo lùcido horizonte; —
Algentes flóccos de contìnuas néves
Não lhe tólhem a vista, que se pasce
D'alvas gaivótas nas libradas azas!
O Gallo tórce a face; — que o reducto
Do seu Villegaignon não lhe memóre
Rebatido valôr, — vergonha acaso...
O Bátavo sombrïo aquì as vélas
Tambêm desfralda; divisar não póde
Tanta cópia de monte sem pezar-lhe
Esse pântano chato onde vegeta! —
Elle ainda bem no ìntimo se punge
Que em renhidos conflictos Pernambuco,
O bravo Ceará e outros dos filhos
Do brazîleo collôsso lhe arrancássem
O domìnio seguro d'estas plagas!

Os conterrâneos do immortal Wasington....
Porêm o que? Não máis! D'harpa dourada
Nem cabe dedilhar nas débeis chórdas
Os nomes em total de immensas gentes
Que este paîz attráhe.
Oh pátria minha!
Salve, salve, Brazil! êis lá te acena
Um sublime destino que o universo
Deslumbre, assombre, de grande o-eclipse!
O teu bardo, incendido em sacras flammas
Das concéssas por Deus sómente á um vate,
— Descadêia o porvir, e o-vê presente, —
Falso não prophetisa. . . . .
Mas quáes lenhos [1],
Tam nêgros d'alcatrão, — dragos sinistros,
Immundos sûrdem?... A'i! o bardo sente
Indignação e máguas confrangêl-o...
Jamáis, ái! sim, jamáis, oh minha pátria,
Alcançarás o gôzo do que ouviste-me,
Insano te augurar!... A'frica bruta,
Infecta, corruptôra dos costumes,
Soffres ainda ao grêmio te transplântem?!
Vê : os teus filhos bébem desde o bêrço

[1] Esta poesîa toda foi escripta em 1850 : entam ainda o tráfico de Africanos, extincto de direito ha muito, não o-estava de facto.

Barbárie, sordidêz, vêzos de escravo,
Pátria, não illudir! Eil-os sem mêios
Sobejos cidadãos á quem repugna
O trabalhar em quanto servîs braços
Dos Cafres existîrem... Centráes guerras
Terão de sempre teus avaros filhos
Egoîsticos entreter! . . . . Agóra,
Não, não mentido vaticina o bardo.

DEUS E O HÔMEM.

Circumfluente oceâno hórrido brame
E se applaca em perìodos constantes;
Térras, lagos, e rïos, fontes sùrdem;
Montanhas alterosas se encadêiam;
Floréstas ingentìssimas vigóram;
E no oceâno, e nas térras, e nos rïos,
E nos lagos, nas fontes, nas montanhas,
Nas floréstas, — inexhaurìveis fôrças
Sêres sem têrmo orgânicos anîmam,
E inorgânicos elementos régem: —
Mas quem no meio d'essas grandes scênas
Que o universo desdóbra, quem proclama:
« Tudo á uma Fôrça-Soberana attende! ? »
O hômem, o hômem ûnico; Tu, á elle,
Oh Deus! Factôr-Etérno! Sêr-Supremo!
Providência-Increada! Tu lhe outorgas
O sentimento altìvolo, e ineffável

De te reconhecer o império infindo
Por sôbre a naturêza!...
Escrute o sábio
As relações máis ìntimas das coisas,
Verifique e exactìssimo investìgue
Phenômenos dos órbes, lêis que os-prêndem,
O'ra examine á térra a superfìcie,
Ou d'ella as profundêzas sonde e explóre,
Ou compulse dos évos os successos,
E os recônditos quadros das sciências, —
Eil-o que lógo attônito suspende-se
Ante os próvidos élos que perfórmam
A órdem cérta e harmonîas do universo;
E o próprio que os estudos não illûstram,
Não menos que o primeiro, as-comprehende
Por módo máis singélo e tam legìtimo;
Em todo o ensêjo sempre esse que observa
Simples de coração, — despreoccupado,
Depara a mão de Deus endereçando
A causa ao seu effeito, o effeito á causa!
Como tudo, ah! se adapta e se refere,
Tudo amoldado está! proporciônam-se,
Nos córpos animáes e vegetantes, —
Uma e uma das partes se destînam
A' presuppóstos fins inauferìveis;
Não, átomos nem ha que se deslácem

Da série universal!... D'aquì resalta
De Deus o sentimento necessário,
Sentimento que no ânimo reflecte
Consoladôras calmas de delìcias,
De ineffável doçura e de esperanças.

Comsigo o ìmpio de mente desvairada
        Medita : « Si no mundo
« Reina o crime, e a virtude não triumpha,
« Si hórrido o mal inféstа a naturêza
        « Sem régra e transtornada,

« O acaso nos dirige : — Deus, si existe,
        « Abandona a óbra sua
« Desdenhoso, ou talvêz por impotente;
« Ah! quem jamáis o-vio? quem o-compr'hende?
        Deus!... ah! onde que assiste?

« E o máu não deverá temer a pena
        « De nefandos flagìcios;
« Das virtudes o bom que prêmio aspira?
« Aquelles evitar, e exercer estas
        « Nem Deus, si ha, lhes ordena. »

Assim julgou. Mas eu calco a vaidade,
        E d'esse ìmpio me affasto;

E nas observações e em raciocìnios
Do sábio, do hômem simples, quáes firmáram
Também firmo a verdade :

Virtude amar, fugir o crime horrìvel
He condição humana;
E si os fins por que o-sêja não penétro,
Os fins da creação explicar dévem
O que me he impossìvel :

Não exijo saber porque outras fórmas
Não guardára o universo;
Sêja elle tal qual sêja, ainda explìcam
Os fins da creação porque elle ségue
As apparentes nórmas :

Alcançar-te, meu Deus! em tua essência
Tam diffìcil nos fôra,
Quanto o-he ao vegetal, e quanto aos sêres
Privados da razão, — reconhecer-te
Siquér mesmo a existência :

Tu d'est'arte o-quizeste; — nem disfére
A harmônica suave
Os concentos da cy'thara dourada;
Ah! os vôos do condôr humilde rôla
Exalçar nem espére!

Cada qual em seu cìrculo se extrema!...
Os triumphos do crime,
Da virtude o extermînio, e o mal acérbo
De que avexada e afflicta a naturêza
Irregular, ái! gema, —

Quando inda positivos como os-urda
No pensamento um împio,
Encôntram sua causa; e si ignoral-a
Lîcito he á nós todos, — não o-fôra
Assignar-lhes absurda.

Aquelles que ao nascer fôram privados
Dos orgãos dos sentidos
Não dévem de entendel-as, mas não fálsem
As meigas percepções que nos saltêiam
Por órgãos bem-formados.

O hômem te reconhece, oh Sêr Etérno! —
Mas tambêm que elle he grande se conhece:
Largos mares em vão segrégam térras,
Já que alvas pandas vélas, já que a fôrça
Do elástico vapôr — sulca-o e resulca
De baixéis que essas térras entreláçam:

O ouro, a prata, o cóbre, o férro, o estanho,
Todos esses metáes que o sólo absconde
De incalculável prêço; os diamantes,
Saphy'ras, esmeraldas, jaspes, ágathas,
Todas as gemmas que a fortuna invéja;
Elle extráhe ditoso, e assim se eléva:
Bravïos animáes, — féras indômitas,
Ou rójam-lhe aos seus pés obedientes,
Ou fógem longe d'elle amedrontadas:
Na immensidão dos céos ástros que gy'ram
Sempre ou quási constantes; ainda outros
De instantânea passágem; — meteóros
Que as trévas da noite ou luz do dia
Assombrosos invólvem; e os phenômenos
Que só as gerações pósteras válem
A' contemplar coévas; — o hômem tudo
Vê, e calcûla, e méde, ou prenuncîa!...
Os humanos triumphos como póssa
Minha vóz memorar em toda a parte
Que a nobrêza, podêr, grandêza ostêntam-lhe?!...
Senhôr e Creadôr da naturêza!
Tem piedade do hômem! commiséra-te
Do seu nada, do seu orgulho, e inépcia:
Só Tu és grande como infinito e etérno!
Que esse pugillo vil de raras pédras;
D'esses metáes a pósse em cóffre aváro,

Por que o hômem se mata e ensuberbéce;
Tu és que os-espalhaste em todo o glôbo,
Em profusão que o prêço lhes tirára
Si os-franqueásses fácil, sem resérva;
O que sam para Ti? — Tu que, presente
E ûnico em o universo, vês cahîrem
Quáes nem as fôlhas d'árvore decrépita,
A' sumir-se no amontoar dos tempos,
D'esses thezouros os senhôres ávidos!
Esses mares furiosos que navégam-se
Séguem as tuas lêis sempre immutáveis:
Esses terrîveis monstros que o hômem vence
Quem os-creou? — Crear o hômem não póde;
Si elle percebe a vida derramando-se
Do corpusc'lo infusório ao mastodonte,
A vida lhe he mystério, — e Tu a-exhalas!
As estrêllas, planêtas, nebulosas,
E os comêtas, e as boreáes auróras,
O relâmpago, e o ráio, — os ástros todos,
Todos esses meteóros, e os phenômenos
Que ás análypses do hômem não escápam,
Onde elle as-sonda e explóra? Nas amplîficas
E immensuráes grandêzas do infinito; —
E inda ahî Deus s'escuta, Deus, Deus, sempre!
Até a phantasiâ humana cança-se
De conceber a enormidade da órbita

Que descrévem trilhões e trilhões de astros,
— Myrîadas de vêzes — ah! maióres
Que este glôbo terreal, — máis numerosos
Que as arêias das plagas do oceâno, —
E résta ainda espaço onde fluctûa
Teu sôpro animadôr, oh Sêr Supremo!
Ah! diante de sua omnipotência
Sem princîpio, sem fim, — sábios da térra!
Ricos! magnatas! rêis! — nós hômens todos,
Que a mórte arrója, n'um cérto perîodo,
Aos abysmos do olvîdo e n'hilidade,
N'um dos máis tênues órbes do universo,
Curvêmo-nos no pó, sêres ephêmeros!
Nem paixões agitemos vãas, frustrâneas,
Que máis distanciar-nos inda alcânçam
E nunca aproximar do Sêr dos sêres!

Hômem, hômem! contempla sôbre a térra
A sórte que partilhas;
Deus o podêr amplîssimo te outorga
De conciliares fácil
Tua felicidade. — Eis duas sendas
Represêntam patentes

A virtude ou o crime : — o desditoso
Da consciência inquira,
Entre as tribulações que a alma lhe ancêiam,
Si na vida cursára
Das sendas a máis recta, — infatigável
E disvellado sempre :
Aquelle que he feliz tambêm consulte-se,
Que a ventura que frûe
Não deriva de haver sempre trilhado
A senda abominosa.
Sim; quantas, quantas vêzes, n'estas hóras
Em que a memória acorda
Máu grado nosso, e em que todo o pretérito,
Qual espectro visîvel,
Se reconstrûe de nôvo e regenéra-se, —
Lîmpido prazêr o ânimo
Nos inflamma suave, ou o remórso
Nol-o-corvêja féro!...
As nódoas de inculpado sangue humano
Vertido iniquamente,
Lágrymas da tristêza, e da miséria,
Bárbaras injustiças,
Esse prazêr movêram?! — Ao contrário
Os actos charidosos
De franca ben'ficência, e probidade,
Não sam os que assanháram

Remórso irredimîvel. — Culto infindo,
Adorações etérnas
Ao Soberano Auctôr da naturêza!
Devido prêmio aos justos!

A FAMILIA.

Branda paz, o repouso, e a f'licidade,
E o prazêr, e o valôr da consciência
A' sentir grata estima de si mesma,
Só depáram-se, oh Deus! no grêmio livre,
N'um sanctuário puro da famìlia...
E eu dizìa entre mim : ah! si uma espôsa
Eu tambêm possuìsse, e tenros filhos,
Das ambições do mundo, dos seus transes,
E de estuosos acintes desdenhára : —
Todo entrégue em amal-a, todo entrégue
Em abrir-lhes o stádio d'esta vida,
Nem á fadiga assìdua accurvarìa
Desanimado ou triste, nem qual hôje
Arrastrára comigo acerbas mágoas...
Eu quizéra asylar-me affortunado
Em meu próprio casal : láuta opulência

Allì não alardêie os vãos caprichos,
Porêm em toda a parte a medianîa
Repulsasse a penûria, e me ressumbre
Dos móveis e utensîs no extremo acêio
No gôsto, e solidêz, e formosura:
Quizéra eu vêr allì os arvorêdos;
Um lago; claro arrôio murmuroso;
Delicioso vergél; jardim ornado
De flôres, infinitas em mil graças,
Em matiz, e rarîssimas fragrâncias;
Montanhas escarpadas; amplos valles;
E várzeas estendidas, que beijássem
Sparsas collinas, — d'onde se fruîsse
Magestoso espectáculo do oceâno:

O'ra, com ella n'um batél vogára
Pelas lymphas azûes do manso lago;
Meigas brizas da tarde,
Impregnadas de tépidos olôres,
Fremerîam no véo, e nos cabêllos,
E alvîssimo brial de minha amada:

A's vêzes, do arvorêdo em os retiros,
Na soïdão mimosa, escutarìamos
Térno arrular das pombas,
E os saudosos harmônicos gorgêios

Do brando sabiá, ou remurmûrios
Dos ventos, e o vagir da côrça ao longe:

A's vêzes, nos sentáramos nas márgens
Do arrôio — alcatifadas dos verdôres
De mólle gramma e trêvos;
Ah! como crystáes nóvos ênchem sempre
O arenoso álveo, assim meu pensamento
Novos incantos d'ella sempre o-enchêram!

Também alliviáramos dos pomos
Aprazîveis arbustos que exubéram
No vergél cultivado:
Muitas vêzes, regáramos as flôres, —
Transplantáramos outras, e aspirar-lhes
Fôramos no jardim os seus perfumes:

Nas montanhas com ella me perdêra
No meio dos nevoeiros, que desdóbre
Manhãa entristecida,
De pluviosa apparência: ou descerìa
Pela rápida encósta aos largos valles:
Ou vagueára por várzeas extensìssimas:

Finalmente, no cimo das collinas,
A vastidão immensa contempláramos

Das águas do oceâno
Já dormentes, já bravas e irrequiétas,
Onde o luar resvale, ou os primeiros
Fulgôres triumpháes de um béllo dia:

Quando, á noite, em seu côllo reclinado,
Eu quizéra escutar d'ella sómente,
Entre ósculos suaves,
As phráses de ígneo amôr, perenne, infindo;
Entâm eu murmurára em seus ouvidos
Os sentimentos d'alma onde ella existe!...

Os filhos educáramos ditosos
Sob os próprios auspícios:
Lógo tam cêdo quanto nos entêndam
Seus frágeis pensamentos,
Pura comprehensão do Sêr Supremo
Lhes graváramos n'alma;
E após, por complemento d'esta idéia;
— De toda sciência base, —
Perspicazes tambêm, em qualquer tempo,
Do fanatismo o horrôr,
E o da superstição, da hypocrisîa,
E brutal atheîsmo,
Fizéramos troar em seus ouvidos;
D'aquî, máis facilmente

Deduzîramos toda a série estável
Dos devêres dos hômens :
E crescerîam sempre á sombra nossa ;
E de nossos exemplos
Haurîram o vigôr de suas ìndoles, —
Quáes háurem as palmeiras
Proficientes seivas, e os seus viços
De uma gléba fecunda :
Como um feixe de luzes radiantes,
Cujo esplendôr etérno
Nada póde marear, em si concêntrem
— Deus, lìdimas virtudes. —

Uma parte da idade eu estancára
Nos disvéllos do amôr, outra em disvéllos
Dos infantes queridos, — o transumpto
De seus páis, de nós mesmos, que orgulhosos
Nos vîramos reproduzir nos córpos,
Nos ânimos das tenras creaturas!
Pacîficos e lédos — nos surrìramos
Ao instante fatal, si os nossos órphãos
Remanécem nas sendas da virtude :
Em bronzeados cóffres não legáramos
Os lûbricos thezouros da avarêza, —
Mas, em seus corações, humanos dótes,
E intemeradas prácticas da vida :

Já saciados convivas, — a grinalda
Que nos cingîa a fronte emtôrno á d'elles
Collocáramos; e o ûltimo dos brindes
Na taça genial os nossos lábios
Sorvêram sôbre o thálamo da mórte!

A' INDEPENDÊNCIA DO BRAZIL.

Pourquoi la liberté est-elle si rare? Parce qu'elle est le premier des biens.

(Voltaire, *Dict. philos.*)

Mens agitat molem, et magno se corpore miscet.

(Virgilius, *Æn.*, l. VI, 727 carm.)

Trêz séculos pesávam, carregados
De feróz servidão e átros excîdios,
Sôbre os exháustos póvos
Do mîsero Brazil — quando nos trôa
O brado memorável :
« Independência ou mórte ! »

« Independência ou mórte ! » o vasto Império,
Desde as márgens do Prata ás do Amazonas,
Unîsono proclama :
Um ardôr glorioso êis se commove
No ânimo de seus filhos
Que a pátria convocava :

E debalde a metrópoli prepara
Os decahidos brïos, tam vigentes
Em tempos remotîssimos!
Debalde blasonava supplantar-nos
Com esses que existîam
Só nos avítos fastos:

Oh! e ainda que as suas flótas córtem
O atlântico oceâno, — abastecidas
De exércitos sem conta,
E d'ignîvomos bronzes, — que alcançára?
Incêndios, mortecînios,
Estragos e ruînas!

Não vencêra; a victória fôra nossa:
I'nvios bósques e sérras prestarîam
Asylo inexpugnável
A' liberdade, sempre disvellada; —
Das cidades fugîramos
Si a escravidão lá reina!

Não; não vencêra: apenas a justiça
Da lésa humanidade lhe assentára
O stigma inapagável
Que de assentar apraz-se dos tyrannos
Na fronte ennodoada
Do sangue de opprimidos...

Deixo de levantar o véo da história
De nossa liberdade : a Providência
Nos quiz que ella custasse
Sacrifìcios que exîgem grandes coisas,
Mas que menos cruenta
Nos amparasse em bréve.

Brazileiros! no throno se sublima
Um PRINCIPE entre nós também nascido;
Virtudes não vulgares
O coração magnânimo lhe inspìram :
A salvação do Império
Sem ELLE não subsiste :

Das facções a anarchìa ambiciosa
Para elevar *senhôres* que as-manêjem
Desfaz-se n'um só gólpe
Perante a protecção que o justo mérito
Acha no throno augusto
De Dom Pedro Segundo :

Sim; quando quér o Imperadôr, — a pátria,
Toda inteira a nação, milhões de sûbditos,
Reverentes o-attendem,
Desamp'rando o artifìcio d'esses chefes
Discordes, — e nutantes
Sôbre o egoîsmo de poucos!

Ah! próspero o presente nos esplende,
Grandioso o porvir — se prenuncîa :
Do ouro, do diamante,
Da esmeralda, e das gemmas preciosas
A extracção avarenta
Não máis só nos absorve...

Eil-a! a épocha da intelligência he vinda!
Hôje os hômens desdênham conduzir-se,
Desdênham de curvar-se á *quem mais forte*
— A' phy'sica brutalidade; — o indulto
Só rêndem da veneração máis firme
E do máis grato amôr aos que attentáram
Aos acclamos que os séculos repétem,
E que ham de repetir sem fim aos séculos :
« O SABER he PODER. » Já tempos vîram
Que a polîtica ao mundo alardeiava —
P'ra que fôsse melhór regido um pôvo
— Fôra de prescripção indeclinável
Ai! no embrutecimento cégo e ignóbil
Mantêl-o, e o-recalcar á todo o transe;
Porêm hôje a polîtica modérna,
De exp'riências cruéis allumiada,
Banindo de seus códigos, e práctica
O asiático systema abominoso, —
Deduz que a estab'lidade dos govêrnos

E a ventura dos póvos máis se lìbram
Na sólida instrucção moral dos mesmos :
Inda bem que o Brazil se compenetra
Da justêza immortal d'estes dictames,
Que dos vélhos estados lá da Európa
Alguns ousávam proscrever! Teçamos
Os máis cordiáes vótos porque, longe
De emmurchêrem, médrem progressivos
Tam propìcios comêços; — n'estes vótos
Se associam-nos todos que refléctem
Sôbre urgências que sente, ou as refórmas
Que depréca o Brazil para exaltar-se,
Si fòr bem dirigido, — á preeminente
Sublime posição á que destina-se; —
Si fòr bem dirigido, — oh Brazileiros!
Notêmol-o! — condicional eu fallo :
Oh! nada impórta, oh, não! que a naturêza,
A' um paîz favorável, — o-colmasse
De accidentes felizes, — lhe prodìgue
Insignes proporções á convertel-o
Em magestoso Império, si polìtica
Traidôra e desvairada, d'outro lado,
Poderá influir á dar-lhe inûteis,
E frustrados os dons, as primasìas
E amplas prerogativas que este próprio
Naturalmente espere e se promêtta...

He triste e lamentável! n'este Império
Indivîduos não ha que depositam.
Inteira, a máis completa confiança
Em nossos naturáes recursos, quanto
No revolver dos tempos, — ao extremo
De só á estes se attêrem? Sim, exîstem!
Ao acaso — indolentes abandônam
A alta prosperidade e o adiantamento
De uma grande nação! Cérto, disséreis
Que tômam por emprêgo máis condigno
Das meditações suas, dos disvellos
E positivo int'rêsse, — estratagêmas
Para estólidos triumphos de philáucia,
De avarêza, e vingança, e poderïo, —
P'rigosîssimos triumphos, máis ephêmeros
Do que de cada qual a vida inquiéta!...
Mas, pela pátria o-juro! a maiorîa
De esclarecidos Brazileiros se érguem
A' invictos profligar sem piedade
Fatalistas polîticos... — Reléva
Em naturáes recursos espontâneos
De nossa térra sempre confiarmos,
E na série dos évos igualmente;
Mas cumpre que o Brazil tambêm s'esmére
E affane por tirar d'aquî vantágens
Táes quáes a indifferença, a incûria inerte,

E o ignavo fatalismo, nunca, oh! nunca
Fruirîam obter-lhe. — Si admittido
Já no înclyto congrésso de cem póvos
Que a civilisação guia e protége, —
Não descanse o Brazil na expectativa;
Qual herdeiro opulento permanece
No meio de órgias e ócio mal-seguro,
Abusando e gastando sem medida
Do que lhe vêio em sórte, distrahido
No voraz turbilhão da actualidade,
Sem precaver-se, insano! sôbre os fados
Da situação vindoura que lhe aguarde
Salteiada talvêz de împios horrôres
Da miséria, do oppróbrio, e dos remórsos!...
Tal sîmile o que tem que vêr comnôsco?
A minha profissão de fé se estêia
No presente da pátria, e no futuro
Ah! que os vótos de seus constantes filhos,
Servindo-a mui leáes, lhe prenuncîam.

AS VÁRZEAS.

Várzeas de minha pátria se prolôngam
O'ra planas e iguáes e omnipatentes;
De mil collinas óra interpolladas,
E virentes capoões, que se dispárzem
Quáes sôbre lauta mêza d'um convîvio
Ramalhêtes donosos que a-adornássem;
D'um lado abráçam faldas aprazîveis
De montanhas magnîficas, do oppôsto
Alcânçam de floréstas grandiosas
Os pórticos ridentes, de outro lado
Junto á rïo caudal, que as-entrecinge
Com os esteiros seus, — ellas fenécem;
He assim que uma vîrgem se repousa
No meio das consócias, dignas d'ella
Em bellêza, no incanto, em attractivos,
E vái depois cahir nos braços charos
Do impaciente amado que a-fecunda!

Rélvas variadìssimas pullûlam;
Dos caetés, das capáras, e macégas
Densas touças frondìferas errìçam-se;
Com a macìa gramma avelludada
Que ahì tambêm desdóbra os seus verdôres,
O viçoso capim rasteiro estende-se, —
Ou as flexìveis plûmulas menêia
Quási emulando os gravatás que se álçam
A' par dos mólles áloes, e dos cactos; —
Alguns dos cactos órnam-se de lìchens,
Uns imîtam nos galhos candelábros,
Ou imîtam columnas estriadas,
E onde purpûrea cochonilha educa-se...
Os fûlgidos clarões de um béllo dia
Nádam esperançosos no oriente : —
De orvalho as gôttas trêmulas fulgûram
N'um oceâno de flôres, de folhágens,
E coloridos fructos! — Frêsca a briza
Passa e repassa e traz brandos odôres
Da ubáia, e camarás, da mapirunga,
Dos lindos muricìs, das guabirabas;
Estes arômas que por vêzes mésclam-se
Aos efflûvios do mel das jandahyras,
O olfacto máis embêbem de delicias!
Lascivas borbolêtas se esvoáçam —
Resplendentes de alvura, ou já douradas,

Algumas o topásio em côr simîlham
A saphyra e o rubim, ou se dirîam
Sêr tantas béllas flôres transportadas
Pelas regiões do ar! — ou já disséreis
Que de velludo ou sêda, e de brocados
Se talháram as véstes variadas
Que d'estas borbolêtas umas trájam,
Ostentando os esmaltes máis donosos,
A graça máis gentîl! Ellas descrévem
Labyrînthicas fáixas nas alturas,
E as-québram d'um instante para instante
Já sòbre as tenras pétalas suaves,
Já sôbre humidas hásteas recendentes;
E os colibrîs, esvéltos, delicados, —
Por emtôrno de flôr em flòr, beijando-as,
As azas d'ouro e azul lìbram frementes;
Colhereiras de plumas côr de rósa,
Os mutuns negrejando mui formosos,
Carajuás azûes graciosìssimos, —
Em dilatados bandos se derrâmam,
Se dissemînam livres pelas várzeas;
Os grandes tuyhiûs lá reunidos
Eis branquêjam ao sol qual um rebanho
De candidos cordeiros; triumphante
Garboso urubû-tinga se espairece,
Mostrando o peito branco, e pelo dôrso

As azas prêtas, áureo e rubro o céllo,
Como a cabêça rubro, e como aquella
De plumágem qualquér desguarnecido...
Não ouves? Como em uma nóva orchestra
De cada hástea, de cada flôr, e fôlha,
Sûrdem, náscem metállicos zumbidos
De milhões e milhões d'insectos! Eil-o
O concêrto o máis rude, e o máis selvágem
E nem por isso isento e nû de agrados!
As nótas estes sóltam ásp'ras, fórtes,
Alêm, imperceptîveis, tênues, — outros
Invariáveis, monótonas, e muitos
Macîas e blandîsonas; mas todas,
Não obstante exhaladas de multîplices
Infindos instrumentos, nunca céssam
De seguir, se ajustar quási á um compasso
Quási á uma órdem mùsica prescripta,
Que o ouvido observadôr e máis attento
Distinguîra e aprecîa : — escutar amo
Simples vózes dos filhos da natura;
Minha imaginação aquî exulta
Absôrta nos sonîdos innocentes
Que a agra selvagidão d'elles modula!
Sabes o que dirão estes insectos? —
Que procûram assim? porque discântam?
Elles prêndem tambêm um élo aos élos

Da cadêia eternal, — mystérios toda,
Da creação inteira!... Léve a abêlha
Sussurra sôbre as flôres amaréllas
Do gerimum, iguáes á taças de ouro,
Seu nectar delibando; nambûs meigas
Arrûllam junto aos ninhos; sericóias,
Zabelês, e avestruzes gigantescas
E a mansa codorniz, e as sariemas,
Disférem gargantêios melanchólicos;
De vêz em quando no ar se peneirando
Carniceiro alarído os macauhans,
E o atróz carácará érguem horrìvel!
Emmudécem as vózes e as cadências
Das avesinhas tìmidas, que vélam,
Sôbre a próle inda implume debruçadas;
Mas sanhassûs collìgam-se e a andorinha
E os bemtevìs, e intrépidos rechássam
Vorazes inimigos, — que lhes ûrdem
Cruentar estes sìtios tam pacìficos!
Humana sociedade assim repulsa
Do próprio grêmio monstros sanguinários,
Cidadãos perigosos, máus, e indignos!...
Após se reinstáuram consonâncias
Um momento interruptas, e de nôvo
Tudo he já placidêz, e negligência,
Prazêr, e liberdade em toda a várzea.

O thálamo já viste
Máis suave e formoso,
Em que o férvido esposo
Feliz, voluptuoso,
Com a nôiva reclina-se?

Nem assim inda a imágem
Ah! terîeis tam pura
Da eternal formosura
Que inexháusta fulgura
N'estas várzeas brazîlicas!

A côlcha de setim de que se enfeita
O thálamo sponsal jamáis valêra
A' pleitear bellêzas d'essas plantas
Que revéstem de nossas lindas várzeas
Fecunda superfîcie; e d'alvo linho
As brandas lençarîas que acobértam
O par affortunado, inda as doçuras
Das máis raras essências que o-perfûmam,
— A's flôres mimosîssimas que alástram
Toda a relvosa gléba também cédem,
Cédem á emanações que flûem d'essas;
Até meigos suspiros, térnas lágrymas
Que o extremo gôzo vérte em desaffôgo
Do oppresso coração, sempre máis ávido

Não têem que vêr co'os plácidos incantos
Das harmonîas cònsonas dos pássaros,
Os murmùrios das auras, e os da abêlha,
E myrîadas de insectos, e os sussurros
Trepidantes de arrôios; — finalmente
De sêda entretecidos fïos de ouro
Que da ligeira cûpula fluctùam
Emtôrno d'esse thálamo de amôres
A magestade quando igualarîam,
E amenîssimas graças com que ondêiam
As neblinas por sôbre a várzea immensa,
Diáphanas, volûveis, devolvendo-se,
Ráyos á refranger do sol, — suspenso
Lá na abóbada azul do firmamento?...

He dòce vêr ao sôpro tempestuoso
Do tôrvo suduéste se acamárem
Fláccidos vegetáes, que se érguem lógo
Para ainda acamárem-se incessantes,
E incessantes ainda reerguérem-se...
O furôr do tufão aquî se perde, —
Eil-o em scenas de risos se transmuda!
Para o serviço, e os alimentos do hômem,
Os animáes que edùcam-se vaguêiam:
Bravïos touros ûrram, e as juvencas;
Capréolos, e os carneiros á balárem;

A grei de anhos e ovêlhas se retôuçam;
Os pôldros, e o corcél, aquî, relîncham;
Nediîssimas éguas, em manadas,
Lá se apascêntam árdegas, formosas!...
Dispersas as choupanas, ruráes prédios,
E os casáes de fazendas, ou de estâncias,
De retiro em retiro se edificam...

Ah! depois da hóra dûbia, indefinîvel,
Do vesperal crepûsculo,
Máis dôce he vêr a lua
No meio das estrêllas
Lânguidas, scintillantes,
Lagrymejar fulgôres e saudades
Pelas várzeas serenas, immensîssimas!

Pensas que allì he tudo solitário,
Tudo dórme, ou não vive?
Porêm crébros gemidos
Desprendêram as pombas,
E os vagídos das côrças,
E inda as vózes domésticas do armento,
Longe em longe os espaços atravéssam!

Quando mesmo o luar não se annuncìe;
Na chlâmyde da noite

Sempre as estrêllas brîlham,
E os seus ráyos descáhem-lhes
Tam trêmulos de amôres
Na chlâmyde florîgera e virente
Das brazîlicas várzeas perfumadas!

Quáes dos mares nas ondas árdem flammas
Da inquieta ardentìa,
Táes no éther anilado,
E na extensão das várzeas,
Pyrilampos sem nûmero
Alternativo accêndem-se, e se apágam
Em meandros de luz phosphorescente!...

Meu Deus! si débeis chórdas de minh' harpa
Fôssem á resoar quási o infinito
D'exîmias perfeições das meigas várzeas
Em minha chára pátria, eu não cantára
Os mineráes thezouros que se encérram
Allì sob nossos pés; — nem diamantes,
Esmeraldas, turquêzas, ouro, e a prata,
— Tudo quanto he metal máis precioso,
E tudo quanto he gemma das máis raras:
Cantára a exuberância portentosa,
Grata fecundidade, que as-reálçam,
Que as-constitûem bêrços ineffáveis
Dos sêres animáes e vegetantes!

HYMNO DA JUVENTUDE.

Eis o mundo, êis a vida; a infância esváe-se;
Longe e longe a velhice...
Oh! como tudo exhala o dôce incanto
De um suave presente,
E d'um porvir máis béllo!

Tam puro o azul do céo em nossos climas!
Que magnîficos valles!
Que subêrbas florêstas, e montanhas!
Flóridas as campinas!
Os rïos ingentìssimos!

O amôr em nosso ânimo se inflamma;
No bêrço das delîcias
Vamos acalentar nossos sentidos; —
As hóras infelizes
No amôr olvidaremos:

Do coração impulsos nos vigóra
Saûde inalterada;
Brancos raros cabêllos não retrêmem
Inda em nossas cabêças
Que pêndam para a térra:

O pensamento em Deus, no amôr extreme
O coração ardente,
Na virtude as acções, — inundaremos;
Assim fórtes, os passos
Guiemos sôbre flôres:

De nós cultos não frûe a hypocrisîa,
Tôrpe invéja, a mentira,
A avarêza e a traição; — mas a verdade,
A candidêz, franquêza,
Do bem nóbres desêjos:

Deixemos á exp'riência vãa dos vélhos
Os vîcios que abjurâmos,
E áquelles que (atro horrôr!) em nossa idade
Desértam das phalanges
Dos filhos do futuro!

Quem nos póde vedar que percorramos
O stádio da existência

No meio do prazêr em que se expande,
Sempre tão meiga e affável,
A naturêza inteira?!

Hômens nós entre os hômens não tememos
Nem expôr sentimentos,
Nem exercer magnânimos arbîtrios
De um generoso affecto
Com que exulte a consciência:

Nós he que sômos hôje os defensôres,
E esperanças da pátria:
A infância he muito débil, e a velhice
Tìmida, e em desespêro
Afferrada ao pretérito:

De nós trêmem os rìspidos tyrannos,
E os implacáveis déspotas; —
Illûdem nossa fé? nos cálcam? sûbito
Da vindicta a secûre
Lavar-nol-a-ha seu sangue!

Quando para affligir-nos se conjure
Desgraça empedernida,
Arca por arca luctaremos, — cértos
Que os lûgubres preságios
Em risos se convêrtam:

As sementes aladas dos arbustos, —
Si á estes os-invádem
Tórridos areiáes, e infectos pântanos,
Nem perecerão, — vôam
E máis alêm germînam;

Assim nós, oh! si aquî a liberdade
E os desîgnios nos córtam,
Allî os-salvaremos, — tam ufanos,
E talvêz máis felizes,
Nossa fôrça ostentando:

Do universo ide perscrutar archivos,
Verêis a mão dos séculos
Constante subscrevendo o nosso nome
A' instituições, conquistas,
Aos feitos máis brilhantes!

A' velhice merece altos disvéllos
Regrésso impertinente,
Ou stacionário estado sob o tîtulo
De conservar illésos
Os sociáes direitos!

Emquanto ella medita demorada
Co' a razão sempre tîmida,

Já nós deliberámos sem reservas
Por natural influxo,
Que melhór nos inspira :

O progrésso he, e foi, e será sempre
Da juventude o gênio;
E si o mundo perdura, á nós o-déve :
Deus, o amôr, e a virtude
Em nós he que se asy'lam.

AS FLORÉSTAS.

Troncos onde robusta a seiva gyra
Várrem o azul do céo co' a larga cópa :
Olhái d'aquî nascer no oppôsto sêrro
O astro da luz, — crerîeis que o seu passo
Das floréstas os rêis pódem vedar-lhe!
Uma fôlha não pérdem sem que nóvas
Em seu lugar lhes brótem; longas véstes
De mûltiplos cipós, em que mil flôres
Cravejadas rutîlam quáes saphy'ras,
Quáes ópalas, topásio, e raras gemmas,
Em donosas grinaldas os-circûmdam
(Régias télas que se órnam, se matîzam
Co' o esplêndido lavôr que não se imita!),
E elles ufanos móvem-n-as, e as brizas
De perfumes dulcîssimos embébem...
Attentái como em tam cerradas filas
Si o férro destructôr de algum minára
A corpulenta base, — não baquêia, —

Os sócios o-sustêem; e bréve emtôrno
Frondîferos renóvos o-guarnécem; —
O guerreiro similha que na lucta
Alvo se vîo dos golpes do inimigo,
Mas uns dos seus nos braços o-recébem,
Já com os córpos outros o-murálham!
Columnas de cem pés e cem de altura,
E ainda muito máis avantajadas,
Em magnîficos pórticos se adûnam,
Em nóbres peristyllos, que condûzem
A basîlicas mysteriosas, vastas
Que invéja delinear a architectônica;
Cada columna um vegetal eléva-a, —
Nôvo representante das famîlias,
Dos gêneros e espécie os máis diversos!
Em seus pedestáes, capitéis, e frisos,
Nas traves e cornijas resplandécem,
Oscîllam-lhes, tremûlam mil mil plantas,
Que as-recâmam, pendendo elegantîssimas,
Convolvendo-se amenas, graciosas, —
Entre si mutuamente entrelaçando-se;
Enormîssimas flôres das orchîdeas,
De aristolóchias, ou de liliáceas,
E gustávias recêndem sôbre aquellas,
Como que ambicionando adereçal-as
Para um festivo dia de triumpho —

Qual celébram jamáis conquistadôres!
N'este recinto uns hymnos maviosos,
Um férvido agitar, — fremir de vida,
Se percébem, s'escûtam... Mas, recônditos,
Impenetráveis ânditos se addênsam
Lá no îmo da florésta, — sanctuários
Onde perpétua a solidão demóra!

Perspectiva sublime e veneranda
Exhibe a sélva primitiva... Dentro
Bramindo o vento, embravecido e prêso,
Claras vózes alguma vêz desátam-se
Que nos gélam d'horrôr! O hômem detêm-se,
— Considéra que chega em as pousadas
Onde o ingrésso lhe empéce a naturêza;
Elle apérta no punho afiado gládio,
Ou dispõe a clavina, ou palpa á cinta
As bronzeadas pistólas mui certeiras
Mas o peito de estremecer não cessa,
E á consciência á clamar : « Eia, recûa! »
Sacrîlego, ái! medita a superfîcie
Do sólo em desnudar! Já se revólta
Contra os altivos troncos que o-circûmdam,
Que lhe embárgam as vistas e a passágem;
Retalhantes machados lhes desfêcha,
E incêndios lhes atêia que os-devore...

Bárbaro! suspendei o exìcio ingrato;
Ah! o interêsse nosso he que intercéde,
He da pátria o interêsse e o do órbe inteiro,
Que falla, que supplìca em favôr d'elles:
Por acaso ignorâmos que os thezouros
Dos nossos mineráes não equiválem
O illimitado prêço da opulência
E das magnificências d'estes bósques?!
Estes sam que mantêem a exuberância,
Toda a fertilidade e a formosura
Dos climas tropicáes; as suas cópas
Sóltam impenetral docél de sombras
Aos ares, e o terreno assim presérvam
Contra os fógos á prumo do sol que arde;
Suas folhágens hûmidos vapôres
Bafêjam, — e o calórico irradìam
Nas ondas da atmosphéra máis pesadas
E emtôrno espálham vida, o frêsco, e allìvio;
Sam vegetáes ainda que depûram, —
E oxygênam o ambiente que respira-se;
Elles sam que apprehêndem, que elabóram
Agentes inorgânicos, e appréstam
Os plásticos princìpios e elementos
Do systema animal... O que fazemos?
Que?! á cûmulos de cinzas e destróços
Quem ousa reduzir estes asylos, —

Este éden de mammîferos, de pássaros,
D'insectos, e até de reptìs profìcuos,
— Um depósito etérno das riquêzas
Que as sciências, que as artes, os mistéres,
E a indûstria applìcam, e ávidas anhélam?
Não! o incêndio não máis, não máis o-arrase!

Oh! como alêm se exálçam magestosos
Os filhos primogénitos das sélvas!
A aroeira, o vinhático, e a brahuna,
Umarys, a oitycica, e as juciramas,
Os sucupira-assûs, e os grapeciques,
Ubiragáras, mass'randuba, e o cédro,
Murapinimas, guarabûs, páus-d'arco,
A itahuba, o acapû, e piquiaranas,
Não perêçam inglórios! — Elles vìram,
Táes quáes os-admirâmos, os primeiros
Mérs e *Pêros* [1] que, injustos, sceleratos,
Carregáram de férro á póvos livres,
Em nome de um *senhôr* que estes não tìnham!
Seus troncos sós podéram facilmente,
Em ygáras lavrados, — pelas ondas

[1] Francêzes e Portuguêzes. « Que veut dire que vous autres *Mairs* et *Peros*, c'est-à-dire François et Portugais, venez de si loin querir du bois pour vous chaufer? N'en y a il point en vostre pays? » etc. (JEAN DE LERY, *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil*, chap. XIII.)

Transportar cem guerreiros! as procéllas
Os-respeitaram, séc'los educavam-n-os,
E hôje?... oh dôr! á que fim os-assolâmos?
Promovêssemos antes que prospérem
Elles e os seus congêneres tam ûteis!
O jatahy transuda a copal gômma;
E transuda o catchû a gomma elástica;
O omery — a estoraque; a ycica — o incenso;
A almécega — a elemî; co' a getacica,
Beijoîm, o angico, o guáiaco, e a secuba,
Manam todos resinas prestimosas;
Do comarû se extráhe oleoso bálsamo,
E assim da copahyba e cabureigba;
O pechurim de amêndoas odorosas
Exhala seus perfumes, que se espósam
Do cocherî aos hálitos fragrantes
E aos das vágens e flôres da baunilha,
E aos do anhaybatan no ardente lîber;
A carnahuba vale á ministrar-nos
Tugûrio, véstes, cêra, e nutrimentos;
O tucum harto linho nos off'rece,
E o turury finîssimos cordames,
E a piassaba os fîos de calabres;
O emburé abre as cápsulas de sêda,
E assim a mongubeira, e a sumahuma;
Da chirihuba aos galhos prende a flamma,

Quáes lìmpidos archótes; cacauzeiros,
E subêrbas palmeiras grandiosas,
Prospéram co' a opulência de seus fructos;
Luxurioso o matte aquî frondêja;
Lindo arbutan vigóra, e não subnega
Das fibras a famosa côr purpûrea;
E nem o acariquára a vêrde; e a rouxa
Nem inda o mucunan, e a capiranga;
E nunca o araribá da própria casca,
Ou o urucum tam pouco das sementes
O vîvido escarlate; e a tatajuba
Do próprio lenho o jalde; ou o anileiro
A fécula do azul o máis formoso :
Infindos que minh' harpa calla, vêde-os
Benéficos á saûde, e aos nossos cômmodos,
E á nossa subsistência, e urgências nossas!...

Entrái n'essa florésta, e contempláì-a
Nos vários lapsos que illumina o dia.

Alvêja no horizonte a madrugada,
E ridente a manhãa vem serenìssima
Apresentar-se em bréve : êil-a começa
A máis incantadôra das orchéstras
Que he dado ouvir; os pássaros acórdam;
De cada fôlha mil gorgêios náscem :
— Dos alados cantôres uns excédem

Na melodìa as nótas de instrumentos
Os máis perfeitos do hômem; outros mesmo
Cujos trinados de per si não prázam, —
Na unisonância universal figûram
Tam suaves quáes esses; sobranceiros
Plûmeos espôsos aos queridos ninhos
Os québros gargantêiam; meigos cantos
Após a amada esquiva outros suspîram;
Innocência, ternura, aquî he tudo,
Volupioso, attractivo! — a liberdade,
A indolência, o prazêr, e os seus amôres,
Vistas me enlévam, sympathîas, alma!
Cada hymno, cada nóta me electrisa
Que fólgo n'um delìquio, em vago olvído,
N'um descuido do mundo descahir-me...
Vinde, cantôres meus dos vêrdes bósques!
Talvêz que fatigado e enfraquecido
Ache-se algum de vós; hóras se escôam
Que altérnos ante mim trinos, adêjos,
Vos affânam contînuo!... Que? recêios!
Nada temáis de mim; dòbre meu peito
Não he; si livre sois, eu, — sôbre tudo, —
Adoro a liberdade; Deus fadou-me
E assim á vós tambêm a poesìa; —
Ah! bardos, vates, todos nos amemos:
Máis felizes, porêm, sois porventura;

Vós ao lado da amada no arvorêdo
Nóvos ráyos do sol como os extremos
Plácidos festejáis, térnos, e alégres;
Naturêza aprazîvel, vasta, fértil,
A mantença diária vol-a outorga
Sem trabalhos, sem falha, sem limites;
Quér se despéçam, quér resûrjam dias,
Sómente hymnos de amôr, prazêr, e glórias,
Tendes á desferir; — vis pensamentos,
Falsidade, ambições, horrôres, crimes,
E os atros fêios vîcios detestandos
Não os-sabêis dos hômens; não ignóro,
Nem desconfésso que entre vós se nûtrem
Carnîfices, — da luz ou inimigos, —
Mas estes conhecêis-l-os, estes fácil
Evital-os podêis, que o Auctor Supremo
Assignalal-os quiz com differentes
Pluma e conformação; quando assomárem
Prevenidos fugîs, — nenhum disfarce
Vos illude, ou seduz, nem atraiçôa;
Entre nós, ao contrário, os hômens todos,
Iguáes na fórma, quam diversos n'alma!
Iguáes na fórma, — differindo quanto
O ar purîssimo — flúido — da montanha
Do de cárcere infecto, — ou vida e mórte!
Si querem-se extremar os bons que exîstem,

Lêiam-se os corações, — de raros fôram
Tênues conchas do mar em práia extensa
Para os medões de arêia que as-sottérram!
Mas vós.... querêis-vos ir! temêis, cantôres?
Não vos fiáis em mim!.... Bons e perversos,
Uma vêz que ândam mixtos, sem reserva
He forçoso que assim os-vêjam todos....
O temtêm, grunhatás, e as sericóias,
Ameûdam os sons que se harmonîsam
Com o suspiro vário e intercadente
Das auras da manhãa entre a ramágem;
Densas nûvens de aráras fulgurantes
Se levântam aos céos com rudes chilros
A' buscar nóvas árvores longînquas;
Já co' o mesmo desîgnio estas parágens
Que ellas dêixam os canindés procûram;
No rijo pequiá — todo enfeitado
De flôres em pyrâmides, — agûçam
Róstro revôlto e rûbido os tucanos;
Eis de todos os rumos se dirîgem
Variegados bandos de ingaçáras,
De sahîs, de aihurûs, que se succédem,
Que se mésclam, que á sîtios predilectos
Máis numerosos vôam; n'este ensêjo
Ora ondas de harmonîa aquî notáras,
Um confuso alvorôto allì agóra, —

Sam trinos, silvos, que se enlêiam todos
Quáes não válem discriminar teus ólhos
As enrediças hérvas d'esses troncos —
Em multìplice amplexo emmaranhadas!
Mavioso o tiê; e agudos, fórtes,
Da araponga os metállicos tinnidos;
Aflautado e argentino nos enléva
O azulão e o memby; as nambùs gêmem
Entre os capins, e máis distante arrulla
Mimosa zabelê, — ou reduplìcam
Roucos xoróxorós tristonho o canto;
Enxames de tubìs, de cabiguáras,
De mandaguiras, mondurys, theùbas,
Mellìgeras colmêias, entre aromas
E murmùrios, fabrìcam no excavado
Da mussutuahyba e iriaranas,
E de outras grandes árvores innûmeras;
A hyrára estas abêlhas lá explóra
Que ao domicìlio vólvem, invadindo-o
Rouba-lhes dôces favos, d'elles nutre-se;
De alto genipapeiro entre alvas flôres
Gorgêia o goturama; em as peróbas
Ergue a vóz o mutum; d'entre taquáras
Da jararáca féra os olhos lùzem-lhe
Fixos na juruty, que sôbre o angico
Saudades e amôr geme; alêm atira

Tremenda cascavél o mortal bóte
A' meiga enhapupé nas vêrdes grammas;
Aos amarellos, aos vermêlhos fructos
Do ramoso cajueiro os papagáios
Em alarida acódem; — patativas
Desentrânham por vêzes harmonîas
De sôbre o salsafraz; odóras vágens
De volûvel baunilha, que se entrança
Nas cimeiras do ipê, attráhem, châmam
Vêrdes maracanãas azul-douradas:
Jandáias se pendûram dos collares
De vegetáes alt'rosos; nos racimos,
Nas palmas da pindóba os emberizas
Brandos concentos mágicos desprêndem;
Nas fôlhas resequidas que o terreno
Em camadas alástram de mistura
Co' os detritos de flôres e de fructos,
Tal qual em um mosáico, anda, percorre
Hardido teû-assû, de larga sérra
Que o dôrso inteiro lhe arma, em busca d'óvos
Das pararys, da aracoan, das rôlas; —
Temerário á combate elle provóca
Assanhada serpente : — a extensa cauda,
O'ssea, e articulada, vibra, e esquiva-se,
Avança para o imigo, inda o-azorraga,
Acommette-o o reptîl d'atro veneno,

Mas aos golpes d'aquelle se atordôa,
E amassado por fim môrto succumbe;
Nos fragrantes auricolôres pomos
Do viçoso maracujá, que enlaça
Em graciosos annéis os joázeiros
De magnîficas flôres recamando-os,
Se apascêntam o haby e as capivaras;
Nos tópes do violête ou janaguba
A listrada coral e as urussangas
Quêdas refléctem os solares lumes,
Ou devóram (em bem!) outras serpentes;
Espântam-se os quatîs que divisáram
A velóz caninana entre as grinaldas
Que florêjam pendentes d'ampla cópa
Do muraquatiára, e em samambáias
— Mui veneranda coma do arvorêdo!
Os mocós, sarohês, os preás sáltam
Nos pascîgos e á par medrosas pacas;
De galho em galho, ao avistar-nos, fóge
O mosqueado maracajá; e o astuto
Unguilongo bandeira, em caso extremo,
Para que o-abrácem, recostado aguarda
Quadrûpedes máis fórtes que o-investîrem,
E entâm, quáes acerados estylêtes,
As unhas nas entranhas lhes acrava; —
Os cupins em seus tûmulos erguidos

Assentes sôbre o sólo ou sôbre as árvores,
De nada se arrecêiam máis que d'este, —
Que lhes derruba as casas, e os-alcança
Com a afilada lìngua, que retráhe
Apenas os cupins a-coguláram;
Ouriça-se o quandû allì; suspensos
Nas caudas os sauhìs á balançar-se;
Mesmo a preguiça em somno abeborada
Lá tardìa se arrastra semi-mórta:
Em vólta d'essa lágem os jurunas
Duros coquilhos diligentes québram,
Que amontôam depois de preparados; —
Alguns d'elles, na grimpa do arvorêdo,
Expertos ataláias, — dam rebate
Que hômens d'estes lugares se aproxìmam,
De agudos assobïos — delatôres,
Que alarma incìtam, a espessura atrôa-se;
Os forçosos tapirs, nêgras jaguáras,
Bravìas cangussûs, de quando em quando,
Atravéssam ligeiras as floréstas;
O veado rumina em tenras môitas;
E o rasteiro tatû escarva as hérvas
De saborosa raîz que ávido o-nûtrem....

Mas no zenith o sol dardêja os ráyos:
Do calôr ensoados, — fatigados

De canto e vôos, os pássaros repôusam;
Mammîferos, reptîs, tambêm insectos,
Nem longe aventureiros já se affástam;
As capoeiras sam que máis se aprázem
Na espessura clamar durante a sésta,
Quando mal se ouve um crébro movimento
De que allì tudo he vida; as arapongas
Demoradas, e só de espaço e espaço, —
Qual martéllo de ferradôr retînnem;
As abêlhas no côncavo dos troncos
Remurmûram, e mésclam seus sussurros
Aos estrîdulos tiples das cigarras,
E aos zumbidos de insectos omnigêneres,
Que em térra, na folhágem, entre a casca
D'árvores, no ar, fluctûam, rebatendo
E espanejando as azas de ouro e prata,
De esmeralda, e de anîl, ou mixticôres —
Do esmalte o máis vulgar ao máis esplêndido!
N'estas hóras de calma, — quando ainda
He maiór o silêncio, ouve-se um ruìdo, —
Um estalo.... He da palmeira a spatha
Que abrìo, — flóreos arômas derramando;
Ou da sapucayeira as lìgneas urnas
Que o seu maduro opérculo desprégam,
Emtôrno sacudindo as lácteas nózes;
O'ra ouve-se um estrondo.... a côrça espanta-se,

Algumas aves pìam, fógem outras, —
O jaguar ruge, — após tudo emmudece....
He um jequitibá, que, circumvôlto
De cipós, — carcomido pela idade,
Escapa-lhes dos braços, tomba em térra,
E deixa o seu lugar vasïo ; — aquelles
Persîstem entrançados, e consérvam
Nas espiras a fórma do gigante!
O'ra foi um rumôr desencontrado,
Que céssa e continûa recrescente...
He o tuffão que sópra, muge, esfórça-se
Penetrar nos recintos das florèstas,
Que lhe oppõem seus flancos d'embastidas
D'ìntimas condensadas rênques; — dóbra
Rajadas o tuffão, — e enraivecido
Emfim derrûe alguns de seus contrárîos :
Béllo, he béllo sentir-lhes os rangidos
Que entorsões violentas lhes provócam
De fibra em fibra! He béllo vêr nos ares
Um dilûvio de flôres desparzîrem! —
Os grandes vegetáes que ahî se próstram
Havel-os-hêis de vêr todos ornados, —
Lîchens, e fétos, musgos, e florîgeras
Mil parasitas plantas os-recîngem
Como que d'um vestuário de triumpho :
Táes quáes honrâmos vìctimas illustres

Que perecêram pela pátria e glória!
O'ra ouve-se um clamôr, um grito fùnebre,
Luctuoso grito algum inf'liz arranca?...
He a vóz do acauhan, a voz de agouro
Que esta ave de rapina arrója horrìvel!...

A tarde já declina. — Desinquietos
Da selvosa mansão os habitantes
Abandônam a inércia do descanso;
Inda quérem fruîr esse intervallo
Do dia e noite : — os pássaros revôam,
Aos bandos se revésam, no ar se crûzam
Em singular concêrto harmonioso;
Outros ostêndem plumas formosìssimas
Das máis vìvidas côres, — fulgurando
Ao sol occidental, si nos incântam
(Quam frágil a bellêza desnudada
De máis firme attractivo ou máis sublime!),
Lógo que a noite venha, êil-os nas trévas
Se confùndem co' as aves máis hediondas,
Ninguêm sabe si exîstem! Ao contrário,
Pela ausência da luz, — essas ainda,
Gorgêios modulando, aves canóras
Na mesma escuridão se reconhécem
Que respîram allì, e se abençôam
De quantos extasiâmos-nos de ouvil-as!

Camocicas, seguidas de seus filhos,
Lhes ensînam corrêr por entre as brenhas;
Féros guarás carnîvoros devástam
As legiões imbélles das cotîas,
A' seu turno acossados de jaguares
Famulentos, cruéis; sôbre as ramágens
Dó gameleiro roucas as guaribas
Rechinantes, ruïdosas vociféram;
Levîpedes mondés trépam, já déscem
Pelas chórdas do imbê; a sussurana
Occulta-se no taboccal, e apprésta
Mortal cilada ao tîmido galheiro;
Ao regressar dos rïos ou dos bréjos,
Onde fôram beber ou chafurdar-se,
Os caitetûs os dentes navalhados
Em convulsivo embate spûmeos rângem;
As antas, suçuapáras, e ariranhas,
Escólhem um abrigo que as-resalve
Do tigre, ou do caguar, cujas passadas
Se annuncìam no estrépito dos côlmos
Dos taquarassùs, onde o fatal monstro
Depôz a próle, herdeira sanguinária
Da patérna sevîcia; em ramo em outro
Felpudo caxing'lê inquieto pula:
O corocuturù agita as azas, —
Co' as rapinantes garras arremette

Ao manso jacû-pema, que pascìa
Os fructos do nayhá ou do embuzeiro...
Jurutauhys, após, se esvoaçando,
No meio dos noctìvagos consócios,
Desátam guincho atroz que ao largo echôa
Qual sarcástica enórme gargalhada.

. . . .

. . . .

Não era entre estas árvores outr' óra
Que se tecêram tabas dos autócthones,
E onde se convocávam seus guerreiros,
A' própria independência sempre attentos?
E onde infinitas vêzes reboáram
O clangôr do *inubiá*, trons do *trocáno*,
O sibìlo das fléchas despedidas
Do pezadìssimo *oropá*, — tam léve
Para as robustas fôrças d'esses hómens?!
Sim; era aquì também que a juventude
A exp'riência escutáva co'os consêlhos
Dos graves anciãos, e altas proêzas,
A ìnclyta immortal glória de seus bravos,
Ao som do maracá, — sacro instrumento
Ou já propiciar do mal os gênios,
Já concitar os ânimos aos prélios,
Já deprecar Tupan, ou precisássem
My'sticas féstas celebrar solemnes

Em honra dos heróes cujas imágens
Lá, alêm das montanhas, delicîam-se
Em ludos e prazêr, ócio e manjares...
Os philósophos sêntem-se pungidos
Ao discorrer assim largas floréstas
Derelictas, desértas d'essas trîbus
Que o Brazil primitivas habitávam!
Que he feito d'ellas? No regaço exîstem
Da civilisação? — De humano tino
Polîtica prevista, e justa, e sábia,
Lhes ha dado um asylo que compórtem
Suas îndoles, hábitos, costumes?
Instruidos seus filhos, e elles mesmos,
Estâm hôje os selvágens augmentando
Nossos concidadãos? E approveitados,
Trabalhos nossos, nossa indûstria exércem?
Oh! dôr! ao extermînio, á duros tratos,
Ou á bárbara mórte os-condemnáram!
Os legîtimos donos d'estas plagas
Com que direitos s'expulsáram? — Dólos,
Violências, e infâmia, e crueldades
Os-ham desfeito em pó! Grilhões de férro,
Ou vexâmes, — em vêz da só brandura
De amiga tolerância, os-assombráram,
Os-removêram longe de seus déspotas!
Ah! quér-se que sem pátria inda servîssem

Promptos e satisfeitos (como os filhos
Da civilisação) — da liberdade
Os zelosos cultôres!... Eil-os vagos,
E no embrutecimento inda dispersos
Os perseguidos réstos d'esses póvos!
Oh cegueira infernal! quando os patrîcios
Desgraçados ahî desamparâmos, —
Imos-nos corromper escravisando
D'Africa tam grosseira immundos încolas!
Eia, acórda-te, oh pátria! ou um abysmo
Ai! sorvêr-te-ha hiante e sem regrésso :
Oh minha pátria, acórda-te! Meu brado
Trôe de fim á fim do immenso Império.

HYMNO DA VELHICE.

E a juventude acaso nos insulta?!
Acaso injusta olvìda
Que nem sempre curvámos
A encanecida fronte, sôbre um báculo
Frouxos passos medindo?!

Jóvens! também outr'óra pertencemos
A's ufanas phalanges
Em que hôje vos alista
Dos annos a fatal necessidade,
Que d'estas nos degrada;

Um dia vos trará, crêde, sem falta
Similhante destino;
Prevenì-vos! os annos
Invôltos n'essas flammas que vos prêndem
Assim mesmo se extìnguem.

He béllo, declarâmos, contemplar-vos
Absôrtos nos prestîgios
De um *plácido* futuro,
Conculcando os pavôres, e infortûnios,
E iniquidades de hômens;

A' vos surrir o amôr *sempre* tam *puro!*
Cérta a felicidade!
A pátria *sempre grata*
Ao zêlo salvadôr com que a-servîreis!
Plenos vossos desêjos!

Ai! não seremos nós quem vos demárque
Onde a illusão começa,
E onde finda a verdade;
Vêl-o-hêis apenas o ânimo abdicardes
Na progênie vindoura;

Mas não sejáis comnôsco inexoráveis,
Negando-nos o int'rêsse
Pelo activo progrésso,
E os máis sácros affectos generosos
Que a humanidade elévam!

Antes que, ah! dos desértos nas arêias
Nóvas plantas vigórem

Cumprìa que mil outras
O sólo preparássem com seus réstos,
De hûmus pìngue invadindo-o;

Táes nós vos dispuzemos da existência
O stádio illimitado,
Agóra menos árduo,
Agóra, — por disvéllos nossos, — franco
A's aspirações vossas.

D'entre as vossas fileiras uns desértam,
E também d'entre as nossas
Trânsfugas se numéram;
Nem sam de classe alguma : oh! abjurêmol-os,
Oh! maldição sôbre elles!

Sim, o que á juventude sancciona
O timbre que a-assignala?
— « Do coração nobrêza » —
E á velhice? — « He a integridade d'alma, »
« Em ambas a virtude : »

E jamáis esses dótes cultiváram
Vélhos facinorosos,
Ou sceleratos jóvens :
O porvir dos segundos, sabe-o o mundo,
Dos primeiros, Deus sabe!

Triumphante se orgulhe a juventude
Das fôrças que lhe excìtam
Impulsos gloriosos; —
Em nós estes impulsos inda exîstem,
Mas na razão firmados;

Ah! o glôbo terráqueo em seu princìpio
Do sol não precisava
Para aquecer seus climas,
Depois se resfriando, — êis necessita
Solar temperatura;

Por igual módo nós, — já dispensámos
Da razão as medidas
Quando a vida encetáramos,
Porêm hôje — que o sangue se congéla
A razão invocâmos;

Alguma vêz, sem dûvida, se frûstram
Seus próvidos consêlhos, —
Isto em summa qu'impórta?
Bradaremos que assim d'ella se faça
Implacável renûncia?

Não; tambêm o pharól que alastra as luzes
Nas vagas do oceâno

Nem sempre preservára
Do naufragoso scôlho o baixél mîsero
Que allì se despedaça...

A liberdade em nós ha deparado
Rìgidos patriarchas;
Si tyrannos não têmem-se
De nossos braços, oh! elles trepîdam
De nossa experiência :

E quando assoma o ensêjo, — corajosos
A desgraça arrostâmos,
E os tormentos e a mórte!
Hômens somos, parciáes dos bons, dos justos,
Ao malvado sevéros :

A' final, reiterâmos, — a virtude
Em todas as idades
Embalsama a existência :
Ante Deus nem velhice ou juventude,
— Só o hômem virtuoso! —

O RETRATO.

Enviaste-me, Elóra! o teu retrato,
Que eu d'instante á instante, transportado
De amôr por ti, contemplo : tua imágem,
Qual a esperança em o coração do hômem,
Ante os sentidos meus perenne existe;
Mas tua effìgie no marfim gravada
Vem fiél illudir-me que eu disséra
Presente em meu conspecto divisar-te!
Crystal fino e polído que a-revéste
Me consente fruìr, vìrgem formosa,
Vìvido o brilhantismo de teus ólhos;
E as tuas faces mórbidas, tam puras!
Teu cóllo, onde perfeitos se modélam
Gêmeos glóbos que alvìssimos se tócam
Anhelantes de amôr, pudôr de vìrgem...
Tuas longas madeixas, pelos hombros,
Em annéis de ouro sôltas, devolvendo-se...
A cintura onde nunca as mãos de um hômem,

Nem de léve, pousar nunca ousarìam;
Quási, quási o perfume de teus lábios
Que de hûmido rubôr o sangue inflamma;
Teus lábios!... ah! friêza crûa impéde
De sêrem táes quáes sam: estes nem sóhem
Agóra me entender os ìgneos beijos
Que minh' alma transvértem na tua alma,
N'um delìquio que enléva de delìcias!...
Amo admirar-te a fronte abérta e lisa,
Da intelligência o sy'mbolo indelével;
Amo, Elóra, admirar n'este compôsto
Harmônico de incantos que te fórmam,
Qual mansa pomba, — cândida bondade
Por emtôrno de ti pairando meiga:
He béllo, he celestial o teu retrato
Como tu és, meu anjo! — mas ainda,
Ainda as perfeições, graças, e incantos,
Que a térra nunca vio que em ti não fôssem
Deixou de trasladal-as; — as bellêzas,
Ah! todas as magîas do teu côrpo,
E esses matizes que succédem n'ellas
Multìplices, e vários, e infinitos, —
Das paixões ao impulso ardente ou meigo,
(Qual o céo em manhãa do sol dourada
De nûvens realçando-se — varîa
Aos sôpros do aquilão ou aos do zéphyro)

Não se alcânçam traçar n'um quadro môrto!
Si eu pósso oscillações contar que a rósa
Fizér no cimo da vergôntea esvelta
A' bafágem das auras, tambêm pósso
Contar-te as graças de teu côrpo, oh vîrgem!
Brancas véstes que trajas dam-te o aspecto
De creatura ideial, — vaga ondeiando
Em vivîfica accêsa phantasìa! —
Dilirioso eu fallo-te... eu te escuto...
E a mudêz que os teus lábios, como um scêllo
Férreo e inquebrável, prende — me consterna:
Qual si possîvel fòra que respondas
Eu vôlvo-te de nôvo as minhas sûpplicas...
Oh dôr! incértos sons que me fingîram
Os sons das tuas vózes, — que o meu nome
De amôr n'um juramento articulávam,
E'ram das virações os tênues hálitos
De odóros resedás entre a folhágem!
N'este dilîrio, ou têrmo indefinîvel
Em que nem ha vigîlia, nem ha somno,
Sentir julgo o roçar de teus cabêllos
Por sôbre a minha face; ao seu contacto
Despérto o coração dentro estreméce-me, —
Qual d'um pássaro a próle apenas este
Pousa á bórda do ninho, ou qual orvalho
No cálice da flôr que a briza affaga...

Quam mágico podêr te estrema, Elóra,
A' que ûnica, e exclusiva tu impéres
Tam soberana em mim! Os dias córrem,
E com os dias meu amôr se inflamma!

Como si as máis idéias se aniquîlem
Para o espîrito meu, — a tua imágem
N'elle refulge só, — e magestosa :
Assim no firmamento a estrêlla d'alva,
Esvaîdos os astros, — melanchólica,
Lânguida, solitária, — lá domina!

Vem deslembrado somno, e fêcha as pálpebras
De meus ólhos? Ao somno em fim succumbo?
Vida perdida! — penso : — inda eu sonhando
Ao menos si fallar-lhe, a-vir, ouvil-a!...

Estrêllas nos espaços sem medida
Vêjo invôltas em spumas argentadas,
E n'um leito de anîl tremeluzîrem :
Despenhárem-se vêjo das montanhas
Em lûcido lençól lîmpidas águas,
Onde as côres se irîsam, se refrângem :
Ouço os collóquios francos da innocência :
Ou de nôivos gentîs solemnes vótos :
Pela callada noite ouço dulcîssima,

Harmoniosa vóz que se gratula
De quanto sam ditosos seus amôres :
Após maviosa tarde esplende a lua,
E, ao contemplárem o astro da saudade,
Castas vîrgens, em seus jardins vagando,
Preoccupadas, abstractas, — óra flôres
Entre os dêdos desfólham, óra aos lábios
As-lévam á desdêm, — meûdo o passo
O-apressûram... suspêndem... já nem sábem
Puras o que almejar e obrar lhes cumpra...
Clamo ahî : Grande Deus! quanto attractivo!!!
Mas ella? ella onde está? Eis-me insensîvel,
E inaccésso ao prazêr — sendo ella ausente...

Em mim existirás alêm da mórte :
Sim; quando nos aguarde um' outra vida
Teu lá serei tambêm; — si não aguarda
(Absurdo o máis fatal!), comigo extînguem-se
Meus vótos, qual a luz que um astro esparge
Lógo extincta com o astro que a-espargîa.

O BRAZIL E O IMPERADÔR.

Dois de dezembro de 1858.

Aos ráyos triumphantes que dardêja
Sôbre o glôbo terrestre o sol — contempla-se
Vasto, immenso, feliz, livre um Império,
— O Império do Brazil! — Em seus progréssos
E em sua direcção segura e próvida
De paz, de indûstria, d'artes, e sciências,
De podêr, de prosperidade, e vida, —
Consciente observadôr quando o-perscrute
Sem hesitar dirá que o-rége o sceptro
De mui grande Monarcha e justo e sábio.
Não d'outr' arte ante o aspecto do Amazonas,
Do Prata, ou Mississìpi, — em suas fózes,
Onde as águas convólvem magestosas, —
Já não máis duvidára a intelligência
Prenunciar existindo um continente

Qual só lhes póde amp'rar o caudal curso,
E dar-lhes as nascentes dignas d'elles.

Mui grato sentimento nos aníma
Si em os nossos direitos meditâmos:
Definidos por lêis, — as paixões tôrpes
Das turbas mal-morîgeras não válem
A' os-quebrantar jamáis, quando no throno
Se assenta o filho, o néto, o descendente
D'aquelles que o Senhor e o pôvo ungîram,
Desde évo remotîssimo, os primeiros
Defensôres e da Nação os Chefes, —
Quando he *Aquelle Ungido*, á quem só rende
Brazileira Nação um culto unânime,
O grande Imperadôr PEDRO SEGUNDO.
Repugna, incompatîveis, sãa virtude
De atróz iniquidade, — assim d' anárchica
Despótica ambição sempre irrequiéta
De entidades do pó e do artifìcio, —
O throno imperial sublime extrema-se!

E o throno imperial onde se assenta
O nosso Imperadôr PEDRO SEGUNDO
Nas pontas das bayonetas não se eléva,
Nem o esplendôr lhe empânam as lisonjas
Nem espionágem vil d'almas venáveis...

Não! — DOM PEDRO heo pái, o orgulho, a glória,
Do pôvo, que enthusiasta o revenéra, —
A' Elle cujo diadema real cinge
Máis a fronte d'um Gênio que d'um hômem!
Emtôrno d'Elle, como emtôrno d'hástea
De virente palmeira a alta folhágem,
Páiram as esperanças de seus súbditos,
D'Elle háurem os alentos e a firmêza,
Por Elle se interéssam que os orvalhos
Da placidêz perenne e de venturas
Que Deus envîa aos justos, sem fallência,
Lhe amêiguem sempre o coração magnânimo.

Vêde-o dos Brazileiros circumdado! —
Os filhos do futuro, em cujo sêio
Se inflâmmam as idéias grandiosas
De Deus, pátria, e virtude, — essas phalanges
De intelligentes jóvens, — jóven Elle,
E máis intelligente, attrahe-os fácil
Por benéficos dótes do seu ânimo;
Esses em quem hinvérnos registráram
Memórias e experiências do pretérito
Sinceros anciãos á próle ensînam
Adorar o Monarcha, idolatral-o,
Sem o qual impossîvel já lhes fôra
Lançárem-lhes a abênção d'hômens livres,

E d'hômens livres despedir-se á mórte!...
A liberdade n'Elle identifica-se —
E Elle existe no alvérgue do máis póbre
No alcáçar do máis rico, em todo o Império.

O podêr soberano que o-revéste
Assimilha essa fôrça que modéra
Curso etérno dos órbes nos espaços
Infinitos dos céos : um central astro
A ampla curva devolve emtôrno de outro;
O satéllite humilde; e o máis subêrbo
Dos planêtas; — a estrêlla, cujo móto
Os cálculos de astrônomos não sábem;
E os prófugos comêtas; — nebulosas
De esphéras em myrìadas diffusas;
Asteróides ignótos; — finalmente
Rude acérvo de cósmica matéria;
Não sam abandonados aos arbìtrios,
A's desórdens do acaso; em harmonìa,
Entre si, entre todos, se compórtam :
Os póvos do Brazil assim progrìdem,
Mantendo-os o Monarcha em seus direitos.

As páginas da história que memóram
Do século presente altos succéssos
Não se oblitéram nunca : aos porvindouros

Seus brônzeos charactéres lhes transmîttem
— Que immune do terrôr e tyrannîas, —
O Império do Brazil exhibe ao mundo
Nóbre exemplo da fórma de govêrno
Dos hômens o máis digno, e o só perfeito :
Os progréssos do pôvo sempre vîram
Precedêl-os á frente o Generoso,
O Grande Imperadôr PEDRO SEGUNDO,
Que detestando imp'rar sôbre a rudêza
Prodîga protecção, sciência, e estudos,
Porque todos os súbditos se illûstrem :
Qual diamante das trévas não precisa
Para esplender si esplende á luz do dia :
Sim ! dezenóve o século pertence-lhe !

DOIS SYMBOLOS.

No desérto era um plaino todo ornado
De rélvas e de flôres,
Onde ha por muitas vêzes respirado
Remurmùrios e olôres
A frêsca mansa briza,
E onde vélhos, e jóvens, e os infantes,
Da vida, que desliza,
Amávam desfructar lédos instantes.

E eu dizìa entre mim, vendo-o qual éra
O sìtio delicioso :
« Deus sempre conserval-o bem podéra
Tam fértil e formoso ! »

E um dia amanhecêo, ái! em que apenas
O'lhos que abençoávam-te
Soubéram conhecer-te, oh sìtio amigo; —
Nem rélvas máis, nem flòres tam amenas!...

Aquì... lá... negrejávam-te
Manchas de incêndio e cinzas! Eis comsigo
Todos, — ao vêr as lamentáveis scenas, —
Sem recurso julgávam-te.

E eu dizìa entre mim, vendo qual tórna-se
O sìtio delicioso :
« Deus he grande, e si quér o plaino reórna-se
D'incanto máis donoso. »

Por este ao transitárem viandantes, —
Si acaso se dignávam contemplal-o,
Sohìam-lhe augurar : « Ao que era d'antes
Nunca o-esperêis, não ha máis restaural-o! »

E euros sópram, — semêiam no desérto
Os gérmens productivos
De mil, mil vegetáes, sem que d'aquelles
Nenhum depare o alento o máis incérto, —
Da vida os incentivos :
Mas quando sôbre o plaino déscem elles,
Eis á brotar!... florir!... entâm cobérto
Vio-se o ùltimo de nóvos attractivos!

Suas rélvas máis viços já desprêndem!
Suas flôres — ainda

Efflûvios máis balsâmicos recêndem!
Perspectiva máis linda
O plaino já ostenta!
E o desérto? — máis nû e sitibundo
Cada vêz se apresenta!
Cada vêz máis estéril e infecundo!

E eu me disse entre mim: « Sy'mbolos claros
Do hômem justo e do hômem scelerato!
— Os actos os máis nóbres, os máis raros,
Nunca obterão mudar o crime innato:
— E do aleive á furial sollicitude
Nunca he dado extinguir firme virtude. »

O COLLÓQUIO.

A promessa feliz cumpriste, Elóra!
Oh! que amáveis palavras realisas! —
Fixas no pensamento, — me adoçávam
Amargos dissabôres,
Como suavisa o mel os alimentos
D'aspérrimo azedume.

Esperançosas phrases, ah! me fôram
Tuas phrases divinas : « Noites claras
« De plácido luar temos tam béllas!
« Amanhãa vem comigo
« A' gozarmol-o sós sôbre a montanha
« Eminente á bahía[1]... »

Comtigo em liberdade eu exultava
Por haver-me de achar : — impaciente,
Insoffrida avidêz insta e me ancêia

[1] Do Rio de Janeiro.

Que bréve amanhecesse,
Bréve findasse o interminável dia
E me visse ao teu lado.

Que noite imaginosa hôntem me coube!
Que alternado sonhar, ou lédo, ou triste, —
Angûstias ou prazêres me entranhára!
Os sônhos me exhaurîram
A paz do coração, — quáes parasitas
A seiva d'um arbusto...

Em todas as idéias, — d'uma em uma,
Sempre cérta e infallìvel te enlaçavas,
— Tal qual n'uma grinalda se entretece
Lindo fïo de sêda
Prendendo flôr e flôr... Enches minh' alma
Como Deus o universo!...

Figurava-me vêr-te, — qual agóra,
Sentada, junto á mim, sôbre os tapêtes
De afrouxelada gramma, n'este sêrro,
Mirando a naturêza;
A naturêza absôrto n'esse instante
Eu em ti limitava :

Via-te debruçada em o meu cóllo,
Escutando de amôr almos extremos;

O luar sôbre os valles ìa lânguido,
E balsâmica a briza,
Módulos de uma fláuta se mesclávam
Ao frêmito das ondas :

E fallava-te assim : « Dize, meu anjo!
Sabes tu o que incende o agréste pombo
Para meigo gemêr emtôrno á amada?
O que impélle o oceâno
A' não máis reprimir ondas frementes
Em seu grêmio cerûleo?

O que o ânimo sensìvel nos commove
Ante o béllo, o sublime, o grandioso?
O que inunda de luz a esphéra inteira,
De cantos, de perfumes,
De vida, de prazêr, de movimento,
Si a auróra alvêja?... Dize!

E poderás entâm saber ao justo, —
Um e um adivinhar meus sentimentos,
Meus êxtasis de amôr, os meus dilìrios,
Dulçôres e as venturas
Que exp'rimento no affecto puro e etérno
Que me outórgas, oh vìrgem!

Eu amo o teu semblante onde revôa
Leve melancholìa, — não tristêza
Unifórme, e afflictiva; — elle recorda
Manhãa de primavéra
Em que nûvens subtìs, não chuva, orvalho
Imperceptìvel vértem!

Da bellêza o ideial és tu, Elóra!
Como flâmmea ardentìa, sem descanço,
Nos mares se revolve, e refulgura, —
Assim nos sêios d'alma
Vaga-me, ondêia, impéra a tua graça,
Tuas fórmas celéstes!

Em toda a condição de minha vida,
Em toda a circumstância, em todo o passo,
A memória de ti ségue-me sempre; —
He qual ária a mesma, ûnica,
Que, sempre incantadôra, só se altérna
Em vários instrumentos!

Estremecìa eu já que me faltasses
Ao nocturno collóquio, — receiosa
Que nos vìssem aquî; ou já que horrìvel

Repentina moléstia
Te abatêra no leito os puros membros,
Ai! sem mim ao teu lado!...

Amanhecêo apenas, — levantei-me
A' esperar pela noite : um cinto nêgro
Arqueava-se largo no horizonte, —
Material exprimindo
O cinto com que o fado abarca o mundo
No discursar de sábios :

Gradualmente após da esphéra o brilho
Some-se sob o véo d'extensas nûvens, —
Qual dos ólhos a luz que máis se apouca
Sob ciliar membrana
Quando o somno a-distende manso e manso
Té de todo cerral-a :

Quási em funéreo pranto o céo desata-se;
Rumorêjam as fôlhas do arvorêdo —
Com um igual rumôr ao rumôr d'água
Que ao fôgo espuma e férve
N'uma caldeira ahênea; ábrem relâmpagos,
E ribombam trovões...

Eu corrìa co' a vista o firmamento
A' vêr si um ponto azul scintilla á caso,

Si algum ráyo do sol já penetrava
O tenebroso manto,
Si o vento repulsára ás outras partes
A impertinente chuva :

Com teu nome em os lábios exorava
Que o tempo se abrandasse; espaços claros
Co' o magnético olhar me parecêra
Que os-tornava máis amplos!
Loucas imprecações já me rompîam
A's intempéries do éther!...

Pensei sêr-me impossìvel hôje vêr-te
Qual agóra te vêjo! e que esta noite
Se tornasse tam bélla qual a-temos;
Parece que em lindêza
Ella tanto medrou, quanto se encurta
Ai! ìnvida e acintosa!

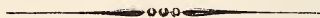
Teu nóbre coração convêm, Elóra!
Crê, ao meu coração, minh' alma á tua,
E o meu amôr ao teu amôr : meu anjo!
Segrêdos de teu sêr só eu comprendo-os!

Ah! nem os recêm-nados resplendôres
Do astro augusto do dia reflectidos

Na gramma avelludada dos oiteiros;
Nem os lânguidos ráyos d'alva lua
A' luzir entre os léques das palmeiras;
Nem diadema gentîl de estrêllas d'ouro
Fulgurosas cingindo o azul dos montes;
Nem diáphanas neblinas desdobrando-se
Em transparentes véos de que se adorne
A serena manhãa; nem os dos mares
Frêmitos gemedôres que esmorécem
Nas arêias da plaga; nem incantos,
E harmonîas, emfim, da naturêza;
Aprázem tanto aos bardos quando ancêiam
Inspirações beber co' a mente absôrta,
De poesîa deîfica inflammada, —
Quanto meiga, oh Elóra! tua face,
Tua face divina he aos meus ólhos.

Quando n'aquella noite em teus ouvidos
Filtrou-se a minha vóz, que palpitava
          Por ti, por ti de amôres,
Me podéras dizer, — e tu disséste-o : —
« Bardo! essas expressões que amôr me jûram
          Falsários não as-técem? »
Sim; disséste... porêm o teu amado
          Já no ânimo te falla,
E como os outros pássaros não temem

Férrea garra d'açôr occulta em plumas
Do harmonioso pássaro tranquillo,
Assim, oh minha amada, não temêras
Em mim a falsidade.

Anjo celestial! — si a eternidade
Me houvéra sêr por Deus á mim sómente,
Oh! sem ti, — outorgada; — com desprêzo
Eu, não hesitarîa, — a eternidade
Sem ti eu repugnára!

AO CAHIR DA TARDE.

Magnîfico ao zenith o sol se adianta;
De lá, como um condôr que se pairava
N'alta cima dos Andes, — descahindo
A' se acolhêr ao ninho, —
Dos planêtas o rei no occaso desce...

Apraz-me a tarde vêr sem luz, sem trévas,
— Respirando e saudades e delìcias, —
Recorda a nóva espôsa que abandona
A' par do charo espôso
Amáveis páes, — nem ri, nem prantos vérte!

Sentado em solidão sôbre as collinas,
Muitas vêzes assim os meus olhares
Domînam os contôrnos que assignálam
A sumptuosa cidade,
Onde assîduo agitar de vida eu ouço;

E medito entre mim : n'esta hóra mesma
Que elementos diversos se debátem
No recinto da sociedade humana, —
Desditas, e venturas,
Vìcios, crimes, virtudes, e indigências!

Meu Deus! ah! si me déras esse indulto,
Eu corrêra á extremar em sua orìgem
As condições dos hômens, e sanar-lhes
As horrìveis angûstias
Que, não tu, elles próprios se irrogáram!

Bárbaros sam os tigres; porêm o hômem
Nas sélvas e alcantìs ìnvios dos montes
Não recêia das féras tanto as garras
Quanto a perversidade
Dos seus, dos seus congêneres sómente!...

Alêm, — aquelle freme ao nome sacro
Da pátria que idolátra, e que humilhado
Desespéra servir contra os traidôres,
Ou contra prepotentes,
Armados de influência e de vinganças:

Aquî, — exinanidos de trabalhos,
Mal dispondo de rédditos incértos,

E inefficazes aos dispêndios, cárpem-se
Térno pái e mãi térna
Que vêem os filhos nùs, quási affaimados :

Adiante, — em feliz medianìa,
Ou já entre riquêzas bem-havidas,
Exùltam outros; da arte não precìsam
Que remórsos abafe,
Sempre isentos do horrôr da iniquidade :

Allì, — maldiz-se um jóven que misérrimo
Não podéra valêr a máis honesta —
Muito formosa amada supplicando
Auxìlio e meigo amparo,
Que a modéstia e a fraquêza lhe resálvem :

E, — no meio das scenas infinìtas
Que esta hóra do crepùsculo contempla,
Assômam os artìfices dos crimes,
Da astuta hypocrisìa,
Do tôrpe aviltamento, e da perfìdia...

Pelo divino indulto — protegidos
Ingênitos impulsos de minh' alma,
Eu quizéra doar ao jóven triste
Que recinja em seus braços
Venturosa a bellêza que elle adóra :

Eu quizéra doar ás térnas máguas
Do pái e dôce mãi áurea abastança,
Em que vîssem os filhos seus dotados
De véstes e alimentos,
Seguindo a vocação que lhes confórme :

E ao defensôr da pátria, que esmorece
Ante o jugo tyrânnico, eu doára
Alentos com que estôrvos superasse,
Com que immortal grangêie
O triumpho da causa da justiça :

Doára ao que viver no puro grêmio
De grata placidêz, a consciência
De que tal qual existe, e que não déve
Ao crime e atrózes vîcios
O estado máis suave em que prospéra :

Aos infames, aos máus, aos sceleratos,
Aos pérfidos, e hypócritas, — doára
Véro arrependimento, e os-volverîa
A' sociedade ûteis,
De que sam o flagéllo, e sévo estrago...

Inda immérso em meditações, prosigo :
Só Deus he grande! — Um século decorre,

E a superfície inteira d'este glôbo
Se déspe, e repovôa
De nóvas gerações que se succédem!

Ah! si todas as gentes que hôje vágam
N'este vórtice rápido da vida, —
Gastas, e consumidas de avarêza,
De ambição, e do incêndio
De paixões desregradas, des'parécem,

Não quererei calcar-lhes os vestîgios;
E assim como se escólhem n'um passêio
Os sîtios máis amenos, — eu prefiro
No valle da existência
As perfumadas sendas da virtude:

Em paz co' o meu espîrito, — surrindo
Entre enlêvos do amôr e da amizade,
Modulando em minh' harpa întimos cantos,
Talvêz, talvêz que um écho
Ao longe no porvir meu nome salve!...

DÓRME!

Dórme! no somno plácido allivìa
O teu côrpo suave, oh minha amada!
A briza da manhãa já se embalsama
Co' os efflùvios das flòres, e suspira
Ao primeiro clarão da nóva auróra:

Os frêmitos harmônicos dos mares,
Mellìfluo o gorgeiar do goturama,
Mui longìquos se québram nos espaços,
E o mimoso silêncio que dilata-se
Emtôrno de teu leito não pertûrbam:

Dórme! junto de ti eu vélo attento;
De ternura e de amôr plena minh' alma,
Eil-a, — saudosa, e muda permanece, —
A harpa, si bem que plena de harmonìas,
Não máis pulsada, — tácita não sôa...

Oh! quanto, minha amada, és tu formosa!
Sôbre o cóllo encurvando os braços de anjo,
Acalmas gêmeos glóbos que solûçam;
E d'estes entre o ninho as mãos reûnes, —
Quáes duas brancas pombas que se amêigam:

A faixa azul-dourada que a cintura
Graciosa te apérta — êis se desprende;
E um alvìssimo brial pallìa apenas
Tuas fórmas de vìrgem, que languéscem
Na indolência tranquilla da purêza:

E, sôltas pelos hombros alvos, mórbidos,
Da ampla serena fronte se debrûçam,
N'um lado e n'outro lado, áureas madeixas:
Léve gemido exhalas: quási ondêia-te
Sôbre as rósas dos lábios um surriso!

He teu surriso, Elóra, a f'licidade;
Os meus vótos de amôr talvêz recordes,
E surrìs para mim nos pensamentos!
Sabes que, do órbe á glória indifferente,
Como o Etérno e a virtude a ti eu amo...

Eu te espéro: verei quando despertes,
Do pudôr entre o enlêio, em mim só fitos,

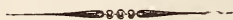
Teus lindos ólhos, hûmidos de lágrymas,
Quáes de gôttas de orvalho se humedécem
Dos tenros ly'rios velludados cálices;

E nas faces purìssimas as sombras
De teus compridos cìlios estampadas
A fluctuárem; — táes como fluctûam
Térnos ráyos dispersos que as estrêllas
Refléctem nos crystáes d'um manso lago!

Inda ouvir-te-hei a vóz cadente e meiga,
De attractivos sympáthicos dulçôres, —
Onde o meu nome vágue, — perfumado
De teu hálito ás flammas que devôlvas
Modesta, e, ah! da surprêsa affadigada!

Minhas vistas absôrtas si eu te inclino
Ao delicado vulto assim dormente, —
Aníma-se em meu sêr vida ineffável!
Tam formosa tu és! — toda recendes
De incantadôras, maviosas graças!...

Deus! e comtudo póde bréve instante
Sob as garras da mórte congelal-a
Na prematura flôr da juventude?!...
N'esse ponto, desviada a orìgem d'elles,
De meus dias o curso se exhaurìra...

Dórme pois! dórme! — lìvida tristêza
Ao menos não afflige os teus sentidos;
Góza insontes delìcias do repouso, —
Sem pensares sinão em que eu te adóro:
Nossa vida he o amôr, quanto ditosa!

OS RÏOS.

Si grandes emoções amáis profundas,
Vós, sensìveis e intrépidos, commigo,
Vós, cultôres da naturêza! oh! vinde:
Descendentes dos fórtes Nhengahybas,
E bravos Aymurés êis nos esquìpam
Solidìssima ygára, que excaváram
N'um tronco immensural de marajuba;
Partamos: nossos rïos já sulquemos.

Vêrde mangue em arcadas d'órdens mûltiplas,
Qual sumptuoso aqueducto, se prolonga
Dos rïos juncto á fóz no salso pélago:
As lymphas que estes vólvem bonançosas
Embálam-nos a ygára e nol-a tîram
Serena e mollemente e sem fadigas;
Suas márgens de arêia alvi-nitente,
Onde a gaivota geme, e onde coqueiros

11.

Dispersos grata sombra alêm projéctam,
Amplìam-se desértas e soïdosas!
E aquelles flexuosos se convólvem
Por várzeas de verdôr alcatifadas, —
Que sûrdem-lhes, assômam-lhes diante,
E dir-se-hîam obstar-lhes a passágem
Sempre franca, entre vóltas successivas:
He assim que se fìngem terminados
Da humana perfeição os horizontes —
Sempre, sempre á alongar-se á novos términos!
Rápidos estes outros acceléram-se
Em um leito semeado de arrecifes,
De ilhas, e de penìnsulas, e angusto
Entre altas ribanceiras de granito;
Suas torrentes lá rodomoìnham
Em triplicados vórtices, ou spûmeas,
Revoltosas, em saltos precipìtam-se,
Em cachoeiras e hórridas cascatas; —
Turbilhões de finìssimos orvalhos,
De gôttas de crystal ennovelladas,
Quáes nûvens de resplêndida poeira,
Por emtôrno em os ares, se suspêndem;
Os échos nas floréstas repercûtem
Recrescentes fragôres, que recórdam
Aos guerreiros selvágens temorosos
Cholérico estampido de Tupan!

Os náutas não se arrìscam em táes lances
A' marear avante a nossa ygára, —
Em térra a-váram, rójam-n-a á distância
Até que ultrapassemos o intervallo
Impérvio e innavegável; mas nem sempre
He igual o perigo; antes frequente
Catadupas concédem que, alestada,
A canôa os obstáculos supére-nos
E continûe á sirga em a derróta :
Apraz-nos vêr as ilhas co' o arvorêdo
Immóveis, e impassìveis, assentadas
No centro inquiéto e tùrbido das águas!
Alcyons, mauharys, e as anhupócas
Passêiam-lhes nas práias formosìssimas,
Coalhadas de lentas tartarugas —
De conchas primorosas; hérvas, juncos,
As cannas-bravas, sérvem de pastágens
Aos manahys — ao peixe-boi, que aleita
No peito os próprios filhos. Vêr apraz-nos
Os rochêdos que traços indeléveis, —
Insculpidos, em tempos remotìssimos,
Pelo nìvel das ondas d'estes rïos, —
No preexcelso tópe inda consérvam,
E emblemas e signáes indecifráveis
E inscripções hierogly'phicas, que o tempo
Não podéra delir, que nos attéstam

Catástrophes de entâm, vicissitudes
Phy'sicas e moráes n'este hemisphério!
Em massas rócheas nûcleos isolados
Véios de quartz alvêjam engastados
No granito vermêlho, pardo, ou nêgro,
Como cândidos cysnes debatendo-se
Entre as garras de abutres monstruosos;
N'outras sam placas, lâminas micáceas,
Que refléctem gemmantes resplendóres;
Ignaro o vulgo scisma ao divisal-as
Na existência real e incontestável
De inexháustos thezouros, e os-propala:
A avarêza, a ambição, e a phantasía,
Devotados prosélytos, — o-attêndem...
Oh! quando os rïos do álveo se arremêssam,
E transbórdam infrenes, caudalosos,
Todas essas campinas se submérgem,
E o arvorêdo alteroso êis reverdece
Co' as ramágens erguidas fóra d'água,
Que o-povôa de seus habitadôres: —
O jaguanné, sauiás, cochiûs, hyráras,
E immensos de selváticos quadrûpedes,
Surprêsos do alluvião, em transe, afflictos,
Medrosos excogîtam resalvar-se
Nos galhos superiôres; d'allì mândam
O'lhos saudosos, — longe, — á térra firme,

Tenteando, ái! em vão, transpôr as vagas,
Que a lontra, o capivára, e os ariranhas,
Entranhados de gôzo, e dando caça
A' myrîdas de peixes, — atravéssam:
E a gibóia e a feróz sucurujuba, —
Mui disformes serpentes, — sobrenádam,
Ou, lá em térra, n'um tronco rev'lutas
A' meio comprimento, a prêza aguárdam;
Terrîvel jacaré, — sem movimento, —
S'estende entre as conférvas, entre os juncos,
Entre o arrozal dos pântanos; — nas conchas
Que lhe fórram a coura resequida, —
Illusos da apparência com um tóro
D'uma árvore decrépita, não raro,
Lhe descânsam em cima infindos pássaros
D'innóxias, molles plumas adornando-o: —
D'igual módo entre os homens nós tratâmos
Monstros de cuja malvadêz cumprîa-nos
Fugir com aversão, de horrôr transidos!...
Nas órlas submergidas do Orenôco,
Tam próximo á rïos nossos, foi que outr'óra,
Sôbre gigânteos stipes das palmeiras,
— Dos murutys esvéltos, — construîra
E entretecêra um pôvo os seus tugûrios;
Da noite pelas trévas, de repente,
O navegante, no alto das floréstas,

Attônito admirava ouvir ladrîdos
De cães, e accêsos fógos á luzîrem...
Pela manhãa os lares distinguîam-se
Do Guarany suspensos, como os ninhos
Do tamurupará, — junto á folhágem
Dos murutys, que agîtam seus fastîgios
Qual léve parasól de vêrde sêda!...
He grato vêr, depois, quando retîram-se
Ao fundo dos seus leitos primitivos,
Fertilidade activa e infatigável
As enxutas campinas enfeitando,
E até os tremedáes, que mal enxûgam;
Molle gramma, o capim, brandas hervágens,
Os arbustos em flôr, — vicêjam préstes
Onde inda ha bréve os limos e os nateiros
Pîngues se depozéram; — pressuroso,
E ávido o agricultôr confîa á térra
Preciosos gérmens que ella lhe transfórma
Em cêntuplas riquêzas : êis vigóram
A mandióca, e o aipim; cicîam brizas
No dôce cannavial, e em bananeiras;
A batata, o melão, tajás, e o inhame,
O arrôz, o abacachî, e o milho, e o trigo,
Repullûlam com outros nutrientes
Tam ûteis vegetáes. De longe em longe,
Ao largo, descortînam-se, alvejando,

Os casáes, e amplas granjas de fazendas,
De abastadas estâncias; ou descóbrem-se
Os engenhos de assûcar em moendas,
Em trabalho incessante e lucrativo;
Congratûlem-se fáustos os destinos
Do lavradôr, que sabe circumdar-se
Das verdadeiras dádivas celéstes,
Que o sólo póde só mimoseiar-lhe!
Quam diversos os rïos se aprêsentam
Nos terrenos aurìferos!... Com estes
Ai! contrástam d'horrìvel módo aquelles!
— Suas águas, em vèz de exuberantes,
Em canáes desviadas, báixas, póbres;
Os seus álveos, em vèz de ingentes, livres, —
De cascalho obstruidos e de sáibros;
Suas márgens, em vèz de férteis, prósperas,
— Minerações, lavágens as-desólam:
A agricultura aquì prantèia os campos
Revolvidos, privados de seu hûmus,
Que as torrentes expórtam e acarrétam:
Mas a prata, a amethista, e o diamante,
O ouro, e de raras gemmas toda a cópia
Sedûzem, e deslûmbram, e alliciam
As ambições dos hômens: n'um relance
Eis a fama os-congrega n'estes sìtios;
Promptas habitações já se agglomérain

Nos célebres contôrnos; a opulência
He tam fácil, magnîfica, e allì cérta!
O luxo e a profusão prodigalìzam
A precária fortuna onde a existência
A' mîngua fenecêra na penûria
De producções agrìcolas, e vìveres!...
Insanos! vossas minas se exgotáram,
Vossa fictìcia e atróz prosperidade
Ephêmera extinguìo-se d'um só golpe;
A miséria sentou-se á vossa pórta...
Os olhares lançáis para estas veigas?
Ai! que a esterilidade, como a roupa
De cadáver corrupto, — as-amortalha,
Ou, antes, de destróços cumuladas,
De pedregulho e minerâes resìduos,
— Simîlham cemitério acobertado
De crâneos insepultos, e óssos sparsos!...
Meus amigos, singremos n'outras plagas
Onde, oh! vîrgem ainda a naturêza
Se ostente soberana e grandiosa;
Ah! quanto sam amenas e incantadas
Suaves perspectivas que se frûem
D'ellas á par desenroladas, — como
As compridas madeixas de uma nympha
Ornadas de primôres e aderêços, —
(Nos quáes a arte excedeo-se ao esmeral-os)

Sôltas da fronte aos pés d'um lado e d'outro
Emmoldando o perfìl do lindo côrpo !
Mansas bahîas, gôlphos, e enseadas,
Graciosas se infléctem, por espaços,
N'estes rïos, — já cûrsem lentos, céleres;
As neblinas que a auróra lhes affasta
Córam-se, e adêjam léves sôbre o zéphyro;
Luxuriantes céspedes fluctûam-lhes
No fïo da corrente, e avulsas árvores,
Trajadas de verdòr, — de parasitas,
E pulchérrimas flòres; agoyazes,
Auhapîs, mururés, alárgam fôlhas
Quáes discos d'esmeralda, á tona d'água,
E reûnem suas hásteas entrançadas
Em plena floração vertendo arômas;
O anhuma, o arirambá, e o quéroquéro,
Nas adjacências hûmidas dos rïos,
Disférem os clamôres, que máis lûstram
A amável melodîa das graûnas,
Dos térnos urandys, e goturamas,
Que modûlam pousados nas palmeiras;
Emquanto que o minguá, e o massarìco,
Jassanans, paturìs, gaivótas, garças,
Em milhares, percórrem essas águas,
Onde nádam, mergûlham, brìncam, nùtrem-se;
Alèm, montanhas érguem summidades,

E entremóstram encóstas revestidas
E esplendentes de anîl e argênteas nûvens,
— N'algum dos alcantîs o fórte brado
Qual da tuba o clangôr, na soïdão sólta
Bravo o gallo-da-sérra formosìssimo;
De gramma avelludadas e de hervágens,
Collinas se succédem, proclinando-se
A' osculárem-se mûtua e brandamente,
— Do sol os ráyos n'ellas multiplîcam
Os prestìgios da luz e ambîguas sombras;
Aos hálitos das brizas perfumadas,
De taquáras, allì, os verticillos
Aéreos e volûveis estremécem-se, —
D'estas ha que em abóbadas recûrvam-se,
Pavilhões debruçando, em que volîtam
Colibrìs e esmaltadas borbolêtas,
E onde o pipìlo gemedôr da rôla
Se ouve mesclar ao re-ranger das fôlhas;
Aquî, sélvas frondîferas se addênsam
Das quáes o jaguar nêgro, o côrço tìmido,
O guará, e o xuré, — em turmas sáhem
Com outros animáes para abbrevárem-se;
Na igualdade das cópas do arvorêdo,
Alguns dos rêis longévos da florésta
Máis exáltam os tópes orgulhosos, —
D'onde ataláia o gavião as vìctimas,

Ou d'onde meiga pomba véla a próle,
Ai! táes quáes a innocência e a iniquidade
Ambas de preeminências soccorrendo-se
Aquella para o bem, para o mal esta!
Nos sìtios em que as márgens se aproxìmam,
A'rvores recingidas e implicadas
De cipós robustìssimos flexìveis,
Batidas das lufadas da procélla,
Os-arremessam, como longas chórdas,
Sôbre o leito do rïo, — os cipós trávam-se,
E suspêndem-se em pontes de verdôres
Por cima de caudáes spûmeas torrentes!
. . . .
. . . .
Dos rïos do universo eil-o o primeiro!
Recostando-se em valles que bastáram
Para a séde de Impérios grandiosos, —
(Houvésse elle dignado-se ceder-lh'os!)
— No vasto sêio acólhe os tributários,
Dos quáes vólvem-lhe alguns sublimes feudos,
E aquì só o monarcha os-vê segundos!
Todo ébrio de ufanìa, e glória, e fòrças,
Pressuroso se avança entre as floréstas
Que os séculos nas márgens lhe frondèjam,
E lhe reálçam de flóridas grinaldas
E festões de verdôr, — e entre rochèdos —

Memorandos trophéos de seus triumphos!
Com o Atlântico encontra-se : — subêrbos
Precedências do passo ambos aspîram,
Ou duvîdam talvêz onde se trácem
Os limites do leito que possûem...
Em pugna os dois riváes se arrójam hórridos!
E o oceâno os altos éstos alevanta,
Com a sua impulsão, pêso, e violências,
Já lhe tarda a victória enraivecido;
O Amazonas, porêm, não retrocéde,
Subléva-se, e deslisa sôbre aquelles
E os-sossóbra no abysmo de seu álveo,
E mantêm sua côr, — sua doçura
Mesmo no centro undoso do Atlântico,
Revendicando sempre a independência
Contra o cérulo déspota, que instáura
Em perîodos o prélio : — entâm retumba
A poróróca, — e echôa em as montanhas
E profundêz das sélvas co' um estrondo
Que abafára o estampîdo retroante
De cem trovões que estálem...

Ah! imprórvido

Não arrisque o viajôr a sua ygára
No theatro e no accésso dos furôres
Dos régios adversários, que só pódem
Invictos mutuamente profligar-se.

CÂNTICO DE AMÔR.

Vem, vem, oh minha amada! estremecidas
Mysteriosas flammas me deslìzam
De fibra em fibra apenas te contemplo,
Mulhér formosa!

Ardo saudoso pelos teus amplexos,
Pelos ósculos teus, pelos teus risos,
E pelos teus suspiros, — finalmente
Por teus amôres...

Ah! fruìr teus amplexos, he fruìr-te
A cintura infantìl, virgìneos glóbos
Nìveo cóllo á arfar, braços mimosos,
Mórbidos hombros!

Teus ósculos fuìr, não he fruìr-te
Os lábios máis suaves do que as rósas

De orvalho humedecidas, fronte pura,
Pudîcas faces?

E fruîr os teus risos, he fruîr-te
A complacência meiga e delicada,
Attractivos celéstes e ineffáveis,
E as graças de anjo!

Fruîr os teus suspiros, he fruîr-te
Coração melanchólico, e sensîvel,
Modéstia, e a candidêz, as esperanças,
Prazêr, delìrios!

Fruîr os teus amôres, he fruîr-te
Tudo quanto resûmem de máis dôce
Teus amplexos, teus ósculos, teus risos,
E os teus suspiros!

Frequentemente ondêio suspendido
No enlêvo de desêjos illusórios, —
Si os-fórmo por ti, brando confôrto
Meu sêio affaga:

Quando ouço o soîdo léve da aura,
E os frêmitos plangentes do oceâno,
E os murmûrios das fontes, só anhélo
Ouvir-te as vózes!

Quando respiro da magnólia odôres,
Da manga, do ananaz, do jambo de ouro,
E flóreo manacá, — máis anhelára
Respirar-te o hálito!

Quando vêjo da naturêza inteira
As bellêzas, os esplendôres, scenas
De alta magnificência, ainda anhélo
Vêr teu aspecto!

Resplêndem entre os véos nêgros da noite,
Na abóbada diáphana dos ares, —
A's lêis do Etérno Sêr submìssos órbes,
Eis que imagino:

Oh! quantos évos volverão immunes
De mortîfero excîdio, sem as luzes
Offuscárem, no curso grandioso
Sôbre o infinito!

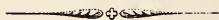
Porque eu e ella assim não viveremos?
Prouvésse á Deus doar-nos que do tempo
Por segundos contássemos os séculos,
E sempre amando-nos!

Sempre amando-nos, co' ella me perdèra,
Máis livres que estes astros, nas alturas,

Nas amplas profundêzas que não médem
Têrmo e limites!...

Qual arbusto que abrîo todas as flôres
A' perfumar da primavéra os dias, —
Aos teus incantos eu franquêio todos
Meus sentimentos :

Nem és própria á incender paixão d'instantes,
Nem te sei adorar sem que te arrója
Aos pés meu coração, meu pensamento,
Minha vida e alma :

Oh! sim; Elóra! Elóra! ávido quéro
Adorar-te absoluto, único, ardente, —
Eu quéro em nosso amôr a eternidade,
E o espaço infindo!

ÀS PLAGAS DO OCEANO.

Mêia noite! no azul do éther a lua,
Radiando o clarão puro da auróra,
Balancêia amorosa o disco argênteo :
Ao tempo que minh' alma se concentra
Saudosa e pensativa, — compellido
Por ìntima tristêza indefinìvel, —
Me assento á escutar o fremir lânguido
Das ondas do oceâno...

Ainda ha pouco
Tremêreis consid'rando como ardente
De liberdade plena e do infinito
Se espráia, e córre, e vái de pôvo á pôvo,
Até os máis remótos continentes; —
E antes chêga aos limites d'este glôbo
Do que jamáis alcance o que aspirára :
Entâm elle indignado se revólta,
Hórrido se enfurece, e agita, e brame;

12.

Sôbre as bórdas de tôrvos sorvedouros
Alevanta-se, e aos ares arremêssa
Atropelladas vagas em columnas —
Qual um exército de cavalleiros
Bárbaros, cavalgando corcéis rápidos
Alvejantes de espuma, atravéz de ìngremes
Asp'ros desfiladeiros, em desórdem
Precipitando a marcha, depois da hóra
De combate sangrento e porfiado...
Agóra, geme, e se prantêia tìmido,
Qual imbélle criança! Eil-o fatiga-se,
Modéra-se, e descáhe, ousando apenas
Nas plagas (que subêrbo fustigára
Chêio de atróz rancôr) térnos, humildes,
Brandos gemidos exhalar... carpir-se
Parece que as aspirações que o-anìmam
Sêjam as do infinito, e que elle, ái! sêja
P'ra sempre recalcado e confrangido
N'um álveo horridamente circumscripto!
Ah! eu amo tambêm de alguma fórma
Te ouvir gemer, oh poderoso, oh fórte!...

Aquì o hômem sensìvel e philósopho
Se commove igualmente ao grande aspecto
Do magestoso oceâno, — mas de um módo
Que á outra órdem de pensamentos léva-se :

Sim; fôram no pretérito estas ondas
Que rebatêram já triumpháes muros
De potentes impérios; já curváram
O dôrso independente sob a quilha
Das flótas de cruéis conquistadôres;
Supportáram os galeões pejados
De exquisitas riquêzas que alborcávam
As mercantes nações; já recolhêram
Charo sangue de heróes e os córpos d'estes,
E os de filhos valentes, dedicados
De uma pátria inditosa; já mescláram
Bramidos e suspiros seus aos brados
Das victórias máis ìmpias ou sagradas,
E aos suspiros e aos estertôres lùgubres,
Ou ás imprecações de sceleratos, —
De livres cidadãos mui virtuosos,
E de tyrannos déspotas; cobrìram
Já sparceladas áreas d'essas côrtes
Que hôje palácios érguem faustuosos,
E onde populações industres cûrsam :
No presente, meu Deus! n'esta hóra própria,
Ellas bânham ruînas coacervadas
De cahidas cidades, — que exercêram
O domînio do mundo, — ainda bânham
Os elegantes cáes d'outras cidades
Ricas e florescentes, — onde outr 'óra,

Quando muito, um asylo mal-seguro
Achávam pescadôres, onde as féras,
Venenosos reptîs á póvos rudes
Sólo inculto e insalubre pleiteávam;
Mas si ellas vîram lá na antiguidade
Horrôres da selvagidão, — não menos
Hôje os males mortîferos depáram
Da civilisação inda nutante, —
Inconsequente, vãa, e desconnexa!
E no futuro... Quando os indivîduos,
Ah! quando dos Govêrnos a polîtica,
Deixarão de sacrificar á sombra
De suas ambições particulares
Da humanidade as lêis? quando o egoîsmo,
Stupidêz inconcepta e monstruosa
Consentirão verdades? quando as nóbres
Salutares paixões, quando a virtude,
Desistirão da luta contra insanos
Capciosos inimigos que pertêntam
Exterminal-os împrobos!... Deus sabe!
Ainda ham de, sem dûvida, estas ondas
Nos continentes, e ilhas, e penînsulas,
— Em todos os paîzes de universo, —
Vêr se reproduzîrem táes quáes scenas
Entre milhares de outras que o pretérito
E o presente jamáis phantasiáram!

Fôra possîvel que o hômem depravado,
O infeliz, o ditoso,
Indiff'rentes sem emoção contêmplem
O magestoso oceâno? — Não o-fôra :
De Deus a idéia, aquì, da mórte a idéia,
E a de humanos destinos ham vibrar-lhes
Do coração as fibras,
E o valôr verdadeiro
Das ambições, das lidas, e actos do hômem
Máis claro e irrefragável
Lhes brotará nos ânimos
Sob mágica infiuência da grandêza
Do circûmvago pélago!

N'UM DIA NATALÎCIO.

A' ILL^{ma} E EX^{ma} SNR^{a} D. L. A. C. B.

> Uma bélla mulhér que possûe as qualidades de um hômem de bem, quem pratical-a e conversal-a góza do commércio o máis delicioso do mundo : n'ella encontra-se o mérito de ambos os séxos.
>
> (La Bruyère, *Caract. des femmes.*)

Este dia em minh' alma sempre agita
Gratas reminiscências, — sentimentos
De angélica doçura e de saudades!
« Porque? » ouço inquirir-me, « dize, oh bardo,
« D'onde vêem emoções que te electrîsam?
« Igual dos outros dias não he este? —
« Não sabes? He um passo máis do tempo,
« Uma página máis do livro immenso
« No qual a eternidade nos registra
« Ephêmero prazêr, — perennes dôres... »
Oh! sim; mas ao da pátria desterrado

Interrogái tambêm porque suspira
Vendo uma simples flôr entre mil flôres
Recender innocente os seus arômas;
Interrogái tambêm porque discanta
Máis térno o sabiá sôbre as ramágens
De uma só laranjeira entre mil outras;
Interrogái tambêm porque estremece,
Surrî, e estende os braços tenro infante
Para uma só mulhér entre infinitas :
Nem recende essa flôr como outras flôres!
Co' as outras nem se irmana a laranjeira!
Nem a mulhér ás outras se assemêlha ! —
He que na mesma flôr o desterrado
Vê o sólo natal, seu bêrço ingênuo,
Seus venerandos páis tam amoráveis,
Extremosas irmãas, irmãos queridos,
E amigos seus, — talvêz máis dôce a vida!
He que na mesma laranjeira o ninho
Depôz o sabiá todo harmonîas!
He que n'essa mulhér mesma divisa
O delicado infante a mãi affável! —
Tal para mim, Senhora! alvêja o dia
De vosso nascimento... Ou eu percôrra
Remotîssimas plagas, ou me assente
Ante o patérno lar, — o vosso nome
Vái em meu coração inscripto sempre,

E tam întimo n'elle incorporado
Qual na semente o gérmen d'um arbusto.
— Sêjam, Senhora! vossos dias longos,
Cada qual máis suave e mais ditoso;
Sêjam quáes sóhem sêr em nossos climas
As serenas manhãas de primavéra...
No entretanto, o modêlo das espôsas,
Meigo exemplar de filhas, e de amigas,
Resplendente de graças e virtudes, —
Nam tem sido feliz quanto devêra!
He a magnólia altiva lá perdendo
Os seus brandos perfumes, exhalados
Nas azas dos tuffões d'aspro desérto!

A ESPERANÇA.

Eléva-te, minh' alma! nem te humilhes,
Oh! trêmula nem rójes
Aos arbìtrios fatáes do desespêro....
Eléva-te! similha áquelle espìrito
Que nunca atróz pendôr da sórte o-accurva;

Si a pobrêza restringe o cumprimento
De vótos que formára,
Geme, Deus o-ouvirá, geme em silêncio,
Mas nunca, ah! supplicante denuncìa
A' geral indiff'rença as suas lágrymas;

Si em pórticos subêrbos não se assenta
A' par de seus clientes,
Que o crédito, que o fáusto, e o poderïo,
Soubéram attrahir, — bréve tugûrio
Inda vale á saudal-o com venturas;

Si calûmnia cruél transmuda em crimes
Fraquêzas de um instante,
Pelo arrependimento, e pelos actos
De întegra probidade redemidas, —
Desdenha da impotência da calûmnia:

Eléva-te, minh' alma! antes aquelle
Intrépida similha;
Os triumphos nas luttas da existência
Sam do fórte; só elle a insîgnia hastêia:
« Não succumbir, esp'rar; o auxîlio he cérto! »

Como existe o ente ignóra, e elle existe;
Assim em nossos transes
Nós ignorâmos como o auxîlio venha, —
Mas o-esperemos, Deus sôbre nós véla
E nol-o-offertará sem o-prevêrmos;

Quando a palmeira em meio das florêstas
As femininas flôres
Do casûlo abre infértil e isolada, —
O póllen fecundante que ella almêja
Do nunca visto espôso as brizas trázem-lhe.

Eléva-te, minh' alma! nem attendas
A's regeladas phrases

De conselheiros pérfidos que brádam,
D'entre o inerte repouso da opulência,
Ou d'entre inglória estupida miséria :

« Jóvens! jóvens! parái, desilludî-vos!
« Tambêm quáes vós, outr'óra,
« Sacrificámos dias máis viçosos
« A' uma esperança vãa que nos arrastra
« A's vigîlias, ás lidas, e aos tormentos;

« Quáes vós tambêm julgámos que a virtude,
« Que o amôr, pátria, e amizade,
« Nos merecêssem cultos e holocáustos,
« E nos podéssem dar um justo prêmio
« Aos esfórços que exîgem seus incantos;

« A amizade, primeiro que nos cérque
« De officioso agrado,
« Investiga sollìcita em que termos
« A fortuna nos corre, entâm se affasta,
« Ou entâm dedicada se apresenta-nos;

« O amôr? Ah! phantasìa inda inexperta
« Concebêra tam meiga
« A máis feróz paixão, a máis funesta;

« Em nós... fidelidade, e nas mulhéres?
« Refalsadas traições e indignidades!

« A pátria... pátria que he? congrésso incérto
« De discordantes membros,
« Onde as lêis já sam rude simulachro,
« Onde o terrôr, violências, e as riquêzas,
« A astûcia, e os interêsses predomînam;

« Virtude... isso não ha! e se quizerdes
« Crêr n'ella, e conduzir-vos
« Pelas sendas que exhîbem passo franco
« Aos cultôres que têve em todo o século, —
« Ai! vîctimas tambêm serêis, oh jóvens! »

Estas vózes não móvem, nem me espântam;
Aquelles que as-profèrem
Sam inhábeis aos nóbres sentimentos;
Sei, — no granito opaco, tam diverso
Do crystal, — viva luz não transparece!

Elles bem quererîam que o órbe inteiro
Jamáis a face altere,
E que impassîveis d'ânimo, indiff'rentes,
Os hômens só tractássem de amoldar-se
A' condição brutal da vida estéril!...

Oh ! não eu : repousando sôbre as flôres
Da suave esperança,
Deixarei as lufadas das procéllas
Por emtôrno de mim á contrastárem-se,
Um' aura após dilatar-se-ha máis branda!

O AMÔR CONJUGAL.

Térno, amável clarão serena esparze
Em pleno disco a lua; áureas estrêllas
Se retôuçam nos céos; e argênteas nûvens
Pelo azul meigo do éther se distêndem :

Qual suspiro infantîl, tépida briza
Nos léques das palmeiras remurmura;
A gaivóta e alcyon, quando despértam,
Seu lûgubre clamôr érguem nas plagas :

Do sonoroso occâno resplandécem
Vîvidas, faïscantes, brandas ondas,
Táes lûzem no desérto ao sol merîdio
Escamas fulgurosas da serpente!

Oh! que scena gentîl! onda após onda
Vem, e vólve, e morrêo; nasce e renasce!

13.

Parecêra que o mar lida em contêl-as,
E îgneas ainda máis êil-as que férvem!

Dirîas vîrgem que retráhe os lábios
A' sopear os risos; — máis se esfórça,
— E indiscrétos, indômitos, celéstes,
Risos e risos successivos mânam-lhe...

Pelo lìmpido gôlpho auri-azulado
Lento e lento um batél resvala e surde:
Dentro, — uma lyra, aos ventos suspendida,
E um jóven bardo modulando os hymnos:

De entranhável doçura e de saudade
Suas maviosas vózes se derrâmam;
E os meus ouvidos, no geral silêncio,
Escûtam, — da harmonîa se comprázem.

« — Por impróvidos, desvairados passos
« Sôndem outros no mundo sêr ditosos,
« E desdenhando o amôr de espôso á espôsa
« Em desespêro néguem que ha ventura:

« Oh! si ha ventura! D'antes eu com elles
« Eu tambêm a-descrî! Porêm na vida

« Não andêis sem amôr ; do amôr he dádiva
« A partilha dos bens da Providência :

« Jóvens que o viço que vos órna os annos
« Dispendêis irreflexos entre os males, —
« Eia ! o amôr vos convida, que ante as áras
« Laço condigno vos reûna á espôsa :

« Máis do que na mulhér fôra impossîvel
« (Não prevale a blasphêmia) amôr máis puro ;
« Si uma he monstro feróz e atraiçoado —
« Oh ! Deus a todas fal-as-hia monstros ?

« Não ; não as-fêz : Architectôr supremo,
« Constituindo o universo, êis se repousa ;
« E sonhou, — e sonhou com lindos entes
« De fórmas cá da térra e céos á um tempo...

« E exulta na creação de Deus o sônho !
« Da creação primôr e o complemento
« Foi a mulhér, foi ella : astro que vérte
« A' toda a hóra o fulgôr na idade nossa !

« Mas amòr que divaga sem um nórte,
« Que não se firma honésto n'um só sêio,

« Poderá têr incantos, — mas quam longe
« D'esse amôr conjugal celéste e puro!

« Os perfumes no templo funerários
« Sam perfumes tambêm, mas não recêndem
« Iguáes nunca aos aromas das campinas
« Em florente manhãa de primavéra...

« A história desejáis de minha vida?
« Eu era um' harpa de suaves nótas,
« Ess' harpa ainda sou; porêm máis dôce,
« Que unìsona resôa á dòces vózes.

« Vêde á márgem d'alêm, como uma estrêlla
« Nas ábas do horizonte, — luz tam viva
« A' radiar em feixes! — lá me aguarda
« Minha amada fiél entre alvorôços!

« Da cópa das mangueiras amparada,
« Toma o tenro filhinho ao casto cóllo;
« As vistas longas pelo azul do gôlpho,
« Ou n'um batél que afférra me presume:

« Suas véstes, que aos pés alvas fluctûam,
« Estremécem-se ás brizas odorîferas, —

« Como as pétalas trêmulas da rósa
« Aos frêmitos harmônicos dos zéphyros :

« Allî ella me espéra á que, sentados
« Do alvérgue ao limiar, de amôr fallemos;
« Nossas préces á Deus no amôr só vélam,
« Só quérem que fiél nol-o eternise...

« Taciturna tristêz me involve o aspecto...
« Mas ella vem! seus braços me circûmdam,
« E cândida assucêna das campinas,
« Sua face se acolla á minha face : —

« Pelo arfar de meu peito accelerado
« Sabe que o coração înstam-me angûstias,
« Qual ao arfar do bêrço mãi affável
« Sabe que o infante seu já não repousa :

« Como a rôla amorosa acêia as plumas
« Ao amado que o visgo illaqueára,
« Uma por uma delicada explóra-as,
« As-desprende, e liberta-as incansável, —

« E'lla, ah! reconhecendo as cruéis máguas
« Que lacéram-me entâm, dòres que próvo,

« Com mil quadros gentìs, phrases de allìvio,
« Uma após outra as desvanece todas...

« Si nos lábios meus beijos lhe deslìzam,
« Mavioso pudôr lhe incende as faces,
« Córre-lhe estremecido pelos membros,
« E nos lànguidos ólhos se diffunde; —

« Ao jambo assim, primeiro n'um só ângulo
« A madurêz indica-se, e n'um átomo
« A fïo pelo fructo inteiro estende-se
« Entre sôltos efflùvios máis fragrantes:

« E'lla! he o asylo meu, minha existência;
« Falsos quando, ah! nos sêjam os amigos,
« Na desastrosa sórte, a espôsa, sempre
« Luminoso pharól, constante guia-nos:

« Nenhum outro pensar que em mim não sêja
« Na mente lhe revôa, em mim tranquilla;
« E si ella a vida em minha vida exháure,
« O vìnc'lo de meus dias sam seus dias:

« Na lyra os hymnos meigos que eu desate,
« Os cânticos sublimes que eu desfira,

« Engendro-os da ternura, das lembranças,
« De affectos, que por ella n'alma educo;

« De substâncias estremes, e innocentes,
« De flôres, e dos flùidos máis suáves,
« Assim prepára e lavra a abêlha os favos
« Do licôr que áureos mimos nos recende :

« Imágens ha que exprîmam nossas vidas ? —
« A flamma unida á flamma ? harpas accórdes ?
« Perfumes que em jardins á par se exhálam ?
« Fontes cujos crystáes se mésclam puros ?... »

. . . .
. . . .

Já n'isto a vóz do apaixonado bardo
Mui longîqua s'esváe. Inda o-contemplo,
Só na imaginação, — pizando a márgem,
D'almos collóquios entretendo a amada.

Deus te fade venturas, jóven bardo !
Ah ! postérga a avarêza, ama a consórte,
Procrêa próle, sãa doctrina vérte-lhe;
E á mórte exclamarás : « Eu hei vivido. »

UNDULAÇÕES DAS AURAS.

Quam arrebatadôr não vái das auras
O vário sussurrar n'estes momentos!
Entre as tênues ramágens dos arbustos
Ouves-l-o emtôrno sonoroso e fórte;
Embaixo, sob teus pés, por entre as rélvas
Ouves-l-o ciciante, e frouxo, e débil;
O'lha acima de tua cabêça, e ouves-l-o
Suspirado e gemente em os cocares
Das palmeiras, dos piroás nos tópes;
A'spero e fragoroso entre as agulhas,
Entre os picos de agréstes serranìas....

Sam d'estes instrumentos que disséras
Tira um sôpro de Deus os máis estranhos
E my'sticos harpêjos, — que varìam
Segundo a actividade d'essas auras

Crescente ou decrescente! Em tempo á tempo
U'nico som prodûzem, — brado unîsono,
Que sérve de marcar quási a passágem,
D'um hymno a suspensão, para outro hymno,
Tam admirável, e assombroso, e dôce!

Eu penso quando assim attento as auras
Que estou sob a magîa de invisiveis
Gênios da solidão! — Deixo levar-me
Para uma embriaguez térna e suave,
Para um alheiamento o máis extático,
Que do pêso corpóreo eu me libérto!
Deslembrando o terreno, n'outra esphéra
Figuro-me pairar! As que exp'rimento
Vivas influïções que vértem ellas
Só se extînguem depois que a calmarîa
Todos os sons abafa; como as pégadas
Dos peregrinos o suão apaga-lhes
Nos páramos desértos. . . . .
Nos campéstres
Alvérgues de seus páes casta donzélla
Ao vário sussurrar o ouvido affîa : —
De amôr as juras, murmuradas fallas,
E esses suspiros trêmulos do amante
Que involuntário os-sólta na presença
Da graciosa amada, os sons que outr'óra

I'gneos lhe ardêram n'alma, êil-os s'exhálam,
— Dar-lhe parécem um dilìrio nôvo!...
Oh! illusão cabal, dissimilhante
Em effeitos, — produz esta diversa
Undulação das auras : sons que entende
Cada paixão descóbre que lhe fállem
A cad' uma especiáes, e com propósito!
Aquelle a quem ciûmes envenênam
Ouve os lédos victôres do satânico
F'licissimo rival, ouve os seus jûbilos,
Beijos da ingrata, os risos estridentes,
E o ruge-ruge das talares véstes
De odorîfera sêda.... ouve dizêrem-lhe :
« Chóra! vái-te infeliz; véntura he nossa! »
Os filhos delinquentes oûvem vózes,
Irosas maldições que lhes fulmìnam
Os fallecidos páes ou que ândam longe;
O assassino conhece bem distinctas
Rogativas das vìctimas, e ameáças,
E os seus gemidos e o ûltimo estertôr;
Sonóras préces da fiél metade —
Ouve-as o ausente espôso quando a bélla,
Recatada no lar, á Deus supplìca
Um têrmo emfim á secular ausência,
— E do saudoso peito o anciar he esse
Que perpassando as auras lhe trouxéram!...

Imperceptîveis sons, indifferentes, —
Incomplétos, confusos para muitos,
Traductôres e intérpretes encôntram,
Peitos onde se entrânham expressivos,
Significantes, claros, e eloquentes!
Tal do côrço o vagído para o tigre
Nada póde dizer-lhe, — mas a côrça
Apenas o-escutou que ella compr'hende-o!
A' voz do gavião nada nos move, —
Mas juncto á próle s'estremece a pomba!

E compõem-se as nótas d'esta orchéstra
De amorosos suspiros, meigos, lânguidos,
Que o coração rescáldam; de ruïdosas
Exclamações de cândida alegrîa;
De effusão de prazêres que ressûmbram
O olvído, ou o desdêm, horrôr, e o inférno;
De gemebundos sons estertorosos;
De cholléricos sons, e imprecativas;
Dos ingênuos accentos de innocência,
De saudades, de amôr, ou de amizade,
De ternura, e volûpia : orchéstra alguma
Variedade igual nos apresenta!...

Ah! dir-se-hia que Deus, que ouve os segrêdos,
Que os-palpa, e que os-vê á humanidade,

Os-manda repetir n'uma linguágem
Mysteriosa, — a das auras, — que percébem
Os possessôres d'esses, quando se ácham
Em circumstâncias de poder ouvil-a!...

A VÎRGEM PÓBRE.

E era a cidade infecta e polluìda
De execráveis torpêzas e flagìcios;
Entre o estûpido corrompido vulgo
(O baixo vulgo e o rico) alto lavrava, —
Como dogma infallìvel, « só ha mérito
Em quem dispõe d'immenso pêso de ouro. »

E a vìrgem entre flòres da innocência
N'esta cidade os annos seus volvìa; —
Resvalando-lhe a vida na indolência,
Ao presente e ao futuro se surrìa :

Dia em dia a bellèza que medrava
Já ninguêm lh'a-contempla indifferente;
Orphãa de pái, a mãi térna a-educava,
Mas fallida de bens, quási indigente....

E falsos protectôres, — vis hypócritas,
Sob o humano pretêxto da amizade,
De um benévolo affecto generoso, —
Alcânçam penetrar em seu alvérgue
E assìduos frequental-o : ella inexpérta,
Tam nóva e pura! a mãi crédula, fácil!

Cada qual máis fingido se insinua, —
Máis audaz na esperança já se ufana
De que á fruìl-a obtenha como sua
A vìrgem a quem nódoa alguma empana :

E juncto d'ella infames seductôres,
Ao sahìrem das órgias, se apressûram
Do ânimo á confeitar átros horrôres,
E no ostentar virtudes máis se apûram....

Succumbirìa a vìctima, — votada
Ao vìcio, á perdição! Tôrpes mancêbos,
Vélhos na crássa crápula sepultos, —
Subêrbos com a bôlsa plena de ouro,
Em sórdidos prostìbulos, sem falta,
Aguárdam-n-a talvêz em prazo estreito.

E ella meiga em seus lábios o surrìso
Incáuta e sem malìcia deslisando!

E inda á pensar tam f'liz no paraîso
Quando no inférno a-vam precipitando!...

E elles de seducções á redobrárem! —
Quáes os euros emtôrno á branda rosa
Sópram crébros até lhe desfolhárem
A corólla odorìfera e orvalhosa.

A'i! de ti, vìrgem mìsera!.... Nem sabes?
— Tal divagas no mundo qual a rôla
Que ao pélago soltára errados vôos,
Ou que em várzeas de pàntanos cobértas
Pasce, e em plaino de sérpes infestado,
Ou adêja n'um céo que o açôr percórre.

Ella póbre, e na innocência?!
Será nossa : — entre si dìzem;
Não convêm que na indigência
Viços seus se esterilìzem;
Será nossa : e na opulência
Os seus dias se deslìzem....

Oh! não; não ha de sêr a vìrgem vossa! —
Eis dentro em si resólve grande e nóbre
Um jóven que indignado os-considéra :
Sombrïo o aspecto sempre entristecido,

E os ólhos radiando intelligentes
A luz que os sêios do ânimo esclarece,
Larga e pállida a fronte pensativa,
Nos lábios quási irônico o surriso, —
E'ram preságios máus para hômens împrobos,
Que assim os-explorávam n'este jóven,
Cuja franca presença lhes devêra
Mui displicente sêr e inopportuna.

A vîrgem vossa não será! — murmura
Uma e mil vêzes:
E elles vendo-o tambêm quanto ella póbre,
Não o-têmem rival, — e refalsados
Máis o-abhorrécem.

Mas póbre.... não impórta: esse á quem pulsa
D'hômem sensîvel
O coração magnânimo — transvérte,
Cerceando desêjos, — n'um thezouro
Seitîs modéstos:

E quando elles máis espéram
Que a infeliz sêja rendida
N'este assédio em que a-pozéram;
— Eil-a he lógo soccorrida! —
E auxîlios que lhe viéram
Não vêem d'alma envilecida.

Que fortuna possûe? Como se atréve
Aquelle hômem á dispender tam pródigo
Sem o interêsse fórte que nos móve?
Que espéra? adóra-o ella?... Que loucura!
He possìvel que em seu peito ella abnégue
A ambição grandiosa de alliar-se
Entre as classes riquìssimas, — as classes
Que só honestas sam da sociedade,
Que ûnicas válem dar honras e méritos?!
Oh! não! igual int'rêsse insta-o e compélle;
Fruìl-a intenta, — após.... tambêm se ausenta :
E máis que outros ditoso! e máis hypócrita!
Embóra! as esperanças não se pércam; —
Menos diffìcil he que ella reduza-se.
Mas tìnham-se escoado longos mêzes,
E elles inda illusões multiplicávam,
Quando fôram de sûbito surprêsos;
Da Providência, — justa nos seus planos, —
As lêis sempr' immutáveis os-ferìam :
A mórte alguns ceifára; outros saltêia
Fatal enfermidade; ou a desgraça;
Os demáis.... Oh! porque commemorára
Destino ìmpio de réprobos, e deixo
Tam pacìfica a sórte d'esse jóven? —
Benefìcios que fêz — tênues havêres
Lhe prospéram magnìficos : subêrbo

Não se vólve; e, opulento, não olvida
Aquella a quem salvára na indigência :

Vem, oh vìrgem! lhe dizìa,
Vem comigo ao sacro altar;
Vem, oh vìrgem! N'este dia
Puro amôr que nos prendìa
Vái-n-o a lei rivalidar.

Vem, meu anjo! vêr ancêio
Co' os nìveos glóbos te arfar
O offegante ingênuo sêio;
Do pudôr e o térno enlêio
De lágrymas te orvalhar....

E alvejantes corcéis hárdidos tìram
Um carro esplêndido,
Onde os cônjuges, — elle e a vìrgem póbre, —
Vôam, — lédos convivas acclamando-os,
Ao sponsal thálamo.

Vìrgens póbres, conhecei-vos!
A innocência e a castidade

Não vendáis á vil riquêza;
E entre vós mesmas dizei-vos :
« He de Deus cérta a bondade. »
E esperái ; — dura ferêza
D'asp'ra sórte acalmará.

GEMIDOS DE UMA ESPÔSA.

Eu não acreditava, nem pensára
N'essa horrîvel angûstia
Que tam bréve deixasses-me!
Louca de mim! no coração guardava
A máis dôce esperança
Que só com o meu te fugisse o alento!

Ah! e porque não quiz a Providência
Ao amôr conceder-nos
O precioso indulto
De prolongar a vida aos entes charos, —
Ou nenhum perecêsse
Sem que o outro tambêm o-acompanhasse?!...

A glória sôbre ti pairava, e enchîa
De gôzos a minh' alma,

Ai! gôzos que lei férrea
Prescrevêo apagar-me n'esta vida
Que comtigo ameigava,
Oh bardo meu! oh gênio de harmonîas!

Quando férvido olhar de que resûrtem
Eléctricas scintillas
Immergîas no espaço, —
Volvendo-o sôbre mim, — eu te julgava
Celéste intelligência,
Que piedosa velava os meus destinos!

Térno, sensîvel sempre aos meus affagos,
Já nas chórdas frementes
De tua harpa suave
As perfumadas nótas me extrahîas
Dos ineffáveis hymnos
Que benigno o Creadôr só te ensinára!...

O espôso o máis feliz ao contemplar-nos
Sempre învido exclamava:
« Oh! quam térna ella o-ama! »
A espôsa a máis ditosa de igual módo:
« Com que întimos ardôres,
E puros sentimentos elle a-adora! »

Espôso! e vós, espôsa! — lamentái-me:
Eis mìsera viûva
Hôje em luctos eu gemo!...
Que he de meu protectôr, — o meu amigo?
Ai! que he do meu espôso?
Os meus incantos? minha existência? elle?...
. . . .

Tu?! exânime jazes!... Nos meus ólhos
Insoffridas borbûlham
As lágrymas em fïo,
Que a mágua expreme ao coração afflicto
Qual mão interesseira
Que da flôr que recende expreme o sumo!

Só descêste ao jazigo! e me exhalaste
Esse Adeus máis solemne
De nosso ágro destêrro
Quando com tua vóz inda harmonìas,
Apezar de dorìda, —
Já me fallavas no final delìquio!...

. . . .
. . . .
Sôbre o tûmulo teu de dia em dia
Sempre vou proclinar-me:

Minhas lagrymas, bardo!
Que tantas vêzes enxugaste meigo,
Nem gelarão teus óssos,
Nem o côrpo da amada irá pesar-te...

A ti a mórte me unirá em bréve;
Aquella que te unîra
Abençoada a existência
Nada anhéla hôje máis do que ao teu lado
Sob o mesmo sudário
Repousar... D'elle sou : fugî, profanos!

NO ALBUM DE UM POÉTA.

Vulgo material gozar não sabe;
Só o sensîvel ânimo d'um bardo
Põe o condigno prêço ás maravilhas,
Do universo ás bellèzas,
I'ndices da grandèza do Supremo:

Cérto; no ânimo teu paixões máis nóbres,
Máis puros, máis sublimes sentimentos
Se inflammam generosos, — as idéias
Em o teu pensamento se entretécem
Tam harmònicas, naturáes, e dòces,
Que tanto, oh bardo! assim te distancìas
Do vulgo inerte e vil que em vão forcèja
Por imitar-te os dons, — quanto a natura
Se distancìa da arte, que se affana
Em querel-a emular: ambas possûem
O elemento real dos diamantes, —
Mas nas mãos da primeira esse perfórma
O precioso crystal; — nas d'outra... vède-o!

Poesìa que á um bardo inspira e exalta
He qual ingênua vìrgem, que tranquilla,
Que solitária anhéla encher de amôres
O não ingrato amado; —
Si tem constante amôr, constante o-exige :
Apenas lhe notou que a paz se extìngue
Ao coração d'aquelle, — êil-a se esquiva;
E entâm quem quér que sêja o venturoso,
Para que ella o-adorasse,
Não a-busque sinão com a alma inteira :

Mas tu que sentes n'alma o fôgo ethéreo,
Com quanto os hômens infeliz te jûlguem,
Prazêres que lhes sam negados sempre
Frûe! o porvir te acclama!
Canta a virtude, o amôr, e Deus, e a pátria.

OS MÓRTOS.

Deus, a virtude, o amôr, pátrias montanhas,
E o almo verdôr das várzeas e o das sélvas,
E o incanto e o ondear trépido dos rïos, —
Já de todo o universo as harmonîas,
Ha minh' harpa entoado :
As minhas attenções hôje se vólvem
A' contemplar do rei *que á si se acclama*
O prostrado cadáver...

. . . .

. . . .

Hômem! hômem! que és tu? êis-te por térra,
Inanimado jazes!........ Membros hirtos
Pelo gêlo da mórte! — Tôrpe a face
De fétido cruôr! — Lîvida a fronte,
E co' a têz resequida!

Hômem! hômem! que és tu? Ainda ha bréve
Tam subêrbo vagavas! Cérto, ao vêr-te,
Immortal te julgára!
E encarniçado ha bréve perseguîas
Teus mîseros irmãos; áis, agro pranto,
Misericórdia e penas postergavas;
Deus só mesmo fingido conhecêras; —
Tu éras o universo!!!
Ai de ti! — orgulhoso etérno, mesmo
Sob o pêso esmagado de infortûnios,
Que a tua condição, e os teus congêneres
De dia em dia aggrávam! Não he este?
He este o grande *rei* que a si se acclama?!
Eil-o, — qual a máis vil das entidades!
Oh loucura a máis vãa! E a vida he esta!
— Fugaz como o bramir das tempestades
Nos campos do oceâno, e tam incérta!
Sim, como as tempestades, que furentes
Muito embóra esbravêjem, tumultûem,
Na immensidão voando, — carregadas
De innûmeros espólios que semêiam
Em toda a parte, emfim, emfim se esváem.
. . . .
Porêm, olhái-me allî os frïos réstos
Do hômem antes que pûtridos inféctem
O circumfuso ambiente,

Apenas que o escalpéllo os-dilacere,
Ou que máis hóras vôlvam :
Risos que a compaixão mesclada ao pêjo
Sóhe romper convulsos, —
Risos que brótam n'alma que se indigna,
Pallidecei-me os lábios!
Oh! e este ente mesquinho he esse mesmo
Que ainda ousa ufanar-se!
Compôsto de immundìcies, qual sentina
Onde férvem os vérmes!...
« Mas era nóbre! — em vêias lhe gyrava
Tam puro e ìnclyto sangue! »
Si óra vìsseis, porêm, o sangue nóbre
Similhando nas vêias pôdre lôdo
Em estagnadas vallas!...
Nobrêza que o philósopho confirma
Não consiste no sangue;
Não hérda, não se mérca, e só bem cabe
Ao fautôr da virtude;
Quando dos próprios actos não derìvem
Não attestêis nobrêzas, — a máis louca
Vaidade das vaidades! — vélha cappa
Sob que se acôutam néscios, os inertes
E ociosos felizes!...
Podêr, honras, riquèzas, — allì jázem :
Si malvadêz e astûcia as-alcançáram,

Não nos deixa pensar que a Providência
O-haja formado, ou não, como formára
Os venenos, serpentes, cruéis tigres,
E os vulcões devorantes.

. . . .

Ah! tambêm allî jaz frîgido o côrpo
D'uma jóven donzélla!
Pois que? mórrem tambêm tenras bellêzas?!
— Insano! as tuas vistas, tam captivas,
Pouco ha, de suas graças
Porque as-affastas tu? Oh, vem! não fujas:
— O hálito perfumado
Que te prendîa tanto, vem, respira-o!
— A frescura das faces
Esparze rósa e mel, férvido beija-as!
— O fulgôr d'esses ólhos
Que mágicos scintîllam não te arrouba!
Nîveo sêio amoroso
Tam ardente palpíta, e não te rendes!
— A madeixa dourada
Co' o vespertino zéphyro lá brinca!
— Voluptuosos lábios
Convîdam-te ao prazêr, delîcias bébe!
Duro!... indiff'rente deixas tantas graças!
Mas, oh verdade! oh dôr! já nada existe...
— De hálitos táes se géra

Mephìtico demônio atro da péste;
— Amarellentas faces
Sam quáes vélho lagêdo em templo escuro;
— Embaciados ólhos
Sam fontes que os hinvernos ham turvado;
— Sêccos, myrrhados sêios
Recórdam colles sem verdôr, nem viços;
— Madeixa descahida
Eis qual bandeira em funeral d'um prìncipe;
— Plûmbeos lábios immótos
E'ram como uma flôr onde bebîam
Tìmidos colibrìs nectáreo orvalho, —
Ah! flôr que pelo sol pendida, murcha
He pasto á vis insectos!
Tu, donzélla gentîl, dá-te aos amplexos
Do suspirado amante,
Ou recorre vaidosa ás cértas artes
De carear á muitos que mal-pênsam
Nas traições que lhes armas...
A'i! porêm, só comtigo, — abandonada,
Na noite dos sepulchros,
Fógem-te os amadôres máis constantes,
Recûsam-te seus vótos, que consâgram
A' outras que máis não sam do que és agóra!
— D'elles, do séxo cruél, raros nos móvem;
Mas, vós, entes de amôr, no passamento,

E ainda d'este nêgro horrôr oppressas, —
Ah! deixáis transluzir a vossa orîgem,
Vossa orîgem dos anjos; —
E nós — gratos — devemos perdoar-vos...

ARIZÁ

DRAMA LYRICO BRAZILIENSE

EM QUATRO ACTOS.

EXPOSIÇÃO DO DRAMA.

ACTO PRIMEIRO.

Arizá, donzélla da tába atanayrû, he feita prisioneira dos Paráviánas n'uma incursão que estes fizéram contra aquella tába, onde matáram, entre infinitos, os páes de Arizá, e onde esta deixára Irahy seu jóven amante, a quem não vê desde ha oito annos de captiveiro nas márgens do Queceuéne. He n'este têrmo que eu abro a acção do presente drama.

O desespêro de Arizá tem chegado ao último transe. Coêma, donzélla paráviána e sua amiga, emprehende consolal-a; mas Arizá retórque-lhe que he baldar esfórços, e confessa que se vê tanto máis inconsolável quanto lá na pátria querida deixára o seu amante, por quem só vivìa, e por quem só ha vivido até este prazo em que a esperança de recobrar a liberdade e de tornal-o á ver parece abandonal-a totalmente. Coêma lembra-lhe que por ella o bravo Nuripê (Tuxáua dos Paráviánas)

arde em amôr extremo; respondìa Arizá que jamáis trahirìa o seu amôr por quemquér que fôsse, quando se ôuvem os sons fórtes e crébros do trocáno que tóca á rebate e chama ás ármas os filhos da *nação* paráviána. A floresta desentranha-se em centenares de guerreiros, que acódem ao acclamo de guerra. Coêma, assustada, e curiosa de saber o que se passa, retira-se. Nas ondas dos guerreiros vem Nuripê; Arìzá quer esquivar-se-lhe á vista e dispõe-se á sahir; o Tuxáua a-retêm e renóva os seus ardôres pela linda vìrgem dos Atanayrûs, sua escrava : ella desengana-o de que nunca o-amará; Nuripê insta, e Arizá, para desembaraçar-se d'elle, recorre ao artifìcio de chamal-o « *fraco* ». O heróe selvágem sente renascer sua nativa indignação e vaidade, repelle o labéo infamante, e jacta-se da bravura que sóhe desferir no horrôr dos conflictos : Arizá se apressa em reparar a offensa... Atálham-n-a trêz guerreiros paráviánas, os quáes vêem intimar ao chefe que o-espéram no *concêlho* da tába : este parte, mas primeiro lança-se-lhe aos pés Arizá e pede-lhe que sêja com ella generoso, restituindo-a á liberdade, á pátria, á Irahy. Nuripê lhe outorga a liberdade, e com este benefìcio presume talvêz haver grangeiado o amôr da mimosa e ingênua Braziliense, que lhe protésta emfim grata sempre sêr-lhe; — o seu coração nunca lh'o-dará. —

ACTO SEGUNDO.

Vista do terreiro da tába dos Paráviánas, onde apparécem sentados em pédras ou tóros os anciãos, e os jóvens guerreiros de pé, e todos armados. O Tuxáua Nuripê levanta-se, e peróra aos seus, revelando-lhes o perigo que os-ameaça, e qual o modo máis efficaz de se defendêrem. Anciãos e guerreiros mancêbos appláudem. O chefe exhorta-os ao combate predizendo-lhes a victória; elles entôam o hymno de guerra ao som dos instrumentos béllicos, e brandindo as armas pártem.

Vê-se entrar Arizá. A infeliz Atanayrû, ainda que obtivesse a liberdade, todavìa se acha tam desgraçada qual d'antes. O seu amado existe na pátria, e sem faculdade de lá ir, de que lhe serve á ella a liberdade? As suas vózes pois dam á entender que ella premedita o suicìdio com algum dos venênos que superabûndam nas sélvas. N'isto vẽem Coêma e Bajára, suas amigas, á render-lhe os parabens por vêrem-n-a já livre, o que francamente attribûem ao bem-succedido amôr de Nuripê. A fiél Arizá esfórça-se por convencêl-as de que só á generosidade do Tuxáua deve a liberdade, e as-convence com effeito depois que ellas testimûnham o collóquio entre Arizá e Jacy. Jacy, amante de Nu-

ripê, rende-lhe graças de que desprezasse o amôr d'aquelle heróe, o qual de cérto a esqueceria por Arizá, não obstante o grande amôr que lhe tinha, si acaso esta não o-houvesse tam altamente desdenhado. D'antes votava Jacy ódio despiedado e cégo á sua rival, agóra porêm, sciente da verdade, apraz-lhe retractar-se de suas semrazões e exorar-lhe o perdão, accrescentando que Nuripê, ao sahir para a expedição, lhe promettêra um amôr sem fim. A amizade e bôa harmonìa se restabelécem entre as duas mulheres; em seguida Arizá supplîca á Jacy lhe alcance de Nuripê a permissão de retirar-se para a sua tába natal : tudo esta, feliz e alégre, lhe assegura. He uma esperança que alentará ainda a espôsa de Irahy.

ACTO TERCEIRO.

Os Paráviánas tórnam vencedôres : ainda longe rebôam os seus hymnos de triumpho; Jacy, que os-ouve, dirige-se e párte á encontrar Nuripê. Ella affirma que, para máis fortalecer a constância de seu amado, descêra ao antro do pagé, e lhe supplicára fixasse n'ella ûnica o affecto do Tuxáua; a resposta foi : « — *Em breve ficarás sem rival, linda Jacy.* — »

Entram depois os guerreiros paráviánas elevando aos ares seus triumphos, o seu valôr, sua glória : « milhares de Atanayrûs e junctamente o Tuxáua d'estes, — *Abaité,* — gêmem nossos prisioneiros, » dîzem elles. Mas a dôr se méscla ao regozîjo : Nuripê foi aprisionado ou môrto pelos inimigos. Já furiosos e ardendo em sêde de vingança aguárdam os Paráviánas a resposta decisiva do pagé consultado sôbre a sórte dos Atanayrûs. Esta decisão atrázem outros guerreiros : — « Os prisioneiros sêjam « privados da liberdade; e que Abaité môrra aos « gólpes do tacápe, mimoseiando-se-lhe, conforme « o estylo, a máis formosa donzélla, mas não a que « máis lhe apraza, sinão aquella que repulsára des- « denhosa a Nuripê. — » As donzéllas da trîbu manifèstam que he Arizá de quem falla o pagé :

Arizá pois he destinada aos últimos amôres do guerreiro condemnado á mórte.

Outros Paráviánas apresêntam-se escoltando os captivos, e vam passando com elles, excepto Abaité, que prêndem á *mussurána* n'um tajupár, ficando-lhe de guarda Arizá.

Arizá, chorando, e sem atrever-se á levantar os olhos para Abaité, está resoluta á suicidar-se e não permittir lhe manche o amôr que á Irahy ella conserva leal. Ha silêncio de parte á parte. Abaité sente-se extremamente commovido ao aspecto de Arizá tam similhante ao de sua espôsa, que ha *oito vêzes que brotam flôres e fructos o guapohî* perdêra no sólo natal. Um collóquio se trava entre estes infelizes que assim mutuamente sympathisávam, porque tambêm Arizá em Abaité deparava similhanças admiráveis com Irahy! E apezar da longa ausência absoluta, das mudanças que o progrésso da idade em ambos lhes têem occasionado nos traços physionômicos, no pórte, etc., um reconhecimento se dá: — a espôsa de Abaité não he outra que Arizá, e Abaité não he outro que Irahy.

A fuga de ambos he concebida e executada immediatamente.

ACTO QUARTO.

A tarde vái adiantada. O résto dos Atanayrûs escapos á derróta, em marcha para a tába, atravéssam apprazîveis e amenos valles colleando entre graciosîssimos sêrros, d'onde se debrûçam arbustos enleiados de cipós, que pêndem em festões de verdura e flôres. Irahy ou Abaité e Arizá trajados á paráviána chêgam n'estes sîtios : Arizá oppressa de fadiga e convidada pelas instâncias de Abaité senta-se á repousar ao lado d'este, que se põe á enfeitar-lhe de flôres a cóma subêrba máis densa e opulenta que a folhágem da palmeira.

Guerreiros atanayrûs, divisando os trajes paráviánas, em que se disfarçára Abaité, e que Arizá vestîa, suspêitam que o inimigo os-siga, e lógo após, cértos de não haver máis que os dois suppóstos Paráviánas, rômpem d'entre as collinas próximas que os-encobrîam e se avânçam para elles, e lhes intîmam que se rêndam captivos seus. Abaité reconhece os Atanayrûs, e o motivo do engano em que estâm; arrója em terra o cocár de plumas e apresenta-se-lhes á vista : elles prostérnam-se ante o Tuxáua pedindo-lhe o perdão : os braços que lhes abre Abaité e em que todos alternativamente cáhem foi a resposta do chefe. Este apresenta aos

seus a sua amada, cuja união os Atanayrûs quérem celebrar com a mórte do « *cruél* », — de Nuripê, — e de alguns Paráviánas, que elles condûzem prisioneiros á presença de Abaité. Arizá, grata ao Tuxáua inimigo, que lhe concedêra a liberdade, e que assim indirectamente lhe facilitára os meios de sêr considerada da *nação* paráviána, e admittida sem desconfiança por guarda de Abaité, á cujos ûltimos amôres a-destinára o pagé, impétra de Abaité o perdão de Nuripê. Nuripê, admirado da generosidade do adversário, espontaneamente offeréce-lhe a paz entre as duas tábas, que he acceita. Os guerreiros atanayrûs e paráviánas, — depois que os Tuxáuas firmáram a alliança trocando duas fléchas cujas pontas québram antes, — entôam cantos de jûbilo.

Arizá foi o laço que reunìo duas nações que se guerreávam encarniçadamente ha muitos annos, e como tal proclamada por Irahy ou Abaité, Tuxáua dos Atanayrûs, e seu espóso.

ARIZÁ

DRAMA LYRICO BRAZILIENSE.

PERSONÁGENS.

NURIPÊ, chefe ou Tuxáua (Tuksáua) da trîbu paráviána, espôso de Jacy.

JACY, donzélla da trîbu paráviána, espôsa de Nuripê.

ABAITÉ (Irahy), Tuxáua da trîbu atanayrû, espôso de Arizá.

ARIZA, donzélla atanayrû, captiva da trîbu paráviána, espôsa de Irahy.

COÊMA, BAJARA, } donzéllas paráviánas, amigas de Arizá.

GUERREIROS PARAVIANAS.

GUERREIROS ATANAYRUS.

DONZÉLLAS PARAVIANAS.

Acção : As márgens do Queceuéne (Rio Branco), no território do Alto-Amazonas.

Épocha : Antes do descobrimento do Brazil.

ARIZÁ.

ACTO PRIMEIRO.

O theatro representa ao longe serranias, e ao pérto as márgens do Queceuéne guarnecidas de floréstas primitivas. — He o romper da auróra.

SCENA I.

ARIZA, só.

Quando o sôpro mui bravïo
De implacável tempestade
N'amplidão de largo rïo
Uma ygára sossobrou, —
Dira, atróz anciedade
Da equipágem se apossou,
Mas já salva-se ou perece,
Longos transes não padece...
Ai de mim, porêm, que vago
Sôbre as ondas da desgraça;
Nem esp'rança máis affago
De possìvel salvação; —

Nem vem mórte que me faça
Terminar minha afflicção!
Lento e lento perecendo,
Longas dôres vou soffrendo...

Cóbre o rôsto com as mãos e chóra.

SCENA II.

ARIZA, E COÊMA.

COÊMA.

Antes póde o Queceuéne
Suas águas suspender,
Do que tu acérbos prantos
Que se vêem sempre correr!

ARIZA, como que desatinada.

Oh pátria querida!
Oh céo mui formoso!
Oh sólo mimoso
Que tanto seduz!
Dos páes no regaço,
Ventura e alegrîas
Tecêrem meus dîas
Allî eu suppuz!

COÊMA.

Quando a tába atanayrû

Os patrîcios meus vencêram,
Arizá, — bem sabes tu, —
Os teus páes lá perecêram :
Oito vêzes já de flôr
O angelim se tem c'rôado
Depois que, chêio de horrôr,
Foi teu sólo devastado :
O que te prende máis? que vale agóra
Etérna pena que em teu peito móra?

ARIZA.

Ai! eu não valho á sondar
O secreto sentimento
Que me impelle violento
Agro pranto á derramar;
Mas si estou na solidão
Eis da infància os devanêios
Resurgindo-me nos sêios
Do sensîvel coração : —
E uma vóz ouço, Tupá!...
I'gnea luz não he máis viva,
Nem máis dôce a patativa,
Nem máis térno o sabiá!

COÈMA.

He cérto que da pátria tens saudade,

Mas outro sentimento escondes n'alma;
— He por esse talvêz que vives triste,
Que a tua dôr jamáis se abranda e calma.

ARIZA.

Quér á noite, quér de dia
Vẽem memórias salteiar-me;
He em vão que empr'henderîa
Teu affecto consolar-me.
D'amôr a esperança que térna educava
Perdî com a pátria, da qual me arrancáram;
E ao jóven guerreiro que eu tanto adorava
Os teus, oh Coêma, cruéis me roubáram.

COÊMA.

Tenta esquecêl-o, Arizá;
Nem te amargures assim;
Tênue esfôrço teu fará
Que os pezares tênham fim:
Si teu pranto perdurar
Tua vida vái cessar.

ARIZA.

Bem; não impórta máis: desdenho a vida.
Ai! mîsera captiva,
Talvêz por Irahy mesmo esquecida,
He possîvel que eu viva?!

Sabe : — sem elle ao ninho me assemêlho
Que o pássaro abandona inda imperfeito;
Jámáis abrigará plûmeos cantôres : —
Assim êrmo de amôr será meu peito.

COÊMA.

Oh, suppõe que foi um sonho
Do malévolo Anhangá,
Que os pagés esconjuráram
Longe de ti, Arizá.

ARIZA.

Não. — Lúgubre sonho
Foi este sómente...
(Meu sêio, oh Coêma,
Já tudo o que sente
Revele-te emfim.)
Perdì meu amado?...
Na pátria mimosa,
Sonhei em seus braços
Rival máis ditosa
Que a triste de mim!
Dois lédos infantes
Emtôrno brincávam,
De mãi dôce nome
E pái enlaçávam

Com brando clamôr :
Beijando-os mui térno
Para ella surrìa, —
Os d'ella e os dos filhos
Affagos fruìa —
Passado de amôr.
No paìz dos mórtos elle
Já talvêz que me julgasse;
E infiél, ditoso, ingrato,
Outra amante desposasse!

COÊMA.

Phrases ouço tambêm, e ardentes vótos
Que abrazados guerreiros me dirîgem :
Deixo-os fallar; — alégre fólgo; — livre
Amorosas ternuras não me afflîgem.
Sôltas ondas dos rïos, amplas veigas,
Almos ráyos do sol, flôres, collinas,
As névoas que s'enrólam, aves meigas, —
Oh, tudo allìvio, distracção m'entranha.

ARIZA.

Espéra... não crêias que amôr não te fira;
Tal és, oh Coêma, na tua esquivança,
Qual tenra nambû que só pede e suspira
Que a-nûtram os páis :
Mas vólvem-se os dias (estranha mudança!);

Quem fûnebres áis
Nos bósques exhala e saudosa não cança?
Não ouves-l-a? — He ella que amante dilira...
Ainda não crêias que amôr não te fira.

COÊMA.

O bravo Nuripê por ti despréza
As patrîcias máis dignas, as máis béllas:
Alto amôr d'este heróe faz invejárem
O destino que tens muitas donzéllas.

ARIZA.

Quando vêrde manacá
Não brotar cheirosas flôres,
Só entâm nóvos amôres
O meu peito acceitará.

SCENA III.

As mesmas, e Guerreiros paravianas.

Ouve-se o rebater fórte e crébro do trocáno; e em bréve atravéssam a scena centenares de guerreiros parávianas, entoando alguns em côro, emquanto os outros vam passando:

Ouvimos o trocáno
Nas sélvas resoar;
Da guerra o instrumento
Vem todos convocar.

Algum damno desperta
A válida nação : —
A's ármas! sus! corramos
Em sua defensão.

COÊMA.

Lá revôam mil guerreiros...
Que perigos, oh Tupá,
Nos occórrem sobranceiros?
— Vále; eu parto-me, Arizá!

SCENA IV.

ARIZA, e os Guerreiros paravianas, que continûam á desentranhar-se da floresta, e accorrer para a tába : ouve-se ainda o trocáno, e o hymno de rebate : —

Ouvimos o trocáno
Nas sélvas resoar;
Da guerra o instrumento
Vem todos convocar.

Algum damno desperta
A válida nação : —
A's ármas! sus! corramos
Em sua defensão.

ARIZA, olhando assustada.

Ah, Nuripê se aproxima,
Nuripê á quem inspiro
Infáusto amôr... desgraçada!
D'aquî préstes me retiro.

Corre á sahir.

SCENA V.

ARIZA, e NURIPÊ.

NURIPÊ, detendo-a com gesto imperioso.

Arizá, cruél, não fujas!
Sós estamos nas floréstas :
O que temes? Si te adóro
Porque tanto me detéstas?!
Sou máis bravo que o jaguar,
Que debalde pretendêra —
Si nas brenhas se escondêra
Minhas séttas evitar :
Mas qual elle eu não devêra
Ai de mim! te horrorisar.

ARIZA.

Sou theûba que lamenta
Puro mel que a-sustentava;

Pois o amôr que me amparava
Esse amôr me foi roubado!
Nuripê vãamente tenta
De Arizá sêr adorado.

NURIPÊ.

Eu, o bravo dos bravos, eu te busco
De meus brïos privado,
Qual subêrbo condôr que já não vôa
Da flécha atravessado.
Sam teus amôres, vîrgem, á quem céde,
Já vencida, minh'alma a resistência,
Como árvore das sélvas que se curva
Dos sonóros tuffões á violência, —
Ou como féro chefe do inimigo
Ao meu tacápe de mortal perigo.

ARIZA.

Máis possivel he que vêjas
Sem espinhos um airî,
Do que amôr que tu desêjas
Eu ceder jámáis á ti.

NURIPÊ.

A planîcie nem sempre vêjo nua
De rélvas e de flôres;

Nem sempre vêjo o sol, ou meiga lua,
Sem lúcidos fulgôres :
Mas á ti, sempre vêjo sem brandura,
Só lágrymas vertendo,
Ao amôr insensível, e á ternura
Tyranna sempre sendo.

ARIZA.

Valente Nuripê, já outro eu amo. —
Não, não posso attender-te :
Oh! antes derramar queiras meu sangue,
E assim satisfazer-te.
Despiedosa, vìvida saudade
Sensîvel coração me dilacéra,
Ai! dia e noite pelo espôso eu gemo
Que meu prazêr, incanto, e amôr só éra!...

NURIPÊ.

Máis acérbos me pùngem teus desprêzos
Que os gólpes sem vingança recebidos; —
Máis que impunes affrontas dos contrários,
Que de fraco os labéos immerecidos.

ARIZA, com um tom irônico.

Ah! e este he o guerreiro em cujo braço
A tába confiára!!!...

He o próprio Tuxáua quem medroso
Imbélle a-desampára!....

NURIPÊ, resentido.

Vîrgem, vîrgem! um fraco me julgas
Que aos trabalhos se quér esquivar?!
Si te fallo de amôr, sem defêza
Pensas que eu deixe a pátria ficar?!
Teus patrîcios já todos conhécem
Quam terrîvel lhes he meu valôr :
Só meu nome máis féro lhes trôa
Que d'horrendo trovão o fragôr!
Sempre, sempre que rêjo a batalha,
Dou triumphos á minha nação :
E os contrários, bramindo de ráiva,
Contra mim atropéllam-se em vão!
Táes não ródam as águas do rïo
De que um vórtice impede o correr,
Qual no meio de meus inimigos
Tambarána que eu faço mover....

ARIZA.

Eu conheço, guerreiro, que és fórte,
Que és de imigas nações o terrôr,
Que na guerra e na paz d'estes póvos
És o seu ornamento e esplendôr : —

Anhangá, oh! porêm te desváira,
E a alta glória te apaga ou desáira!

SCENA VI.

ARIZA, NURIPÈ, E TRÊZ GUERREIROS PARAVIANAS.

CORO DOS TRÊZ GUERREIROS.

Por ti no concêlho,
Tuxáua, esperâmos :
Ao grito de guerra
Eis nós nos junctâmos.

NURIPÈ.

Da tába ao concêlho
Eu já voarei ; —
Em bréve, oh guerreiros,
Comvôsco eu serei.

SCENA VII.

ARIZA, E NURIPÈ.

ARIZA, lançando-se aos pés de NURIPÈ.

Tuxáua! sê comigo generoso,
Volve-me á liberdade;
Vólve-me ao sólo pátrio : lá existe
A minha f'licidade.

Dos pomos que a-perfûmam tênue briza
Sparze grata os odôres, —
Por toda a parte assim verás minh' alma
Sparzir os teus louvôres.

NURIPÊ, levantando-a.

Urge o tempo; Arizá, minha presença,
Entre os meus necessária, aquî demóras!
Vê; máis humano sou do que se pensa : —
Outorgo a liberdade que me implóras.

ARIZA, com accento de gratidão.

Ah, Tupá fácil permitta
Sempre sêjas triumphante!
Tua fáusta, etérna dita
As nações todas espante!

NURIPÊ, ausentando-se.

Retiro-me agóra, formosa Arizá; —
A tába me chama em seu único amparo.
Meu peito ditoso em prazèr nadará
Si amôr lhe concédes que tanto lhe he charo....

ARIZA.

Oh, emquanto viva eu fôr
Terás minha gratidão : —
Porêm, nunca, nunca amôr
Te dará meu coração.

ACTO SEGUNDO.

O theatro representa o terreiro da tába dos Paráviánas, onde estàm sentados em semi-cìrculo sôbre tóros ou pédras os anciãos da tába, e o chefe ou Tuxáua d'esta : todo o máis espaço em róda he occupado pelos jóvens guerreiros, que assìstem de pé e armados.

SCENA I.

NURIPÊ, levantando-se.

Anciãos e guerreiros mancêbos,
Vós unìs a prudência ao valôr;
Sempre armados de firme constância,
Sois de imigas nações o terrôr :
Todas ellas agóra desêjam
Destruir nossa tába gentìl; —
Nossos bósques já muitas invádem,
E em soccôrro lhes vêem mil e mil :
Si quizerdes, oh pôvo invencìvel,
Inda o vosso Tuxáua escutar,
Attendei; — elle sempre he o mesmo
Que vos sóhe ás victorias guiar!

CORO DOS ANCIAOS E JOVENS GUERREIROS.

Nuripê — o Tuxáua — adorâmos;
Os seus vótos apraz-nos seguir:
Falle o bravo dos bravos, e ouçâmos
O que vái-nos dos lábios abrir.

CORO DOS ANCIAOS.

N'elle o gênio que nós conhecemos
(Oh, ninguém duvidar ousará!)
Do juìzo e exp'riência que temos
Muito acima de cérto que está.

AMBOS OS COROS.

Falle o bravo dos bravos, e ouçâmos
O que vái-nos dos lábios abrir:
Aos seus vótos attentos sejâmos;
Nós devemos-lhe os vótos cumprir.

NURIPÊ.

Apressêmos-nos! — o ázo se atalhe
De se unìrem contrárias nações:
Nós melhór certamente as-vencemos
Dividindo-as em tênues fracções.
Amplos sam estes bósques, batêl-as
Vós máis fácil allì poderêis: —

Si esperáis-lhes aquì os assaltos,
Nossa tába, oh! em vão defendêis.

UM DOS ANCIAOS.

Não; eu não desalento; mas elles,
Possuindo uma fôrça maiór...

NURIPÊ, interrompendo-o.

Não temáis! — si o valôr acabrûnham
A traição approveita melhór. —
Quem hesîta em defêsa da pátria,
Contra o imigo, os ardìs empregar?
Anciãos que assistìs ao concêlho,
Consultái a memória, e dizei: —
Nossos páes não sohìam haver-se
Qual eu d'elles agóra fallei?

CORO DOS ANCIAOS.

Sim; a verdade manou
Dos teus lábios, oh guerreiro;
Já a pátria se salvou
De seu fado derradeiro
Por seguìrem nossos páes
Alvitres aos teus iguáes.

NURIPÊ.

Sus! valentes guerreiros, marchemos

Contra o nosso inimigo feróz,
Que dispõe-nos á pátria adorada
Captiveiro o máis bárbaro e atróz.
Poderei succumbir n'esta lucta :
Nada importa ! — a victória porêm,
Crêde, he vossa : meu plano seguro
Nunca, nunca fallido vos tem.
Da guerra o clamôr
Retumbe tremendo !
Em bréve sabendo
Os vìs ficarão, —
Tomados de horrôr,
Qual he o valôr
Da invicta nação —
Da terra esplendôr !

AMBOS OS COROS.

A victória será dos valorosos,
Assim, nós valorosos esperâmos
A victória alcançar :
E do nosso Tuxáua confiâmos,
Pois sabe de inimigos numerosos
Mui hábil triumphar.

Levântam-se todos dispondo-se em filas, e brandindo as armas.

Nem os filhos nos dirão : —

« Nossos páes quam mal guardáram
« Contra a séva escravidão
« Estes campos que regáram
« A'guas já de liberdade
« Desde a máis antiga idade! — »

NURIPÊ.

A quem não rende ou atterra
Nossa indómita bravura?
— He debalde que procura
O inimigo nos vencer.
Entoái o hymno de guerra!
Eia, oh bravos! ao conflicto!
Eu, comvôsco, não hesìto
A victória em predizer.

Sôam os instrumentos béllicos, e ao mesmo tempo brandindo as armas todos sáhem entoando:

A guerra nos he mui grata
Quando a pátria defendemos:
Pela pátria e liberdade
Combatendo morreremos.

SCENA II.

ARIZA, só.

Irahy — o meu amado —
Nunca máis o-abraçarei?
Nunca máis conseguirei
Ai de mim! vêl-o ao meu lado?
Insanável dôr ferira
O meu triste coração,
Que incessante, sempr' em vão
Seu amôr geme e suspira!...
Eu não tenho a faculdade
De poder á pátria me ir;
— De que vem á me servir
Ai! sem pátria a liberdade?
Não esperes que Tupá
Feliz vôlva o teu destino
Tam cruél e tam ferino,
Oh misérrima Arizá:
Por temôres tôrpes, vìs,
Tu não mudas tua sórte!
Dam-te os bosques para a mórte
Os venenos máis subtìs...
Mórre! mórre! — o teu pezar
Máis te afflige e máis apérta:

Só assim he que se acérta
Para sempre o-terminar.

SCENA III.

ARIZA, COÈMA, e BAJARA.

COÊMA e BAJARA.

Aquì vẽem tuas amigas
Te render os parabens
Pela dita que já tens.

COÈMA.

Arizá, não te maldigas
Máis de tua inf'licidade;
Que obtivéste a liberdade!

ARIZA.

Eu não sou ainda livre
De partir para entre os meus;
E a ventura só pertence
A' quem vive juncto aos sèus.

BAJARA.

Que és feliz, oh, nós sabemos...
O Tuxáua te fallou,
E si o amôr não te alcançou,

Como livre hôje te vemos?
E's de seu peito senhóra,
Tu a quem máis elle adóra.

ARIZA.

Quam exîgua avaliáveis
A firmêza de meu peito!
— Irahy he quem só amo :
Outro espôso, oh! eu rejeito.

COÈMA.

Eu bem sei que ao teu amado
Tributavas véro amôr;
Mas aquî máis esplendôr
Póde sêr por ti achado :
Si o Tuxáua he teu espôso
Fado espéras máis formôso?!

BAJARA.

Chara amiga, confessar-nos
Si não quéres a paixão,
Não a-deves máis negar-nos :
Ao voltar da expedição
Nuripê mesmo dirá
Quanto occultas, Arizá.

SCENA IV.

As mesmas, e JACY.

JACY.

Renascêo minha ventura!
Quantas graças eu te dêvo
Nem tu sabes, Arizá!

ARIZA.

Oh! comigo tal brandura
Jacy hôje empregará!

JACY.

Porque não te conhecìa,
Aggravei-te: mas perdôa
Os ultrajes que te fiz.
Eu entâm te abhorrecìa
Te julgando máis feliz.

ARIZA.

Ah, explica-me, Jacy,
As palavras que proféres;
Pois eu não te comprehendo,
Eu que nunca te offendì,
Ultrajada sempre sendo!

JACY.

Sim, agóra confessar-te
Quéro minhas injustiças.
Arizá! — eu te odiava...
Nuripê por muito amar-te
Quási já me abandonava;
Si me tinha amôr profundo,
Máis profundo lhe influìas; —
Anhangá o-quiz assim!
— Mas teu sêio pudibundo,
Repellindo-o, o-volve á mim.

ARIZA.

Jacy própria reconheces
A purêza de minh' alma.

JACY.

Sim; e tu restabeleces
Em meu sêio a dôce calma.

A' dois.

JACY. Abráçam-se. ARIZA.

JACY.	ARIZA.
Implacável rancôr,	Longe, zêlos de amòr
Que feróz te votei,	Que eu outr'óra inspirei,
Em fratérna amizade	A fratérna amizade
Eu agóra o-troquei.	De Jacy alcancei.

JACY.

Antes de ir á expedição
Nuripê térno abraçou-me,
E em tom firme suspirou-me :
« He só teu meu coração. »

ARIZA.

Para a tába onde nascì
(Lá me vive quem adóro) —
D'elle obtem, oh! eu t'o-implóro,
Que permitta ir-me d'aquì.

JACY.

Eu por ti que não farìa!
Hei de cérto conseguir
Que te deixe á tua pátria,
Qual desêjas, te partir.
Quam feliz he meu destino!
Vále! — he fôrça me ausentar :
N'esse lago crystallino
Que ensômbram as mongubeiras
E os verdôres das palmeiras
O meu côrpo vou banhar.

Sáhe.

SCENA V.

ARIZA, COÊMA, E BAJARA.

ARIZA.

Ouvìs? — Elle, generoso,
Remittio-me a escravidão;
Mas não fil-o esperançoso
De lhe dar meu coração.
A' Jacy, á sua amante,
Todo agóra voltará;
Ella he linda e mui constante,
E qual d'antes o-amará:
Ah! só foi por causa minha
Que em amal-a arrefecêo,
Mas a culpa eu não a-tinha
D'esse amôr que me off'recêo.

COÈMA.

Arizá, não sam suspeitas
As palavras que murmuras...

BAJARA.

Digno amôr tu não procuras!
Esse amôr louca rejeitas!

— Merecîas as venturas
As quáes tu desapproveitas!

ARIZA.

Ah! Coêma, e tu, Bajára,
Vós verêis a que se atréve
O meu peito dentro em bréve,
Si na pátria dôce e chára,
Ai! pulsar-me não máis déve
Juncto á quem eu só amára!...

ACTO TERCEIRO.

O theatro representa um lado da tába dos Parávíánas, e ao longe o terreiro da mesma. ¡Ouvem-se distantes sons de instrumentos béllicos, e a strópHe seguinte d'um hymno de triumpho : —

. . . .

He nossa, he nossa a victória!
Honra aos bravos! honra e glória!

SCENA I.

JACY, entrando.

Com presentes eu descî
Do pagé ao antro escuro,
E lá sûpplice o-conjuro : —
« Volve o amante que elegî
« Ao amôr sempre leal! — »
— Serás sempre sem rival,
(Respondêo), linda Jacy. —

Ouve-se esta outra strophe ainda fóra :

Desdenhâmos o temôr
Quando a pátria defendemos :

Onde existe algum valôr
Que assim pois não rechassemos?

JACY, prestando ouvidos.

Ouço os cantos de triumpho!!!
Nuripê vou encontrar....
D'alvos dentes do inimigo
Hei-de têr béllo collar!

Sáhe.

Ouve-se ainda fóra, ao pérto:

Brilhe o rîso, almo prazêr,
Sob as ázas da victória!
Circumdando-nos de glória,
Próle e espôsas defendêr
Conseguìo nosso valôr
Das nações hôje o terrôr!

SCENA II.

Um grande nùmero de guerreiros paráviánas vencedôres e armados êntram, e bem assim muitas donzéllas da trîbu, por todos os lados do theatro.

CORO DOS GUERREIROS.

Nós apênas nos mostrámos
Que a victória nos c'rôou!
Nossa tába nós salvámos

Da eversão que receiou.
Quáes as fôlhas d'um arbusto
Si o tuffão asp'ro as-levou, —
Ante nós, — chêio de susto, —
Tal o imigo se escoou!
Honra á válida nação!
Abaité, e seus guerreiros
Mil e mil, — em nossa mão
Gêmem lá prisioneiros.

Longa páusa.

Mas em tanta alacridade
Nosso lucto occultaremos?
Nuripê, — por quem vencemos, —
Não nos ha de máis guiar!...
Nossa crua inf'licidade,
Oh guerreiros, deploremos!
— O Tuxáua nós perdemos;
Que nos póde consolar?!

SCENA III.

Os mesmos, e trêz Guerreiros.

OS TRÊZ GUERREIROS.

O pagé foi consultado
Sôbre a sórte do inimigo :

Trêmam, trêmam do castigo!
— Nuripê! serás vingado.

CORO DOS PRIMEIROS GUERREIROS.

Do pagé qual foi o canto
Infallìvel, justo, e santo?

UM DOS TRÊZ GUERREIROS.

« — Nem os vìs, mólles contrários
« Vêjam máis a liberdade;
« Abaité, porêm, nefários
« Pague os feitos e a maldade:
« — O Tuxáua atanayrû
« Ao supplìcio não escápe
« O máis féro, diro e crû: —
« Mòrra ao córte do tacápe. »

CORO DAS DONZÉLLAS.

Companheiras, exultemos!
Brevemente o atróz supplìcio
De Abaité e o sacrifìcio
Com prazêr contemplaremos.

OUTRO DOS TRÊZ GUERREIROS.

E o pagé accrescentou: —
« Qual he uso, a máis formosa

« Das donzéllas se lhe dê; —
« Sêja a mesma que abrazou,
« Mas arìsca e desdenhosa,
« O Tuxáua Nuripê. »

CORO DAS DONZÉLLAS.

Oh! quem só o-repellìo,
Arizá — foi Arizá!

CORO DE TODOS OS GUERREIROS.

O pagé a-preferìo;
Do inimigo ella será.

SCENA IV.

Os PRECEDENTES. Alguns Paráviánas êntram e condùzem á um tajupár ABAITÉ, Tuxáua dos Atanayrús, que ahî fica prêso á *mussurána*. Vêem-se desfilar guerreiros atanayrús captivos seguidos dos vencedôres, que vam armados.

UM DOS PARAVIANAS.

Cruento Abaité! — a vingança he atróz
Que vamos de ti furiosos tomar....
Vês quantos guerreiros, d'um passo velóz,
Podéram dos teus um sem-num' ro domar?!

ABAITÉ.

Muito jóven sou, — comtudo
Meu valòr e previdência
Tem salvado minha tába
D'imminente decadência :
Si da tenra infância o nome
Transmudei no de Abaité,
Este obtido por meu sangue
Em trabalhos mil só he : —
Fulgurante d'alta glória
Viverá minha memória!

SCENA V.

Os MESMOS, excepto os Atanayrús e os Paráviánas que os-seguiram.
Entram outros Paráviánas com ARIZA.

UM D'ESTES, para ARIZA.

Nuripê te libertou,
E's assim Paráviána;
O pagé te destinou
Aos amôres do inimigo
Allì prêso á mussurána :
Não ha pois nenhum perigo
Si Abaité, que abominâmos,
Só á ti o confiâmos.

Sáhem.

SCENA VI.

ARIZA, E ABAITÉ.

ARIZA, entre si, chorando.

Nunca, nunca o prisioneiro
Meu amôr profanará! —
Do uirarî subtîl reneno
D'este horrôr me salvará.

Fica parada diante de Abaité. Silêncio por alguns instantes.

ABAITÉ.

Enxuga, oh vîrgem, o pranto
Que não cessas de verter!
Animoso, sem espanto,
Eu alégre vou morrer.

ARIZA, entre si.

Oh! que abalo não sentî!
D'elle á vóz estremecî!

ABAITÉ.

Tu és filha d'inimigos,
D'inimigos que eu odêio, —
Mas incantos já perdidos
Me revolves no îmo sêio!

ARIZA, entre si.

Exp'rimêntam meus sentidos
Indizîvel, dôce enlêio!...

ABAITÉ.

Linda filha do inimigo,
Teus amôres eu rejeito....
Mas que incanto tens comigo!
Qu'impressão em mim tens feito!
— Meiga, vìvida lembrança
Tu despértas em meu peito
Pela tua similhança
Com a vîrgem que eu amei!
Em teus ólhos eu achei
Ineffáveis attractivos
Dos seus olhos nêgros, vivos
Quáes os-tem a cangatá!

ARIZA, entre si, mirando-o.

Cada vêz, grande Tupá,
Mais attráhe o seu semblante!...
Máis parece o meu amante!...

ABAITÉ.

Como o tronco da inajá
Que gentîl, viçoso está —
Era esvelto o côrpo seu,

Mas não tanto qual o teu :
No moreno cóllo ás auras
Seus cabêllos se espalhávam;
Ah! no brilho e formosura
Teus cabêllos irmanávam!
Com pequena differença
Me parece a-contemplar!
Eis seus lábios! — o seu ar!
Os seus hombros! a presença!
Quando, oh vîrgem, eu te vi,
Vêl-a quási presumî!...
Mas no mórbido tornêio
Tuas faces dissimîlham,
Bem assim na pallidêz;
Nem os pômos de seu sêio
Eram jambos onde brîlham
Os signáes da madurêz.
Mimosos pés que a-sustêntam
Podem sem difficuldade
Minhas mãos dentro os-conter;
Teus bréves pés represêntam, —
Quáes d'infante em tenra idade
Que o pái sóhe nas mãos erguer.

ARIZA, entre si.

A' Irahy por que prodîgio

Assimilha-se Abaité?!
De Anhangá um vão prestìgio
O que vêjo e ouço não he?!...

ABAITÉ.

Si a baunilha se entrelaça
Co' o gentìl maracujá, —
Quando a um agita a briza
Tambêm o outro agitará :
Táes no amôr éramos ambos!
O pensar que me occupava, —
Fôsse alégre ou triste fôsse,
Esse mesmo ella formava.
Eu jurava-lhe : « Eu te adóro, »
« — Eu te adóro, » ella á jurar;
O meu peito arfava inquieto!
Era igual do seu o arfar!
Oito vêzes tem brotado
Flôr e fructo o guapohì,
Depois que no sólo amado,
Infeliz eu a-perdì...
Desde entâm embalde a-chóro;
Seu destino todo ignóro!...

Pende-lhe a cabeça para o peito, e elle chóra.

ARIZA, enternecida.

A minh' alma te deplóra!

— Te evadires deixarei : —
Vái, guerreiro, vái-te embóra;
Mussuránas cortarei...

Em acção de cortar-lhe as chórdas.

ABAITÉ, suspendendo-a

Nunca! — nunca! — Já vencido,
Como um fraco hei de fugir?!...
Falla! — falla! oh linda vîrgem,
Tua vóz só quéro ouvir.

ARIZA.

Eu não sou, oh prisioneiro,
Da nação a quem odêias :
Estas térras onde habîto
Como á ti me sam alhêias.
Ah! perdêste a tua amada,
Meu amado, oh dôr! perdî!...
Julgas tu em mim revêl-a,
E eu revêl-o julgo em ti!

ABAITÉ, entre si.

Arizá qual esta vîrgem
Vóz tam meiga desatava;
Imitar-lh'a na doçura
Impossîvel eu julgava!

ARIZA.

Ai! de fructos oito vèzes
Ananìs já se c'ròáram,
Depois que da liberdade
Os imigos me priváram...

ABAITÉ.

Quantas vêzes enflorado
Para ti elles se havìam?

ARIZA.

Dòze : para meu amado
Vinte vêzes florescìam.
Os meus páes lhe promettêram
Nossas vidas reunir, —
Mal os fïos que me cìngem
Me podéssem distinguir...
Mas que próvas se exercêram,
Oh Tupá! do seu valòr! —
Táes extremos não se fìngem
Fòra falso o seu amôr.

ABAITÉ, turbadìssimo.

Illusão! cruéis prestìgios
Dos Espìritos conhêço...

Manitôs! eu fremo! o sangue
Se alvoróça!... eu desfallêço...
Meiga vîrgem, serás tu
Da nação atanayrû?

ARIZA.

Das águas o corrêr lá vi primeiro.

ABAITÉ, entre si.

Não he ella? — He Arizá!
Mas não... si fòra...

ARIZA, não menos desassocegada.

Dize-me, o guerreiro...
Vacillo... Elle?!... Elle será?...

ABAITÉ.

Ah! si acaso te chamáras
Arizá! — Si fòsses ella, —
Conhecêras, vìrgem bélla,
O signal que me graváras...
Móstra-lhe cérto lugar no peito.

ARIZA, junctando as mãos para o céo.

E's tu!...

ABAITÉ.

Arizá querida!...

Córrem á abraçar-se.

ARIZA.

Irahy! emfim Tupá
Se doêo da triste vida
Da misérrima Arizá!

ABAITÉ, E ARIZA.

Nossos ólhos s'inûndam, ah! de prantos
De profunda tristèza e de alegrìa; —
Quáes flóres que s'inùndam dos orvalhos
D'atra noite e manhã d'um béllo dìa.

ARIZA, affastando-se tremente.

Trêz guerreiros se aproxîmam;
'Quáes intentos os-anîmam?!..

SCENA VII.

Os MESMOS, E TRÊZ GUERREIROS PARAVIANAS, com cêstas de fructas, etc., destinadas ao prisioneiro e á Arizá.

UM DOS GUERREIROS, a Arizá.

Alimentos êis trazemos
Para ti e o prisioneiro.

OUTRO, á mesma.

Com aspecto prazenteiro
Já agóra nós te vemos!

OUTRO, á mesma, sarcasticamente.

Arizá, êis-te propîcia
Do inimigo á vil delîcia!
Repulsaste a Nuripê, —
De Abaité amante sê!!

Sáhem.

SCENA VIII.

ABAITÉ, E ARIZA.

ARIZA.

Avistando-os, Irahy,
Oh, que sustos não soffrì!...

ABAITÉ.

Nuripê, — o refalsado, —
Aspirou ao teu amôr?!
Arizá, o teu amado
Déve crêr em teu candôr?

ARIZA.

Não duvides, Irahy; —
Antes póde o mauary
Transmudar su' alva côr
Para a côr do jupará,
Do que dar-te falso amôr
A fiél, firme Arizá.

ABAITÉ.

Indo aos prélios nem tanto os guerreiros
Necessîtam de as armas levar, —
Qual preciso das tuas palavras
Para a minha desgraça olvidar!

ARIZA.

O'lha; as sombras já se accólhem
Sob a cópa do arvorêdo, —
Receiêmos que o inimigo
Pôssa aquì voltar bem cêdo :
Velózes fujamos, oh meu Irahy...

Córta-lhe a mussurána.

ABAITÉ.

Oh! sim : inda ha pouco fugir renuì,
Agóra, porêm, fugir não tardemos;
A' tába natal êia préstes voemos.

ARIZA.

Mas em paráviána te disfarça,
Para não sêrmos d'elles conhecidos...
Sam desértos da tába os tajupares,
E lá eu te acharei alguns vestidos.

ACTO QUARTO.

O theatro representa valles amenìssimos tapizados de flòres e rélvas serpeando entre collinas graciosas, d'onde se debrùçam arbustos enleiados de cipós que se embalânçam em florìgeros festões. Montes elévam seus tópes anilados reflectindo os clarões do sol cadente.

SCENA I.

GUERREIROS ATANAYRUS, — parte armados, — parte desarmados, — entôam em côro:

Já nós quási do triumpho
Entoávamos o canto; —
Quando horrôr, e mórte, e espanto,
Entre os nossos se espalhou!
Sim! — que um vulto ruge e freme
Contra nós d'entre as floréstas;
E de sùbito èis que d'estas
Hóste armada pullulou : —
Era o atróz Parávi iána,
Nuripê, — o refalsado, —
Que Anhangá sempr' irritado
A' perder-nos destinou!

SCENA II.

Os mesmos, e outros Atanayrûs que vêem conduzindo a Xuripê e alguns Parávíánas prisioneiros, com os quáes êntram enfiando o lado oppôsto do proscênio.

Mas siquér chegando á tába,
Filhos, páes, térnas consórtes, —
N'elle póssam dîras mórtes
Ai! dos seus todos vingar.

UM DOS ULTIMOS ATANAYRUS.

Eia, atanayrûs guerreiros,
Infelizes companheiros,
Nossa marcha suspendamos;
Para nós e os prisioneiros
De descanço precisamos:
Vigôr nôvo se recóbre
Té que a noite se desdóbre.

Sômem-se todos atraz dos sêrros.

SCENA III.

ABAITÉ ou IRAHY, disfarçado em paráviána, e igualmente ARIZA.

ABAITÉ.

Arizá, oh minha amada,

Eis que salvos já nos vemos;
Mas por isto sempre temos
Caminhado sem cessar;
Nós ainda nem podemos
Bréve instante respirar :
A's fadigas costumado
Eu não deixo-me abater;
Porêm vêjo-te ao meu lado
Cruelmente padecer...

ARIZA.

Tambêm he grave o pêso de seu fructo, —
Mas oppressa a palmeira se lamenta?
Ao contrário; — ella o julga diminuto,
Que máis bella e subêrba se apresenta.

ABAITÉ.

Arizá, de repouso tu precisas :
O bósque he solitário; descancemos;
Quando virmos soprar da noite as brizas
Proseguir nosso curso poderemos.
Estes valles tam gentìs
Ah! de meigo amòr nos fállam :
Dòces cantos lá exhálam
As graùnas e os sahìs :
Na folhágem do ingazeiro

Brîncam auras, que recêndem
Com a flôr do cajueiro :
Zabelês térnas desprêndem
Os seus áis volupiosos,
E saudosos,
D'entre a rélva tam macìa
Que eu dirìa
Sêr das aves o frouxél!

ARIZA.

Como he dôce o puro mél
Das mimosas jandahyras,
D'onde emana grato odôr,
Tal assim o que profiras
Me he dôce, oh meu amôr!

Sêntam-se no declìvio de uma collina juncto á uma árvore.

ABAITÉ.

Não he raro, não, que um hômem
Suba em árv're a máis erguida —
Onde a flécha não alcança;
E si os ramos lá se rômpem,
Vem precìpite, — da vida
Sem a mìnima esperança : —
Mas Tupá he tam clemente!
Elle os braços estendêra

Dos cipós que o triste ampáram ;
No seu transe nem máis este
Esperar já se atrevêra
Os soccórros que o-salváram !
Ah! qual o hômem que figuro
Tal sou eu, oh minha amada,
E tu fôste os pïos braços
Dos cipós que o-soccorrêram.
Nossa vida está ligada
Nos máis charos firmes laços...

ARIZA.

Eu feliz hôje te dêvo
Minha existência tambêm :
De máis prêço e máis enlêvo
Para mim ella he porêm.

ABAITÉ.

Tam gentìl, e não amares!...
Nem a fé me abandonares!...

ARIZA.

Pergunta á jassanan si olvidarìa
A próle que entre os juncos ella educa ;
— Responderá : « Jamáis ! » Assim respondo :
« Jamáis eu te esquecìa. »

ABAITÉ.

Nunca a térna jurity
Suspirou tam maviosa,
Arizá! quanto amorosa
Tua vóz agóra ouvî...

ARIZA.

I'gneos vótos me offertávam,
Mas teus votos só reinávam:
Assim lá do Queceuéne
Nas selvosas ribanceiras
Todos os écchos se absórvem
No rumôr das caxoeiras

ABAITÉ.

Sempre viva no meu peito
Tua imágem foi tambêm,
E a-guardava
E a-adorava
Com um zêlo máis perfeito
Do que véla a onça o leito
Onde a próle occulta tem...

ARIZA.

Toda a vêz que eu apanhava

Um gentîl meigo supî,
Ah! beijando-o lhe exorava
Que voasse após de ti,
E soltando-o murmurava,
Por ti mórta de saudade: —
Dize-lhe, ave, que « he verdade »
Amo-o ainda qual o-amava!

ABAITÉ.

Qual d'entre as flôres guanamby só ama
Flôr em que o mel recende,
Assim d'entre as donzéllas só te quéro,
Teu amôr só me prende.
Arizá, tuas phrases divinas
Sam máis gratas que o próprio clamôr
Da victória que obtêm do inimigo
Nossa tába de immenso valôr.
De teu hálito a fragrância
Assimilha a do ananaz;
De teus lábios o surrîso
Máis que a luz do sol me apraz.

Abaité põe-se á colhêr flôres, com que vái ornando os cabêllos de sua amada.

SCENA IV.

Alguns dos Atanayrûs que se haviam internado nos valles e sêrros apparécem entre as árvores sem que os-percêbam Abaité nem Arizá.

UM DOS ATANAYRUS.

Esperemos!... ha quem négue
Que o inimigo inda nos ségue?

OUTRO.

Silêncio!... Paráviánas
Allì vêjo descançando...
Exploremos por emtôrno
Si outros vẽem aquì marchando...

OUTRO, ao precedente.

Quéres tu d'esta maneira
Sua mórte demorar?!
Como tenho a mão certeira
Vou agóra lhes mostrar...

Atésa a chórda do arco onde tem já uma fléCha embebida, e aponta para Abaité e Arizá.

UM DOS OUTROS, travando-lhe do arco.

A' razão, guerreiro, céde!
— A prudência nos impéde
N'algum acto consentir

Que nos póssa mal-armados
Ao imigo descobrir.
Si dois sós vemos sentados
Cem e cem pódem surgir
N'estes sêrros emboscados...

Sômem-se de novo.

SCENA V.

ARIZA, E ABAITÉ, de joêlhos ante sua amada continuando á enfeitar-lhe de flôres as longas madeixas.

ARIZA.

Nas órlas d'um rïo
Um dia eu vagára
A' ver si d'um' ave
Tu' alma usurpára
A fórma incantada
Após o morrer :
Aos hymnos das aves
Eu applìco o ouvido,
Dizendo comigo : —
« Tendo elle morrido
« Não quéro viver... »
— Acauân sinistro
Eis carpe-se horrendo
Nos mangues escuros ; —

As côres perdendo,
Fiquei á tremer!...

ABAITÉ.

Si eu tivesse já morrido
Haverìa preferido
Linda fórma d'um japim
De cantar harmonioso,
Para vir-te pressuroso
Relatar nóvas de mim.

ARIZA.

Ouves tu, meu dôce amado,
Sussurrar a briza?
Ouves tu o remurmûrio
D'agua que desliza
Entre as flôres d'este prado?
Riso, incanto, gôzo, amôres,
Tudo, tudo aquî respira!
— Porêm nada me tocára
Si eu acaso não ouvira
O teu nome que soára
D'água e briza nos rumôres
E entre arômas d'essas flôres!

Brîlham estrêllas, e a lua móstra seu disco de prata sôbre as montanhas.

ABAITÉ.

Lança agóra os teus olhares,
Oh dulcíssima Arizá,
Para o azul campo dos ares:
Já scintìllam flammejantes
Os fulgôres de Tupá!
Meiga lua êis já passêia
Sôbre os montes viridantes
Que su' alva luz clarêia!

SCENA VI.

Accórrem d'entre o arvorêdo um grupo de Atanayrûs, que páram á distancia, sôbre os sêrros, adiantando-se dois dos mesmos para Abaité e Arizá.

OS DOIS ATANAYRUS.

Paráviánas traiçoeiros,
Eia! sois nossos escravos:
Com os outros prisioneiros...

ABAITÉ, conhecendo o engano dos seus, e arremessando o cocár de plumas que lhe ensombrava o rôsto, e ao mesmo tempo sahindo de sob as árvores:

O Tuxáua vêde, oh bravos!

OS DOIS ATANAYRUS, estupefactos.

Um vão sonho não he?!
— O Tuxáua em pessôa,
O valente Abaité!

A' este tempo têem chegado os outros Atanayrûs que, depondo as armas aos pés do chefe, e curvando-se-lhe diante, exclâmam:

Oh Tuxáua! perdôa!...

ABAITÉ.

He assaz, fórtes guerreiros;
Nada eu tenho á perdoar-vos...
Infelizes companheiros!
Vinde á mim, quéro abraçar-vos...

Lânçam-se nos braços d'elle. Abaité toma Arizá pela mão e apresenta-a aos seus:

Eis aquì a minha amada,
Que o inimigo captivára!
Já da mórte decretada
Ella a vida me salvára.

OS ATANAYRUS.

Abaité, — festejaremos

União tam venturosa
Com a mórte sanguinosa
Do *cruél*, que alfim prendemos,
E de alguns dos seus guerreiros
Tambêm nossos prisioneiros.

SCENA VII.

Os MESMOS, e o résto dos Atanayrûs que trázem os prisioneiros,— NURIPÊ, e alguns Paráviánas.

ARIZA, divisando Nuripê, entre si.

Nuripê entre os captivos
Não distìngue a minha vista?!

NURIPÊ, admirado de aquî vêr Arizá, entre si.

He possìvel que em táes sìtios
Arizá presente exista?!...

ARIZA, dirigindo-se á Abaité, e indicando-lhe Nuripê.

Irahy! já te fallei
D'este mìsero vencido....

Dirigindo-se á Nuripê, e indicando-lhe Abaité.

N'elle vês quem sempre amei,
Por quem fôste preterido :

— Tanto amáras a Jacy
Quanto eu amo a Irahy!

NURIPÊ.

Pôsto que jamáis quizéste
Acceitar o meu amôr,
Ah! ingrata, inda o rancôr
Contra mim não depozéste?!

ARIZA.

Da vingança a crua sanha
Em meu peito, oh! eu proscrêvo.
Nuripê, não sou estranha
A's bondades que te dêvo.
Irahy he generoso, —
Nem á voz de su' amante
Desattende furioso....

A' Irahy, em tom supplicante.

Irahy! ái! n'este instante
Paga o indulto precioso
Que doou-me Nuripê: —
O primeiro em tudo sê.

ABAITÉ.

O que me supplìcas?!

ARIZA.

Sua liberdade.

ABAITÉ.

Vê que sacrifìcas
Geral f'licidade!...

ARIZA, descontente.

Pois bem! não accédes?...

ABAITÉ.

A vida te dèvo e o máis càndido amôr :
Negado o que pédes —
De mim desgraçado si agóra t'o-fôr!

ARIZA, abraçando-o.

Meu ânimo sente-se ufano e vaidoso
De amar um guerreiro,
No amôr tam affável, leal, generoso,
Na guerra o primeiro!

ABAITÉ, aos seus.

Oh guerreiros, perdoemos!
Ella o-quér, e quem resiste?

OS ATANAYRUS.

Abaité, nós concedemos
O perdão que proferiste.

ABAITÉ.

Soltai-os! — Nuripê, por ella és livre!
Vái-te, vái-te com os teus, féro inimigo.
Os Atanayrûs desátam as prisões á Nuripê e aos outros Paráviánas.

NURIPÊ, enternecido e maravilhado.

Tuxáua atanayrû! beneficente
N'este dia fatal serás comigo!...

ABAITÉ E ARIZA.

Tendo só um coração
Irahy máis Arizá, —
Indiff'rente á gratidão
Um á do outro não será.

NURIPÊ, depois de curta pausa.

Si eu pedisse a salvação
Fôra infâmia e cobardîa :
Nuripê sua nação
Nem a si aviltarîa....
Mas poisque a liberdade

Voluntário tu me quéres,
Oh guerreiro, conceder, —
Eternal grata amizade,
Pelo dom que me conféres
Nossas tábas vái prender.

ABAITÉ e NURIPÊ.

Nossas tábas, sim, liguemos
Na máis sólida amizade!
Nossa mûtua hostilidade
Hòje alfim ah! terminemos.

Trócam entre si duas fléchas cujas pontas elles québram primeiro.

ATANAYRUS e PARAVIANAS.

Revoêmos á tába!
Estas gratas notìcias
Nem máis lá s'esperáram!
O nosso ódio se acába;
Que allianças propìcias
Os Tuxáuas firmáram!

ABAITÉ.

Si depondo o ódio crû
Bem-quistada se agermana
A nação atanayrû

Co' a nação paráviána
A' Arizá graça se dê!
Que da paz foi ella o nó : —
— Tal nas sélvas lá se vê
Lindo flórido cipó
Reunir duas palmeiras
Sveltas, fórtes, e altaneiras!

NOTAS Á ARIZÁ.

NOTAS Á ARIZÁ.

ACTO PRIMEIRO.

Tupá (ou *Tupan*) : A Divindade suprema, o Grande Espìrito do bem, a alma do universo. Era o Pachacamac dos Peruanos. Algumas hórdas o-chamávam *Tamoî*, Tamussicabû, etc.

Anhangá (ou *Anhan*) : Espìrito do mal, como o do bem era *Tupá*.

Pagés (ou *Piágas*) : Sacerdotes, prophétas, os intérpretes dos mystérios, dos succéssos pretéritos, presentes, e futuros, os medianeiros dos Espìritos, e dos mortáes.

Tuxáua (ou *Tuxána*) : Chefe, maioral.

Trocáno : Cáixa de guérra; um tóro de árvore ouco, em que rebatìam com vaquêtas guarnecidas de borracha. Os seus sons estrugìam nas mattas á máis de uma légua de distància.

Theûba : Uma qualidade de abêlha.

Tacápe : Era uma espada de páu rijo endurecido

20.

ao fôgo, ás vêzes de dois cortantes, e com ou sem vários ornatos.

Tambárana (ou *Tamarána*) : Clava de quatro á cinco pés de comprido sôbre quatro pollegadas de largura, para uma de suas extremidades, adelgaçando-se para a outra, toda esquinada, excepto na parte por onde se manejava.

Tába : Era a habitação geral, ou se quizérem, uma aldêia, e constava de *tajupares* ou cabanas, ordinariamente, communs á muitas famîlias, que ahî suspendìam suas rêdes, guardávam seus arcos, fléchas, e as demáis armas offensivas e defensivas, seus utensìs domésticos, e os de caça, etc., etc.

ACTO SEGUNDO.

Damos o nome de *terreiro da tába* ao local onde se reunìam os guerreiros durante o dia á fim de deliberárem acêrca de negócios individuáes, e pûblicos, e onde se entretìnham ainda em diversos trabalhos, celebrávam féstas, e jógos, e outras solemnidades, tomávam sua refeição ou recebìam os hóspedes; era como que uma sala pûblica de até cem passos de comprimento e máis : ahì todos os guerreiros gozávam livremente do direito de exprimir seus vótos sôbre as cousas em que toda a nação interessava : o concurso dos membros d'essas sociedades de nossos aborìgenes designamos, quando deliberávam, com o nome de *Concêlho*.

Si quizerdes, oh pôvo invencìvel.

Pag. 257.

Ao chefe, á não sêr no meio dos combates, prestávam os guerreiros das trìbus brazilienses antes deferência do que submissão : era, antes que tudo, uma auctoridade patriarchal e prestigiosa que os dominava e mantinha sujeitos.

Anciãos que assistîs ao Concêlho,
Consultai a memoria.....

Pag. 259.

Os nossos selvágens não conhecîam outro módo de conservar e transmittir a lembrança dos acontecimentos que a tradição oral. Os *quipós* dos Peruanos ou os *hieroglyphos* do Anahuac lhes sam desconhecidos. Assim a memória dos hômens, especialmente a dos velhos, éram os fastos que se invocávam muitas vêzes; n'ella he em que vivîam os heróes da nação, que enthusiásticos *péans* exaltávam, e n'ella he em que a emulação da juventude haurîa brios e valôr para que a nova geração se avantajasse aos seus maióres ou siquér os-igualasse.

ACTO TERCEIRO.

Si da tenra infância o nome
Transmudei no de Abaité.

Pag. 275.

Os indìgenas do Brazil costumávam tomar um novo nome á cada acção de valôr, á cada proêza memorável que commettìam, e isto no meio de apparatosas solemnidades. *Abaité* significa *abalisado;* foi o nome que tomou *Irahy.*

Mussurana : Córda de fio de algodão.

Uirarî : He um cipó do qual indìgenas americanos extráhem um princìpio tóxico; têem de uso com elle, depois de mistural-o (em complicadìssimo procésso) com outros princìpios inértes uns, outros máis ou menos activos hervar as suas fléchas, e algumas hórdas a unha do pollegar para acabárem com os adversários que lhes vênham ás mãos. Póde sêr absorvido impunemente pelas vias digestivas : alguêm mesmo, diz-se, aprecìa saborear a caça mórta á flechadas servindo séttas envenenadas com o uirarì.

Cangatá : Ave de bellìssimos ólhos prêtos, muito vivos.

Inajá : Graciosa e elegante palmeira.

Mal os fïos que me cîngem
Me podéssem distinguir.

Pag. 281.

Era de prática entre algumas trìbus do Brazil trazêrem as mulhéres, apenas chegadas á idade pûbere, cértos fïos tecidos de algodão atados aos braços e á cintura : devìam necessariamente tiral-os quando casássem, ou infringìssem mesmo as lêis da virgindade.

Mas que provas se exercêram,
Oh Tupá! do seu valôr! etc.

Pag. 281.

Algumas vêzes um guerreiro não alcançava a pósse d'aquella que almejava desposar sinão á fôrça de próvas difficìlimas impóstas por esta ou pelos seus páes. O contracto conjugal se effeituava não raramente desde a infância a máis tenra; porêm os desposados só convivìam junctos na puberdade. Vemos contractos d'esta órdem na A'sia, e mesmo na Europa moderna.

ACTO QUARTO.

Nas órlas d'um rïo, etc.

Pag. 295.

Os autócthones brazilienses, ou máis exactamente alguns d'elles, também crìam n'uma espécie de metempsy'cose : assim, as almas regressávam á térra debaixo de fórmas de animáes e podìam communicar-se d'est' arte com aquellas pessôas que lhes fôssem charas, ou á quem lhes aprouvésse apparecêrem.

Supî : He um pássaro quási do tamanho d'um beija-flôr; elle articùla o seu próprio nome, que no idioma selvágem quér dizer : — *He verdade.* — D'esta circumstância me approveitei aquî.

Guanamby (ou *Guainumbî*): He o beija-flôr, o colibrì. O padre Jozé de Anchieta refere que estes passarinhos se alimêntam *somente* de *orvalho!* e accrescenta que se affirma haver d'elles um gênero que *se géra da borbolêta!!!* Sunt et alii passerculi, Guainumbî appellati, omnium minimi, rore solùm pascuntur; quorum cùm varia sunt genera, unum affirmant omnes ex papilione procreari. (Josephi de

Anchietâ epistola, quamplurimarum rerum naturalium quæ S. Vicentii (nunc S. Pauli) provinciam incolunt sistens descriptionem.)

Fulgôres de Tupá : Imaginávam aborîgenes americanos que o firmamento era como que uma abóbada sólida de saphy'ra, toda crivada, e que pelos seus orifìcios se escapávam os ráyos e resplendôres da Suprema Divindade.

IN'DICE.

Pariz. Na imprensa de Henrique Plon, rua Garancière, 8.